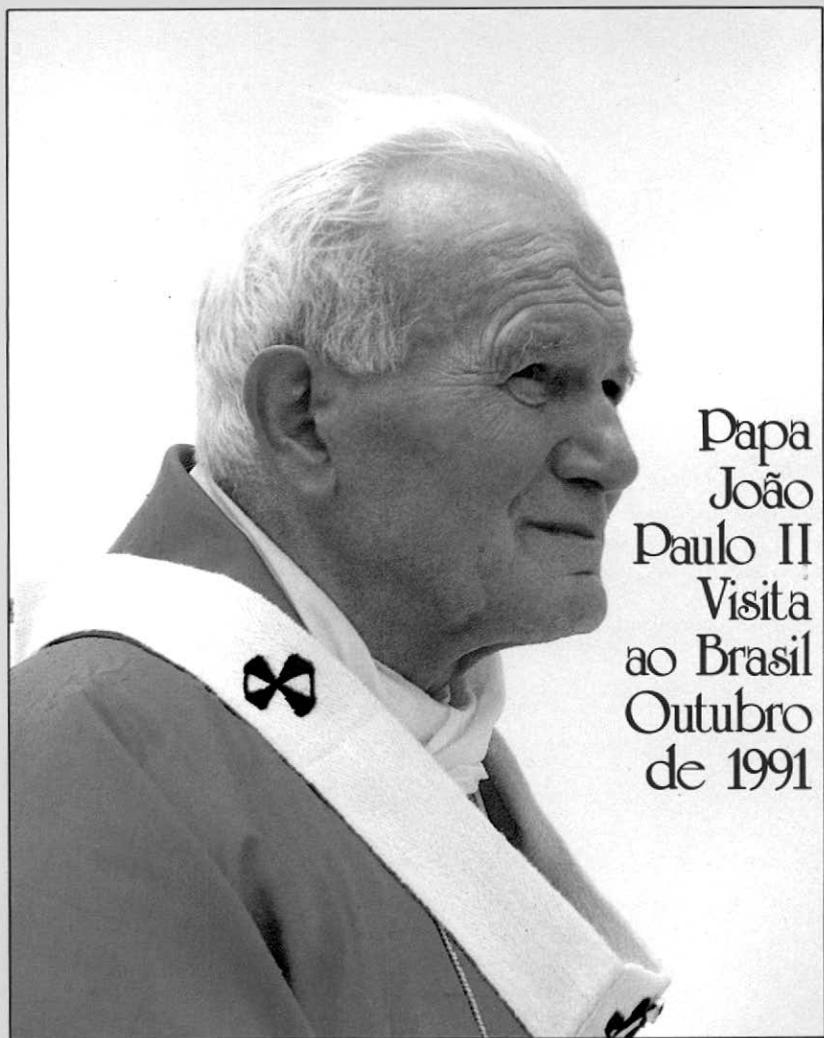


Homilias e Saudações



Papa
João
Paulo II
Visita
ao Brasil
Outubro
de 1991

Presidência da República
Secretaria de Imprensa

Homilias e Saudações

Papa João Paulo II
Visita ao Brasil
Outubro de 1991

João Paulo II, Papa, 1920-.

Homilias e saudações. Brasília, Presidência da República, Secretaria de Imprensa, 1991.

180p.

Contém saudações dos Senhores Presidentes da República Fernando Collor e Ministro de Estado das Relações Exteriores Francisco Rezek.

I. Sermão. I. Brasil. Presidente (1990- -Collor). II. Rezek, Francisco. III. Título.

CDD (16ª ed.) 252.6

Homilias e Saudações

Papa João Paulo II
Visita ao Brasil
Outubro de 1991

Secretaria de Imprensa
Presidência da República

Fernando Collor
Presidente da República

Itamar Franco
Vice-Presidente da República

1991

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Sumário

SAUDAÇÃO NA CHEGADA DO PAPA	9
CERIMÔNIA DE CHEGADA AO BRASIL	12
SAUDAÇÃO AOS FIÉIS EM NATAL, RIO GRANDE DO NORTE	16
HOMILIA EM NATAL, RIO GRANDE DO NORTE	18
ORAÇÃO DO <i>ANGELUS</i> EM NATAL, RIO GRANDE DO NORTE	23
ENCONTRO COM OS BISPOS DO BRASIL	25
ENCONTRO COM OS SACERDOTES DIOCESANOS E RELIGIOSOS	33
HOMILIA EM SÃO LUÍS, MARANHÃO	40
SAUDAÇÃO DO PRESIDENTE AO PAPA NO PALÁCIO DO PLANALTO	47
VISITA DE CORTESIA AO PRESIDENTE	52
ENCONTRO COM O CORPO DIPLOMÁTICO	56

HOMILIA EM BRASÍLIA	60
CELEBRAÇÃO DA PALAVRA EM GOIÂNIA, GOIÁS	65
ENCONTRO COM OS SEMINARISTAS	71
ENCONTRO COM OS REPRESENTANTES DA COMUNIDADE JUDAICA	78
HOMILIA EM CUIABÁ, MATO GROSSO	81
ENCONTRO COM OS INDÍGENAS	87
ENCONTRO COM OS JOVENS	92
ENCONTRO COM OS HANSENIANOS	99
HOMILIA EM CAMPO GRANDE, MATO GROSSO DO SUL	102
ENCONTRO COM O LAICATO CATÓLICO	109
MISSA DE BEATIFICAÇÃO DA MADRI: PAULINA DO CORAÇÃO DE JESUS AGONIZANTE	116
ENCONTRO ECUMÊNICO EM FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA	122
ENCONTRO COM AS RELIGIOSAS	126
HOMILIA EM VITÓRIA, ESPÍRITO SANTO	133
ATO DE CONSAGRAÇÃO À VIRGEM MARIA	138
ENCONTRO COM OS FAVELADOS	140
CELEBRAÇÃO DA PALAVRA EM MACEIÓ, ALAGOAS ...	146
ENCONTRO COM AS CRIANÇAS	152
ENCONTRO COM O MUNDO DA CULTURA	157
ORAÇÃO DO ANGELUS EM SALVADOR, BAHIA	165

HOMILIA EM SALVADOR, BAHIA	167
SAUDAÇÃO DE DESPEDIDA AO PAPA	174
CERIMÔNIA DE DESPEDIDA DO BRASIL	177

Saudação na Chegada do Papa

Beatíssimo Padre,

Na cidade de Natal, evocadora do nascimento do Filho de Deus, o Brasil volta a viver a alegria e a honra de recebê-lo, agradecido por essa nova visita, que acende entre nós, de novo, sentimentos de esperança, solidariedade e paz.

Com profundo respeito venho recebê-lo, em nome do Presidente da República, do Governo e do povo brasileiros, quando aporta em nossa terra no início desta segunda visita.

Aqui, mais do que em qualquer outra terra, o Santo Padre pode sentir a força de sua presença ressoar com tal intensidade. O Brasil é a maior nação católica do mundo e, mais do que a evidência desse fato, importa reconhecer a pureza e a vitalidade dessa fé. Por onde sua presença se anunciar, acorrerão multidões a ouvi-lo, com ansiedade e devoção.

Seu trabalho, Santo Padre, teve um papel essencial na construção do mundo novo que hoje ainda nos surpreende. Mais do que a corrida armamentista ou a competição econômica, foi a crise de legitimidade moral que esgotou os regimes totalitários. Sua pregação pela liberdade, pela democracia e pelos direitos humanos foi decisiva na decomposição progressiva e natural dos sistemas fechados na Europa e em outras tantas regiões do mundo.

Guardamos ainda a lembrança de sua primeira visita, na aurora dos anos oitenta, quando o Brasil vivia momento crucial de sua transição para a democracia. Sua palavra inspiradora tocou cada brasileiro e representou incentivo maior para que trabalhássemos com determinação redobrada pelo restabelecimento do Estado de direito e do respeito às liberdades essenciais do ser humano.

A vitória da liberdade, nos mais diversos quadrantes do mundo, foi também a vitória de sua ação incansável pela difusão dos valores éticos que conformam a doutrina cristã.

Ao longo desses dez anos, nós brasileiros acompanhamos os passos do Santo Padre pelos mais remotos pontos do globo, portador da mensagem do entendimento — do entendimento entre nações, entre bandeiras políticas, entre classes, entre pessoas.

A mensagem era fiel à letra e ao espírito da lição imemorial da Igreja, mas via multiplicado seu vigor na autoridade de quem a pregava. Seu estilo arrojado e inovador, sua coragem moral e física, sua constante disposição para falar e para ouvir, devolveram à palavra da Igreja uma audiência de que muitos já não a julgavam capaz neste mundo dominado em seu cotidiano pela ciência e pela tecnologia.

O homem, a partir do último século, buscou respostas no positivismo cientificista, no marxismo materialista, ou no capitalismo individualista. Por sobre desempenhos econômicos muito desiguais e diverso índice de respeito aos direitos humanos e à democracia, algo aproximava aquelas visões do mundo, que era a confiança em mecanismos automáticos de obtenção da paz e da felicidade coletiva, fosse o progresso técnico, o Estado ou o mercado. Prescindiam dos homens para projetar o futuro do homem. Faltavam-lhes a dimensão da liberdade e o sentido da fraternidade. Faltava-lhes o sentido central da mensagem que o Santo Padre levou ao mundo e que nos é particularmente caro no Brasil.

Vivemos hoje, em toda parte, o espanto da liberdade. Superado o confronto ideológico, desaparecidos os inimigos de ontem e os alinhamentos mecânicos, não temos sabido ainda usar por inteiro nossa liberdade reconquistada. Aqui e ali explo-

dem conflitos étnicos e lutas mesquinhas pelo poder, como numa paródia aviltada dos grandes enfrentamentos ideológicos do passado. A pobreza e o despojamento mais extremos pouco encontram que não a indiferença ou a reação egoísta de quem deseja preservar sua prosperidade a todo custo. Neste contexto, recobra todo seu alento e urgência a palavra da fraternidade, a recordação daquilo que une os homens para além de todas as desigualdades contingentes.

No Brasil, não deixaram raízes as idéias promotoras de conflitos de raça, cor ou credo, infelizmente freqüentes em outras paragens. Nosso País é evidência de que o natural do homem é o convívio; só a perversão organizada de seus impulsos espontâneos permite cultivar ódios persistentes. O pluralismo político e ideológico é a vocação mais profunda do povo brasileiro, consolidada desde nosso retorno à democracia plena.

Apesar de todos os nossos esforços, no entanto, a paz pública coexiste com profundas desigualdades sociais, que ofendem a dignidade humana e pesam sobre nossa consciência cristã.

O pastor da Igreja verá esses dois países, o da convivência harmônica de raças e classes, o dos contrastes entre a riqueza e a pobreza. Perceberá também, estou seguro, quanto temos lutado para corrigir essas distorções e conduzir nossa gente a melhores dias. Ajudará a mitigar a dor dos que sofrem, a inspirar a alma dos que ainda mais podem fazer para levar a bom termo a tarefa de construir uma sociedade justa.

Sua presença, Santo Padre, nos aproxima do autor de todas as coisas, e sua palavra restaura em nós toda a dimensão da verdade.

Bem-vindo ao Brasil.

*Saudação pronunciada por
Sua Excelência o Senhor Francisco Rezek,
Ministro de Estado das Relações Exteriores,
em nome do Governo brasileiro,
à Sua Santidade o Papa João Paulo II,
na cerimônia de chegada ao Brasil,
em Natal, Rio Grande do Norte,
no dia 12 de outubro de 1991.*

Cerimônia de Chegada ao Brasil

*Excelentíssimo Senhor Ministro das Relações Exteriores,
Senhores Cardeais, Senhores Arcebispos e Bispos,
Caríssimos amigos,*

O singular momento desta visita, ao iniciar minha segunda viagem ao Brasil, traz a meu coração uma grande alegria. Ao saudar e agradecer a Vossa Excelência pela acolhida que me foi dispensada, em nome do senhor Presidente da República, assim como às ilustres personalidades da comitiva que o acompanha, desejo saudar cordialmente a todo o povo brasileiro, que nesta hora sinto bem presente. Agradeço a Deus Todo-Poderoso que me permitiu atender ao fraterno convite do Episcopado brasileiro, bem como ao que foi feito por vosso Presidente, dando-me novamente a oportunidade de beijar o solo e abraçar emocionado esta Terra de Santa Cruz.

Estou aqui atendendo ao mandato de Cristo para poder dizer, como Ele, «conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas me conhecem» (Jo 10,14). Sucessor de São Pedro, minha primeira missão consiste em zelar por aqueles pastores que estão à frente das suas respectivas dioceses, em todo o território nacional. A todos desejo trazer minhas palavras fraternas. Quero que saibam, como dizia o apóstolo Paulo, que «tenho motivo para gloriar-me em Jesus Cristo, no que diz respeito ao serviço de Deus» (Rm 15,17). Com a grande maioria, mantive um encon-

tro pessoal, no ano passado, em suas visitas *ad limina apostolorum*, e fiquei assim conhecendo melhor os aspectos fundamentais dos problemas de seus rebanhos nas diversas igrejas particulares.

Hoje, porém, tenho a oportunidade de voltar ao Brasil para sentir de perto esses problemas, como também os frutos daquelas perspectivas, que lhes acenei naqueles encontros. Faço-o com imensa alegria, porque sei que desta forma estarei atendendo aos anseios dos senhores bispos e de tantos fiéis, para levar os brasileiros na unidade da fé, «a testemunhar diante do mundo as razões de sua esperança em Cristo (Cf. 1 Pd 3,15).

A Nação brasileira está se preparando para desempenhar um papel de grande relevância entre os povos de todo o mundo. Isso decorre não só de sua dimensão territorial e das imensas potencialidades do seu solo. Mais importante é a riqueza humana de um povo que, em quase cinco séculos de história, vem crescendo à sombra de autênticos valores humanos e espirituais, e que se prepara para enfrentar os desafios do terceiro milênio da era cristã. Destacaria aqui, entre outros, o respeito pela dignidade humana, construído não sem inúmeras vicissitudes, mas sedimentado, sempre mais, pela força da liberdade, princípio motor de toda sociedade justa; a capacidade de acolher a muitos povos de outras nações, num amálgama impressionante de raças e culturas; seu espírito generoso e aberto; sua aguda inteligência e, mais que tudo, a herança da fé católica que permanece viva e atuante, mesmo no meio de tantas dificuldades.

Por isso, senhor Ministro, sinto a necessidade de fazer eco às palavras que, em dezembro do ano passado, o senhor Presidente da República reafirmava, no seu convite oficial para esta minha viagem, o empenho de um Brasil «coletivamente comprometido com as causas da solidariedade cristã e dos direitos do homem». Não posso esconder minha alegria ao ver assim confirmados aqueles traços que antes delineava e que nada mais são que um dos fundamentos da mensagem cristã.

A Igreja Católica, sempre inspirada pelo mandamento da caridade evangélica, procura ajudar, com os meios que lhe são próprios, todos os homens do nosso tempo a tornarem o mundo mais conforme com a eminente dignidade do homem (Cf.

Cons. *Gaudium et spes* n. 91). Daí o seu profundo compromisso com a missão evangelizadora, a serviço da grande causa da paz e da justiça no mundo contemporâneo.

Peço a Deus, portanto, que minha visita sirva de estímulo não somente a uma constante consolidação da Igreja — em benefício de todos os brasileiros e de toda a Igreja universal — mas, também, para que resplandeçam sempre no Brasil a justiça e a equidade; através do respeito à vida, em todos os seus momentos, como exigência de um direito inscrito na própria natureza humana; através da promoção da pessoa humana como fundamento do progresso e tão de acordo com a índole do povo desta terra; através da atenção e solidariedade para com os menos favorecidos, os que mais carecem de apoio, para que desapareçam as perversas desigualdades econômicas, que trazem consigo intoleráveis discriminações individuais e sociais.

Queira a divina providência, que se cultivem constantemente os autênticos valores culturais, espirituais e morais do povo, um patrimônio comum, que deve ser sempre assegurado e promovido. Estes valores são a base dos setores vitais para a sociedade, como: a família, a infância e a juventude, a educação e a assistência social.

Nestes setores e noutros, em tantos momentos da vida do povo, surgem a cada instante enormes desafios aos quais se deve responder em conformidade com as exigências da verdade, da justiça, da liberdade e da solidariedade humana e pelos quais também a Igreja se sente interpelada, em virtude da sua missão de serviço ao homem.

Alegra-me que uma série de acontecimentos marque, de modo especial, esta visita. Amanhã, participarei, aqui em Natal, da conclusão do XII Congresso Eucarístico Nacional. Elevo minhas preces a Deus, para que deste evento nasçam firmes propósitos de renovação cristã e consolidação da fé do povo brasileiro, nas verdades perenes que nos ensina a santa mãe Igreja. Em Florianópolis, procederei à beatificação da Madre Paulina do Coração de Jesus Agonizante, podendo assim reverenciar, junto a ela, todos os missionários que vieram ao Brasil, tendo deixado sulcos profundos na alma e na civilização brasileiras. Porém, o Papa deve confessar, senhor Ministro, que sua maior

alegria é poder estar novamente com todos os brasileiros, com os que professam a fé católica, e com os outros que dela não comungam, mas todos unidos por estreitos laços de fraternidade cristã.

Aproveito a oportunidade para agradecer a tantos convites que me foram feitos, para que, na presente ocasião, visitasse as dioceses onde não estive na viagem anterior. Não sendo possível atender a todos, desejo, no entanto, que cada um saiba que o Papa está pensando nele. Ele ama a todos e a todos envia um caloroso abraço, bem brasileiro!

Nesta grata e solene ocasião, ao assegurar minha estima e meu interesse pelo bem deste País, renovo, senhor Ministro, os melhores votos de um progresso autêntico e consistente, na busca do bem-estar do povo e do desenvolvimento integral, em paz serena e concórdia de todos para construir um Brasil cada vez mais humano e fraterno, à luz de Cristo.

Com estes auspícios, ao enviar minhas mais cordiais saudações ao Presidente da República Federativa do Brasil, senhor Fernando Collor, peço a Deus que abençoe a toda essa imensa Nação e, sob o olhar materno e a proteção de Nossa Senhora Aparecida, proteja e inspire seus governantes na árdua tarefa de servir o bem comum do povo brasileiro.

*Saudação pronunciada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante sua chegada ao Brasil,
em Natal, Rio Grande do Norte,
no dia 12 de outubro de 1991.*

Saudação aos Fiéis em Natal, Rio Grande do Norte

Meus queridos amigos brasileiros,

Meu carinho e afeto por todos, acalentado desde quando em 1980 pisei pela primeira vez o chão desta Terra de Santa Cruz, traz-me de volta — pelas mãos da providência divina — com a alegria de quem veio para cumprir uma promessa!

Todos se lembram de que, na ocasião de minha despedida em Manaus, na hora do adeus, eu retifiquei o discurso e disse: «Até breve!» e acrescentei, pensando bem: «Até logo, se Deus quiser». Parece que Deus sempre bondoso, na Sua sabedoria infinita, quis ouvir as minhas preces. Louvado seja!

Venho como mensageiro da paz, portador da boa nova, para comunicar a todos o amor e a esperança que animam a Igreja em relação ao Brasil e à toda América Latina.

Desde o primeiro momento, desejei fazer desta viagem uma peregrinação que começasse em Natal, onde devo encerrar o XII Congresso Eucarístico Nacional. O espírito que me animou a vir aqui, anos atrás, é o mesmo que agora me permite iniciar esta presença no solo brasileiro: «para chegar junto com o Brasil ao altar da Eucaristia» (Mensagem pelo Rádio e Televisão. Roma 29.6.80). Hoje, assim como naquela ocasião, quero renovar o pedido a todos para que se unam às minhas preces, pois o

sucessor de Pedro vem animado pelo único propósito de cumprir a santíssima e amabilíssima vontade de Deus. É dEle que esperamos os frutos de uma abundante colheita.

Dou graças à Senhora Aparecida, de aqui chegar precisamente no dia da festa da padroeira do Brasil. A Ela confio todas as esperanças de um futuro de paz e de justiça neste País continente. O amparo maternal da Virgem Santíssima «sem pecado concebida», será penhor desses frutos que o Papa espera conseguir nesta segunda viagem que hoje começa.

Na esperança de poder cumprir estes propósitos, e reafirmando meu afeto por todos e cada um dos brasileiros, invoco sobre toda a Nação a plenitude das bênçãos divinas.

*Saudação pronunciada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante encontro com os fiéis,
na Praça do Congresso,
em Natal, Rio Grande do Norte,
no dia 12 de outubro de 1991.*

Homilia em Natal, Rio Grande do Norte

«Minha carne é verdadeiramente uma comida e meu sangue verdadeiramente uma bebida» (Jo 6,55).

Confesso junto a todos vós, caros irmãos e irmãs, esta verdade da nossa fé e de nossa vida de fé. Nós a professamos juntos ao longo deste Congresso, que se tornou o grande altar onde o Brasil inteiro está venerando e celebrando o mistério eucarístico.

É uma circunstância feliz que o congresso esteja sendo realizado em Natal. Precisamente aqui, em 1645 um homem simples, profundamente religioso, **Matias Moreira**, deu, com seus companheiros na região conhecida por Cunhaú e Uruaçu, um belo testemunho que lembra o dos mártires da Igreja. Quando insultado e ferido pelos hereges, por sua recusa em renegar a fé na Eucaristia e a fidelidade à Igreja do Papa, exclamou, quando lhe abriam o peito para arrancar-lhe o coração: «Louvado seja o Santíssimo Sacramento».

Irmãos e irmãs, esta magnífica profissão de fé, regou com sangue generoso a terra onde o Brasil inteiro veio reafirmar sua devoção na presença real de Cristo na Eucaristia.

Ao renovar, neste momento, com todos vós que aqui estais, esta mesma profissão de fé, desejo abraçar a todas as re-

giões deste imenso País, que é de certo modo, um continente no continente sul-americano. Venho neste dia iniciar a visita à Igreja em terras brasileiras. Mesmo sendo o percurso da minha peregrinação necessariamente limitado, sinto-me, no entanto, no meu coração e na minha oração, unido a todos. Convido os brasileiros de todas as regiões para este banquete eucarístico, preparado para nós pelo Senhor: do longínquo Amazonas e de todo o Norte e Nordeste, da costa do Atlântico e do Sul, das montanhas e dos vastos planaltos do centro e também das fronteiras do Oeste.

Todos nos unimos numa única afirmação da fé eucarística e na adoração do mistério: *Ave verum Corpus natum de Maria Virgine*.

«Lembra-te de todo o caminho por onde o Senhor te conduziu» (Dt 8,2). Lemos estas palavras no livro do Deuteronômio que recordam a Israel, os quarenta anos de sua peregrinação através do deserto, quando com o poder de Deus o libertou da escravidão do Egito: «Que teu coração não caia no orgulho de te esqueceres que foi o Senhor teu Deus, quem te tirou do Egito, da casa da servidão» (Dt 8,14).

Aquele deserto é uma imagem da vida dos homens e dos povos. Por quais caminhos o Senhor Deus guiou o povo desta terra brasileira no decorrer dos séculos? De quantos lugares chegastes aqui? E continuais caminhando. O Brasil é o cenário de grandes migrações em busca de trabalho, de pão e de casa.

O deserto é imagem da vida humana sobre a terra — em qualquer lugar, mesmo se esta terra fosse a mais fértil e possuísse toda a riqueza da civilização moderna. Em qualquer lugar: o homem é um peregrino do absoluto. É peregrino em direção à casa do Pai onde tem a verdadeira morada.

Assim como o corpo humano tem necessariamente fome de pão e sede de água, para não cair na exaustão, o espírito humano, criado à imagem e semelhança de Deus, tem sede de Deus: Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo (Sal 41/42,2).

A Eucaristia é a resposta de Deus a esta sede dos homens que caminham neste mundo em direção à pátria celestial. No deserto, Deus alimentou o seu povo com o maná que caía do céu. O maná era a figura da Eucaristia. Cristo disse: «Eu sou o

pão vivo que desci do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão, que eu darei, é minha carne para a salvação do mundo (*Jo* 6,51-52).

Jesus de Nazaré pronunciou estas palavras, depois da milagrosa multiplicação dos pães nas imediações de Cafarnaum. Muitos dos presentes não podiam compreendê-Lo. Diziam: «Dura é esta linguagem» (*Jo* 6,60). E saíram não querendo mais escutar aquilo que Jesus dizia, tão inverossímeis lhes pareciam aquelas palavras.

Foi preciso chegar à última ceia em Jerusalém. Foi necessário que no dia seguinte o corpo de Cristo fosse entregue à morte na cruz, que seu sangue fosse derramado em sacrificio propiciatório pelos pecados do mundo, para que a Eucaristia viesse a ser o alimento sacramental e a bebida da Igreja desde os primeiros dias até os nossos tempos... até o fim do mundo.

Os apóstolos que, no Dia de Pentecostes, a partir do cenáculo de Jerusalém, foram por todo o mundo anunciar que «Jesus é o Senhor» (*Rm* 10,9), transmitiram-nos o Evangelho e a Eucaristia. O Evangelho é o testemunho do Filho de Deus crucificado e ressuscitado. A Eucaristia é o sacramento do seu sacrificio redentor pela vida do mundo.

Quando o Senhor instituiu a sagrada Eucaristia, na última ceia, era noite, o que manifestava — como comenta São João Crisóstomo — que os tempos se tinham cumprido (*In Matthaeum homiliae* 82,1 [*PG* 58,700]). Abriu-se assim o caminho para um verdadeiro amanhecer: a nova páscoa. A Eucaristia foi instituída durante a noite, preparando a manhã da ressurreição. Ela está a indicar-nos que não voltaremos a nos alimentar do maná do deserto, nós que temos o pão de hoje e de sempre.

Queridos irmãos e irmãs, o Papa quer iniciar essa sua peregrinação por terras brasileiras, precisamente no quadro da celebração eucarística, porque é o portador da mensagem do Altíssimo, do «verbo que se fez carne» (*Cf. Jo* 1,14) para anunciar esse novo amanhecer que vai despontando no horizonte. O XII Congresso Eucarístico Nacional, que teve por lema «Eucaristia e evangelização», foi como o sopro do Espírito Santo que procura fazer germinar «as sementes do verbo», presentes nas iniciativas religiosas e nos esforços humanos à procura da ver-

dade, do bem e de Deus» (*Carta Encíclica Redemptoris missio*, 28). Agradeço ao querido irmão no Episcopado, dom Alair Vilar Fernandes de Melo e à toda comissão organizadora deste congresso, pelo carinho e dedicação que puseram na sua preparação e realização, e aproveito a oportunidade para saudar o senhor Cardeal dom Nicolás Lopez Rodriguez, formulando meus votos de felicidades no início de seu mandato como presidente do Celam.

Cristo Nosso Senhor, é o divino semeador que segura o trigo com suas mãos chagadas, embebe-o no seu sangue, limpa-o, purifica-o e lança-o no sulco do mundo. Lança os grãos um a um, para que cada cristão, no seu próprio ambiente, dê testemunho da fecundidade da morte e da ressurreição do Senhor.

Não percamos de vista o que eu dizia na encíclica *Redemptoris missio*: «a primeira beneficiária da salvação é a Igreja: Cristo adquiriu-a com o seu sangue (Cf. At 20,28) e tornou-a sua cooperadora na obra da salvação universal» (n. 9). A salvação, que é dom do espírito, exige a colaboração do homem para se salvar tanto a si próprio como aos outros. É preciso, portanto, espalhar generosamente a palavra de Deus, fazer que os homens conheçam a Cristo e, conhecendo-O, tenham fome dEle. «Porém — dizia São Paulo — como invocarão aquele em quem não têm fé? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão falar, se não houver quem pregue? (Rm 10,14). Por isso, é significativo que a introdução ao texto-base deste congresso, anime a todos a um «esforço maior à dimensão evangelizadora (...) que possa desencadear todo um trabalho missionário, não só de massas, mas também de pequenos grupos ou setores especializados». «Ele servirá — acrescenta-se mais adiante — para preparar e capacitar os agentes pastorais: sacerdotes, religiosos e leigos que, por sua vez, levarão esta mensagem às bases». Urge, assim, refletir e levar à prática suas conclusões, face a uma nova evangelização que represente uma penetração da fé «nos corações de todos os homens e de todas as mulheres, nas estruturas sociais e políticas, nas famílias e sobretudo nos jovens, nos ambientes do saber e do trabalho, nos grupos étnicos e indígenas, nas aldeias e cidades» (*Aloc. em Porto Príncipe*, 9.3.1983).

Este clima de fervor apostólico, que está na base da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, convocada para 1992, em Santo Domingo, é também a luz que iluminou a todos os que participaram dos trabalhos deste congresso, que hoje tenho o prazer de encerrar, nesta solene celebração eucarística. Possa o divino Espírito Santo irradiar sobre todos, bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos abundantes graças de ação evangelizadora, para que daqui surjam os frutos de paz, de amor e de santidade que a Igreja espera, no Brasil e desde o Brasil.

«A fê provém da pregação e a pregação — nos diz São Paulo — se exerce em razão da palavra de Cristo» (Rm 10,17).

Em Cafarnaum os apóstolos ouviram o anúncio da Eucaristia feito por Cristo. Apesar de que muitos dos que estavam ali tenham-se retirado, os apóstolos não se foram. À pergunta de Cristo responderam: «Senhor, a quem iríamos nós? Somente Tu tens palavras de vida eterna» (Jo 6,68).

A verdade eucarística é a palavra da vida eterna. Jesus diz: «Em verdade, em verdade eu vos digo: se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós mesmos. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia» (Jo 6, 53-54). E continua: «Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Assim como o Pai que me enviou vive, e eu vivo pelo Pai, assim também aquele que comer a minha carne, viverá por mim» (Jo 6,56-57).

Queridos irmãos e irmãs, Igreja que estais no Brasil, povo do Deus vivo! A quem iremos?

Ele — o Cristo — somente Ele, tem palavras de vida eterna.

*Homilia pronunciada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante missa celebrada
na Praça do Congresso, em Natal,
Rio Grande do Norte,
no dia 13 de outubro de 1991.*

Oração do *Ângelus* em Natal, Rio Grande do Norte

Caríssimos irmãos e irmãs,

Para concluir esta solene liturgia eucarística, rezaremos aquela oração do «Anjo do Senhor», que já é tradicional no mundo inteiro, para lembrar nossa Mãe do Céu, a Virgem Maria, e o mistério da encarnação do verbo divino. «Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim, segundo a vossa palavra» (*Lc* 1,38), diz a Virgem de Nazaré ao mensageiro de Deus. Refletindo sobre esta resposta, na qual a virgem expressou a luz e o poder do Espírito Santo, ajoelhamo-nos com profundíssima veneração diante do mistério: «O verbo se fez carne e habitou entre nós» (*Jo* 1,14). Quantos lábios repetem as palavras da Virgem Mãe de Deus! Eu vos saúdo, Jesus, Filho de Maria, Vós sois o verdadeiro Deus na hóstia sagrada» — esta Eucaristia que aqui acabamos de celebrar.

Ao encerrar-se o congresso eucarístico, abre-se uma nova perspectiva de dimensão continental, que nos leva a reconhecer a mão providencial do divino consolador, que nunca deixa de atender às súplicas dos seus filhos. Ontem, teve início o ano jubilar da América Latina, passo importante da celebração do V Centenário da Evangelização deste continente. As grandes esperanças que o mundo católico latino-americano deposita na reunião dos bispos do ano que vem em Santo Domingo, atestam

desde já o clamor incessante de tantas almas, a solicitar uma nova evangelização que incida profundamente na vida dos fiéis e particularmente na sua identidade de católicos. Hoje, quando a vocação cristã de milhões de almas vê-se ameaçada pelo perigo das seitas, pela violência de todo o tipo — incluindo-se aquela gerada pelo tráfico de entorpecentes —, pelo consumismo e pelas campanhas antinatalistas, para não citar outros motivos, faz-se urgente um brado vigoroso de retorno aos valores morais e culturais da tradição cristã de uma geração que se prepara para o terceiro milênio da era cristã.

Meu pensamento se dirige especialmente a todos os jovens brasileiros que me escutam. Faço minhas aquelas palavras que a Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Puebla sugeriu, apelando para a responsabilidade e uma maior participação da juventude na vida da Igreja. Ele pedia aos jovens «um maior compromisso e testemunho cristão (...) para a construção de uma nova civilização no continente da esperança» (O.R. 24.6.1990).

Bendita sejais, mãe do Filho de Deus! Bendita sejais ó Senhora Aparecida! Ontem, celebramos com alegria de filhos vossa festa, e queremos agora pedir-vos que ajudeis a esse sucessor na cátedra de São Pedro, a levar a palavra divina a todo lar brasileiro, da cidade ou do campo, aos pescadores e aos operários, aos hospitais ou às favelas. «Felizes os que escutam a palavra de Deus e a põem em prática» (Lc 11,28).

E o Papa vos suplica: «Mãe, abençoai todos os vossos filhos. Mostrai que sois mãe. Rogai por nós que recorremos a vós».

*Oração do Angelus rezada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
na Praça do Congresso, em Natal,
Rio Grande do Norte,
no dia 13 de outubro de 1991.*

Encontro com os Bispos do Brasil

Amadíssimos irmãos no Episcopado,

Saúdo a todos, nesta grande sala do Centro de Convenções «Governador Lavoisier Maia», que nos vê fraternalmente reunidos neste dia, querendo expressar o «afeto na caridade» que une o sucessor de Pedro com os pastores da Igreja no Brasil. Desejo a todos, com palavras do apóstolo São Paulo, «graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor» (1 Tim 1,2).

«Congregavit nos in unum Christi amor»

Dou graças a Deus porque me concede a possibilidade de estar novamente convosco e de poder cumprimentar a todos fraternalmente como verdadeiros e autênticos mestres da fé, pontífices e pastores (Cf. *Christus Dominus*, 2).

Dou graças também a Deus porque me concede compartilhar, nestes momentos de íntima comunhão, a solicitude pastoral com que cuidais do rebanho que vos foi confiado. Seria praticamente impossível nomear a todos os que formais hoje o corpo episcopal da Igreja no Brasil. No entanto, não poderia deixar de citar, no seu conjunto, os novos membros da recém-empossada direção da Conferência Episcopal, representados aqui na pessoa de seu presidente, o Arcebispo de Mariana, dom Luciano Mendes de Almeida.

Este momento, que agora nos é concedido viver, tem para mim o sabor de um reencontro cordial. Tenho ainda bem presente a grata lembrança dos dias em que, por ocasião das últimas visitas *ad limina*; pude compartilhar com os bispos do Brasil seus anseios pastorais, receber o conforto de sua sentida comunhão com o sucessor de Pedro, conhecer mais de perto a abnegada dedicação com que se entregam à sua missão, e estudar, juntamente com eles, alguns dos imensos desafios que a evangelização apresenta em vosso País.

Em todas estas ocasiões, pude constatar, mais uma vez, a árdua tarefa que vos cabe numa nação que, à grandeza das suas dimensões territoriais e do coração de sua gente, alia os mais dolorosos contrastes, as mais prementes carências espirituais e materiais.

A própria realidade, as concretas circunstâncias humanas, religiosas e sociais das comunidades que Deus confiou ao vosso pastoreio, constituem um vigoroso apelo para uma renovada evangelização, que faça irradiar, com a força transformadora do fermento (Cf. Mt 13,33), a boa nova nos corações de todos e de cada um dos homens e mulheres desta terra, no seio das famílias, nas múltiplas manifestações da cultura e na justa ordenação da sociedade.

No mês de junho passado, vossa Conferência Episcopal publicou o texto das «Diretrizes Gerais para a Ação Pastoral», discutidas na última Assembléia Geral de Itaici. Agradou-me sumamente sua leitura, na qual se percebe o equilíbrio, o realismo e o senso de preocupação pastoral com que planejastes vossa ação para os próximos quatro anos. Neste texto, empregastes uma feliz expressão, de que já me fiz eco: **desafios pastorais**. Sei que não vos falta a fé nem a coragem para enfrentar os inúmeros desafios que se apresentam à vossa missão evangelizadora. Sei também que, ao considerardes a urgente tarefa que vos cabe, tendes plena consciência de que é na união com Cristo e na fidelidade ao Seu Evangelho, ao autêntico magistério e à disciplina da Igreja, que encontrareis a força para superar tantas dificuldades e sacrifícios que, no mundo de hoje, o ministério episcopal comporta; o incentivo para dedicar-vos com maior entusiasmo ao rebanho que vos está confiado; e o segredo da eficácia do vosso generoso zelo apostólico.

É especialmente sobre esses motivos de conforto e de esperança que hoje queria deter-me, neste colóquio fraternal com os irmãos bispos do Brasil.

Em primeiro lugar, cumpre-vos ter sempre presente, caríssimos irmãos, que a alma, a força e a vida da evangelização — desta evangelização renovada a que nos convida a proximidade do quinto centenário da proclamação da fé no continente americano — são as «palavras da salvação» (At 13,26), isto é a verdade do Evangelho que é «força de Deus para a salvação de todo que crê» (Rom 1,16).

Preocupa-vos, e com razão, o panorama da grave carência de doutrina, da ignorância religiosa, que deixa vosso bom povo — tão naturalmente inclinado para a transcendência e para os valores cristãos da piedade e da fraternidade — à mercê das influências dissolventes de um ambiente de deterioração moral — tanto social e pública, como privada — e o torna facilmente vulnerável à sedução das seitas e dos novos grupos religiosos. Sua expansão preocupante nestes últimos anos no Brasil, como em toda a América Latina, deveria ser objeto de uma séria tomada de posição de vossa parte. Bem sei que a promoção destas seitas e grupos conta com fortes recursos econômicos e que sua pregação alicia o povo com falsas miragens, ilude com simplificações distorcidas e semeia confusão, sobretudo entre os mais simples e carentes de instrução religiosa. É importante, pois, que vossa pastoral, com profundo sentido missionário, saiba ocupar os espaços onde elas atuam, despertando no povo a alegria e o santo orgulho de pertencer à única Igreja de Cristo que subsiste na nossa santa Igreja Católica (Cfr. *Lumen Gentium*, n.8).

Toda esta realidade deve continuar a incentivar-vos a um profundo exame de consciência como sei que recentemente fizestes —, e, em decorrência do mesmo, a assumir com novos rumos a grande responsabilidade que vos incumbe de serdes mestres da fé.

Os bispos do Brasil têm demonstrado, há muitos anos, uma particular sensibilidade por dar uma resposta cristã à premente fome de pão e de justiça do povo brasileiro. Deus vos abençoe e vos ajude a prosseguir — de acordo com o coração de Cristo —

nessa nobre preocupação. Mas não vos esqueçais de que este propósito será autêntico na medida em que for profundamente evangélico, ou seja, na medida em que haurir sua seiva na doutrina social católica — que faz parte da mais vasta e rica doutrina moral da Igreja —, sem ceder à tentação deste tipo de teologia da libertação, que não se coaduna com o autêntico magistério da Igreja (Cf. *Libertatis nuntius*, Introdução).

Sim, o Papa encoraja e abençoa vossa preocupação inspirada no «amor preferencial — nunca exclusivo nem excludente — e na solicitude para com os pobres e necessitados», de que falava a Conferência de Puebla (*Puebla* n.º 382). Mas, ao recordar-vos vossa indeclinável responsabilidade, como mestres da fé, quer incentivar-vos a assumir agora, com maior plenitude, vosso *munus docendi* e, especialmente, a urgente tarefa catequética que as circunstâncias de vosso País impõem.

Na minha última visita ao Brasil, vivia-se a tensão entre os dois grandes blocos do Oriente e do Ocidente, com tantas ressonâncias em todo o mundo. Parecia então que o destino da organização econômico-social de qualquer país teria que optar entre o modelo capitalista e o do socialismo marxista. Vinha de ser publicada a encíclica *Laborem Exercens* que tanta repercussão teve no Brasil. Nela, procurava a Igreja superar a visão parcial e relativa desta tensão mundial, chamando a atenção para o elemento decisivo que é a primazia da pessoa humana, em especial na sua vocação para o trabalho. Acenava-se mesmo para o que então se chamou, uma «nova civilização do trabalho».

Passaram-se 11 anos. O Papa volta ao Brasil em outros tempos. A tensão Leste-Oeste praticamente se esvaziou e muitos querem ver, neste acontecimento, uma vitória da opção capitalista-liberal, com a qual o mundo poderá entrar numa nova era de paz, de prosperidade econômica e desenvolvimento social. Não me cabe fazer prognósticos. Mas devo dizer-vos minha preocupação. Os últimos acontecimentos, de todos conhecidos, no Oriente Médio, na península balcânica e em outros lugares, estão nos mostrando, dolorosamente, quanto a paz está distante. Permanece, e parece mesmo que se acentua, o fosso entre os países mais desenvolvidos e os outros países, quer em via de desenvolvimento como o Brasil, quer em estágio ainda muito precário.

A lógica da dominação econômica, de imposição de modelos sem respeitar a legítima autodeterminação de cada povo e outros fatores criaram mecanismos perversos que estão impedindo o acesso de países como o Brasil, no nível das nações mais desenvolvidas. É verdade que esses países muito têm a fazer, em âmbito interno, para uma organização mais racional de sua economia, para a recuperação inadiável da moralidade administrativa, para a criação nos setores mais favorecidos e dinâmicos de uma maior sensibilidade social. Sobretudo, é fundamental o desenvolvimento quantitativo e qualitativo da educação, não só escolar mas inclusive do comportamento social e da mentalidade do povo. O subdesenvolvimento, todos sabemos, é antes de tudo um problema cultural no seu sentido mais amplo. Mas é preciso que se diga, com veemência, para que se ouça em todo o mundo, que a dívida externa de um país não poderá nunca ser paga à custa da fome e da miséria de seu povo!

Nestes últimos anos, dois importantes documentos enriqueceram a doutrina social da Igreja, as encíclicas *Sollicitudo Rei Socialis* e *Centesimus Annus*.

Nelas se repete, mais uma vez, que a Igreja não possui uma proposta concreta de organização social ou modelo econômico. Não é seu papel, nem é tarefa dos bispos. Mas ela nunca poderá ficar calada, seja diante de quem for, quando estiver em jogo a vida, a liberdade, a dignidade da pessoa humana, de todos os homens em todas as latitudes, de qualquer raça, condição social ou credo religioso! Cabe a ela, como sacramento de Jesus Cristo, redentor do homem, lembrar sempre e a todos os princípios permanentes, os critérios de ação e as exigências morais que devem reger a vida social, política e econômica, em cada nação ou no contexto internacional. Dentro, porém do contexto nacional, e em cada diocese, é da grande responsabilidade da Conferência Episcopal e de cada bispo, como mestres da fé.

Nesta linha de responsabilidade como mestres da fé, quero encorajar todos os vossos esforços para desenvolver uma pregação e uma catequese cada vez mais ampla e profunda sobre o panorama inteiro das verdades da fé e da moral católica. Basta pensar na urgente necessidade de expor com firmeza a doutrina sobre a unidade e santidade do matrimônio, sobre o sentido

cristão da sexualidade e do amor humano, sobre o caráter intangível da vida humana desde o primeiro momento da sua concepção.

Lembro ainda a importância capital do ensinamento claro sobre a sacralidade do mistério eucarístico e do culto litúrgico — que nesse mistério tem o seu centro. Preocupa-me, neste sentido, as tentativas que se vêm observando no Brasil, em alguns grupos, de uma aculturação da liturgia da santa missa e dos sacramentos, sem levar na devida consideração que esta deve ser sempre uma expressão inequívoca da integridade de nossa fé.

Outro aspecto importante é a santidade do sacerdócio e o valor do celibato, a necessidade vital da prática do sacramento da reconciliação em sua expressão normal que é a confissão auricular e secreta, tão fecunda para uma evangelização renovada.

Todos estes temas têm sido objeto de vossa atenção e, a seu tempo, sabereis colocar em lugar de destaque na pauta de vossas assembléias gerais, bem como das reuniões do conselho permanente e da Comissão Episcopal de Pastoral e de Doutrina da vossa conferência.

Defendi, com confiança em Deus e humildade, a íntegra doutrina da fé, não descurando, ao mesmo tempo, o dever que vos recordava há 11 anos, de apontar de modo sereno e firme os erros, — bem como as ambigüidades e as releituras subjetivas da sagrada escritura, — propondo com precisão a verdade aos fiéis (*Discurso em Fortaleza, 10.7.80*).

Referia-me, no começo deste encontro, às fontes de onde os pastores hão de haurir a sua força — *virtus Christi* (2 Cor 12,9) — e encontrar o segredo da fecundidade da sua missão.

Além da fidelidade à palavra, mencionava também — como expressão da união com Cristo — a *vivência da comunhão*.

A própria Igreja, corpo de Cristo (1 Cor 12,27), como recordavam os bispos latino-americanos em Puebla, é um mistério da comunhão, reflexo do mistério da comunhão trinitária, que é o manancial de onde promana toda a comunhão eclesial (*Puebla, nn. 167 e 220*).

Permiti-me lembrar-vos agora que, na vida e missão do bispo, este mistério de comunhão se manifesta numa tríplice e inseparável dimensão.

— Em primeiro lugar, como diz São João, «nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo» (1 Jo 1,3). Daí decorre o dever primordial de procurar, com todas as forças, a santidade pessoal, ou seja, a íntima identificação com Jesus Cristo, «bispo e pastor das vossas almas» (1 Pe 2,25). Sede modelos de oração e de adoração, de fé, de caridade, de humildade, de espírito de serviço, enfim, de todas as virtudes, de modo que, por vosso intermédio, a presença de Cristo se manifeste no seio das vossas comunidades eclesiais.

— Em segundo lugar, tende sempre presente que essa comunhão com o Pai em Cristo, no Espírito Santo, é inseparável da estreita união dos membros do colégio episcopal, sucessor do único colégio apostólico, com o romano Pontífice que é, por instituição do próprio Cristo, «o perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade e da comunhão» (*Lumen Getium*, n. 18).

Quero evocar agora, com alegria, o afeto com que os bispos participantes do encontro que teve lugar em Roma, em março deste ano, me expressaram — em nome de todo o Episcopado brasileiro — «o vivo desejo de comunhão com o sucessor de Pedro». Eu vos agradeço esta manifestação de fé e de adesão à Sé de Pedro e peço a Deus que a faça florescer mais e mais em realidades fecundas.

— Em terceiro lugar, é necessária uma sólida comunhão entre os bispos que integram a Conferência Episcopal, organismo que tem na vivência da comunhão sua principal finalidade.

Se nos perguntássemos pelos princípios que devem animar esta comunhão, creio que encontraríamos uma resposta cabal naquela antiga e verdadeira fórmula, que permanece sempre válida: *in necessariis unitas, in dubiis libertas, in omnibus caritas*.

À luz desta verdade, é evidente que a unidade nas coisas necessárias é o pressuposto indispensável para que seja legítima a liberdade, e é também condição para que a união entre os membros da Conferência Episcopal constitua expressão da caridade.

Tendo como base esta tríplice comunhão, todos os bispos e cada um deles, serão também, «individualmente, o visível princípio e fundamento da unidade em suas igrejas particulares, formadas à imagem da Igreja universal» (*Lumen Gentium*, n. 23). É certamente grande a responsabilidade que cabe a cada bispo na sua comunidade eclesial. Uma responsabilidade que não pode ficar diluída e da qual o bispo não pode abdicar.

Saúdo para terminar, ao senhor Arcebispo de Natal, dom Alair Vilar Fernandes de Melo, e a seu auxiliar, dom Antonio Soares Costa, como também aos senhores bispos do Brasil aqui presentes, ou que não puderam comparecer a este encontro. O bispo de Roma, pastor da Igreja universal, vos abençoa e invoca à divina providência abundantes graças celestiais, para uma renovada coragem no desempenho do ministério que vos foi confiado. Gostaria de abraçar-vos fraternalmente a todos, para animar-vos a pôr renovada energia na construção do reino de Deus, a serviço do rebanho da Igreja particular que está entregue aos vossos cuidados.

Ao encerrar este encontro, dirijo o meu olhar e a minha confiança à mãe comum, Nossa Senhora Aparecida. Em suas mãos, sob a sua proteção, desejo colocar agora vossas preocupações apostólicas, vossas alegrias e vossas dores, vossos trabalhos e vossa sacrificada dedicação. Nestas mãos maternas, coloco também as esperanças dos homens e das mulheres do Brasil, que tão entranhadamente estão no coração do Papa. Seja penhor desses desejos e dos dons do céu, para todos, a minha mais afetuosa bênção apostólica.

*Saudação pronunciada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante encontro com os bispos do Brasil,
no Centro de Convenções,
em Natal, Rio Grande do Norte,
no dia 13 de outubro de 1991.*

Encontro com os Sacerdotes Diocesanos e Religiosos

É para mim uma grande alegria poder reunir-me com os sacerdotes nesta Igreja Catedral. Desejo, antes de mais nada, agradecer ao padre Francisco de Assis Pereira pelas amáveis palavras que acaba de me dirigir, como também a todos os sacerdotes presentes — juntamente com os quais venerei, esta manhã, o inefável mistério da Eucaristia — a bondade de terem vindo aqui, para participar deste encontro com o sucessor de Pedro. Tenho presente, neste momento, a memória de tantos sacerdotes que, no trabalho escondido, na vida de fé e de oração e no zelo apostólico, souberam plantar e cultivar a vida da Igreja no Brasil. Entre tantos, recordo agora a figura do padre João Maria Cavalcanti, morto no início deste século, vítima da caridade sacerdotal, modelo de pároco e guia espiritual do povo, tão querido, lembrado e venerado nesta cidade de Natal, onde viveu e trabalhou. Tenho presentes também os sacerdotes de todo o Brasil que aqui não puderam vir, mas me acompanham nesta hora. A todos, muito obrigado e que Deus vos abençoe!

Gostaria de dirigir-vos um convite como o de Cristo aos seus apóstolos: «Vinde vós sozinhos, retiremo-nos a um lugar afastado, para que descanséis um pouco» (Mc 6,31). Seria com certeza o melhor descanso para minha alma poder entreter-me

pessoalmente com cada um de vós e conversar com calma em confiança, longamente.

Infelizmente, não pode ser assim. Mas eu vos asseguro que me sinto muito próximo de cada um de vós, especialmente nestes momentos de forte união espiritual. Conheço bem as dificuldades que encontrais em vossa tarefa pastoral e conheço bem a alegre e sacrificada generosidade com que vos entregais ao vosso ministério.

O que hoje desejava dizer-vos pode resumir-se em poucas palavras tomadas de São Paulo: «Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo» (*Rom 13,14*) e «tende em vós os mesmos sentimentos que teve Jesus Cristo» (*Fil 2,5*). Ou seja, procurai com todas as vossas forças identificar-vos com Cristo.

Na verdade, procurar a identificação com Cristo é um dever de todos os fiéis, pois nela consiste toda a vida cristã. Mas, no caso do sacerdote, esse dever adquire uma importância decisiva, por estar estreitamente vinculado à própria identidade sacerdotal.

Assumindo sua autêntica identidade, o sacerdote se tornará instrumento eficaz do único mediador entre Deus e os homens, sendo ele próprio presença e transparência de Cristo.

Olhai à vossa volta! Não percebeis o imenso clamor de tantos homens e mulheres, de todas as condições, de todas as raças, de todas as idades, que, hoje mais do que nunca, parecem dizer-nos, mesmo quando não formulam explicitamente esse desejo: queremos ver Jesus! (*Jo 12,21*). Queremos ver Jesus na pessoa e na vida dos seus sacerdotes!

Como é bem sabido, em alguns ambientes, no período pós-conciliar — por motivos que não é o caso detalhar agora, e devido, com frequência, a uma leitura errônea do magistério do Concílio Vaticano II —, ficou obscurecida a consciência da verdadeira identidade sacerdotal, e originou-se a tendência a «lai-cizar» as funções sacerdotais, paralela à tendência a «clericalizar» a figura do leigo (Cf. *Carta aos sacerdotes*, na quinta-feira santa de 1991,2).

As manifestações dessa tendência são diversas, desde a intervenção do presbítero em atividades próprias da ação política,

atividades que fazem parte da missão livre e responsável dos leigos, ou o pouco apreço por tarefas especificamente sacerdotais ou pelos sinais externos do sacerdócio, até a praxe de confiar a leigos encargos cujo exercício corresponde aos presbíteros ou funções que só se justificam em caso de verdadeira necessidade, com caráter de suplência.

Graças a Deus, as vacilações sobre a identidade do sacerdote, que tiveram dolorosas conseqüências na vida de não poucos padres e na promoção das vocações sacerdotais, já vão sendo, embora não totalmente, pouco a pouco superadas. As intervenções de muitos padres sinodais, durante a última Assembleia Ordinária do Sinodo dos Bispos, dão um auspicioso testemunho deste fato (Cf. *Carta, ibid.*).

Sem dúvida alguma, há no povo de Deus uma consciência cada vez mais clara da absoluta necessidade do sacerdócio ministerial, com as características a que me venho referindo, em perfeita continuidade com o Evangelho, com a tradição viva da Igreja e com os ensinamentos do Concílio Vaticano II.

Portanto, deveis assumir decididamente vossa identidade sacerdotal, em toda a sua plenitude. Dai ouvidos ao clamor dos vossos irmãos, que suplicam: Queremos ver Jesus nos seus sacerdotes!

Queremos ver Jesus! Os homens têm necessidade de ver, em primeiro lugar, a santidade de Cristo refletida nos sacerdotes. O Brasil, o mundo inteiro, precisa de sacerdotes santos, fiéis à sua plena consagração a Deus, e totalmente entregues à sua missão peculiar. Sacerdotes cujo único objetivo seja cumprir a vontade do Pai e completar sua obra (Cf. *Jo 4,34*), dispostos a gastar sua vida, com uma caridade pastoral sem limites, na função de mediação que lhes é própria: levar os homens para Deus, e levar Deus aos homens. Sacerdotes que manifestem a imensa riqueza do amor de Deus, a única resposta às ansias de infinito do coração humano, pela alegria com que lhe entregam o coração indiviso (Cf. *1 Cor 7,32-34*). O celibato sacerdotal não é somente uma lei eclesiástica, mas possui um significado profundo à luz da teologia do sacerdócio. A Igreja não reconhece como aceitáveis as tentativas e pressões para reintegrar no ministério sacerdotal os que o deixam pela vida no ma-

trimônio. Não será este o caminho para contornar a grave carência de sacerdotes no Brasil. O celibato, meus caros padres, deve ser para cada um de vós a jubilosa afirmação de se sentir escolhido pela predileção d'Aquele que o chamou para uma entrega completa e sem reservas a Seu amor.

Um «homem de Deus» transforma uma comunidade. Um sacerdote piedoso torna-se um promotor de vocações autênticas para a plena dedicação a Deus e aos irmãos. Um padre fiel aos seus compromissos é o melhor estímulo para a santidade e a estabilidade da família. Um sacerdote animado pela caridade do coração de Cristo é um foco vivo, que acende nas consciências o ardor pela justiça e colabora eficazmente, dentro de sua missão específica, para que muitos leigos assumam a responsabilidade pessoal de promover uma ordem social mais de acordo com o plano de Deus e a dignidade da pessoa humana.

Os homens de hoje, como os de todas as épocas, precisam ver Jesus na santidade do sacerdote, no testemunho sacerdotal de uma fé íntegra, de esperança alegre e de ilimitada caridade.

Sede homens de fé. Cristo quer continuar a dirigir aos homens a palavra da salvação, sobretudo, pela boca dos seus sacerdotes. «Quem vos ouve, a mim ouve» (*Lc 10,16*), dizia Jesus. Por isso, é preciso que sejais homens de fé íntegra, de tal maneira que, ao ouvir-vos, todos possam reconhecer inequivocamente a palavra de Deus. Só Cristo é a «luz dos homens», que «resplandece nas trevas» (*Jo 1,45*). Essa luz, manifestada ao mundo, Ele a depositou nas mãos da Igreja que, com a assistência do Espírito Santo, fielmente a conserva e a transmite.

Portanto, uma expressão clara desta vossa fé será a adesão sincera e confiante a toda doutrina do magistério autêntico da Igreja, da qual se fará eco vossa pregação e catequese. Que vossa catequese seja, em seu conteúdo, fiel à doutrina e compreensível ao povo. E vossa pregação seja sempre o anúncio do mistério de Cristo ressuscitado, não se revestindo daquele falso profetismo que, não raro, a reduz a uma mera mensagem politizada.

Lembraí-vos de que nossa fé, como diz São Paulo, não se baseia na «sabedoria dos homens» nem se confunde com a «sabedoria deste mundo» (1 *Cor 2,5-6*). Por isso, nenhuma ideolo-

gia poderá oferecer um postulado que seja premissa à qual se deva subordinar a doutrina da fé. Pelo contrário, é a fé que julga, com a «sabedoria de Deus» (1 Cor 2,7), as conclusões válidas das ciências humanas, que, se forem autênticas, jamais poderão estar em contradição com a verdade da fé.

Para alimento da fé é muito importante vossa formação permanente. Não vos deixei dominar por um ativismo pastoral, que, embora bem-intencionado, pode levar-vos ao esvaziamento interior, prejudicando vosso ministério. Reservai sabiamente alguma hora do dia ou dia na semana para uma oração pessoal mais tranqüila, para a leitura de bons livros de teologia ou espiritualidade, além, é claro, do razoável e indispensável descanso.

Sede também homens de esperança. Nós sabemos que, no exercício do ministério, somos «cooperadores de Deus», e nossa esperança se apóia na certeza de que é Ele, o próprio Deus, quem «dá o crescimento» (1 Cor 3,7 e 9).

O sacerdote, para exercer com fruto seu ministério, tem necessidade de permanecer unido à videira de onde brota a vida (Cf *Jó* 15,5). Tem necessidade vital de se unir a Cristo mediante uma intensa vida eucarística, de se renovar interiormente, numa contínua conversão, pela freqüente recepção pessoal do sacramento da reconciliação, de se entregar mesmo que sejam múltiplas as suas atividades, ao silêncio da adoração, da meditação, da oração.

Sede ainda os homens da caridade. Animados pelo amor ilimitado do bom pastor, dai a vida pelas vossas ovelhas (Cf *Jo* 10,11), fazendo de vossa existência uma completa e autêntica diaconia, à imitação do Filho do Homem, que «não veio para ser servido, mas para servir» (*Mt* 20,20).

Um sacerdote que possui os sentimentos de Cristo gasta a vida servindo a todos os homens e tratando de corresponder a suas aspirações mais profundas, sem medir sacrifícios pessoais. É um coração aberto e compreensivo, que acolhe a todos com a caridade de Cristo, sem nenhuma discriminação.

Não permitais, por isso, que preconceitos ideológicos ou qualquer espécie de classismo leve a excluir alguém de vosso trato afetuoso e do vosso zelo pastoral.

Sem dúvida alguma, um sacerdote que procura ser outro Cristo experimenta a mesma compaixão de Jesus pelas multidões esfomeadas (Cf. *Mt* 15,32), e por todos os que jazem abatidos e fatigados como ovelhas sem pastor (Cf. *Mt* 9,36). Em conseqüência, dedica um amor de preferência, embora não exclusivo — aos mais pobres, a todos os que sofrem como vítimas da injustiça e das violações dos direitos intangíveis da pessoa humana. Sem se desviar do que caracteriza a sua missão sagrada, como formador das consciências, e evitando a tentação de se tornar um líder terreno, político ou social, deve pois promover incansavelmente o bem da justiça e os direitos dos mais desamparados.

Não vos esqueçais, porém, de que a missão primordial da Igreja, mais do que a libertação puramente social ou econômica, é a libertação da miséria moral do pecado, que rompe a relação filial do homem com Deus e constitui a sua maior desgraça (Cf. *Reconciliatio et Paenitentiae*, n. 18).

Queria ainda lembrar-vos, queridos filhos, que a caridade vos deve levar a ser testemunhas daquela «fraternidade sacramental» que liga cada padre «no vínculo da comunhão com os bispos e com os demais irmãos no sacerdócio» (*Presbyterorum Ordinis*, ns. 8 e 14).

Cooperadores da ordem episcopal, vossa vocação vos pede, como diz Santo Inácio de Antioquia, «estar em tanta harmonia com o vosso bispo, como as cordas da cítara» (*Ad Ephesios*). Segui, com confiança e obediência, suas diretrizes e orientações, sendo para eles apoio e conforto.

Esta recomendação tem um sentido muito especial para vós, sacerdotes religiosos que hoje desempenhais um papel tão importante e indispensável em quase todas as dioceses do Brasil. É claro que vosso trabalho pastoral não pode deixar de se inspirar nos carismas próprios dos institutos a que pertenceis. Entretanto, deve ele estar em tudo subordinado à orientação e direção do bispo com quem trabalhais. Não cabe aos superiores religiosos, mas única e exclusivamente ao bispo, o governo pastoral dos fiéis de cada Igreja local, em todas as suas dimensões e níveis.

Queridos filhos sacerdotes! É muito importante a união fraterna entre vós. Sacerdotes diocesanos e religiosos devem se ajudar mutuamente na atividade pastoral e no apoio humano e material. Que nenhum irmão sacerdote sinta o sofrimento da solidão e da incompreensão! A Igreja vos reconhece, inclusive, o direito a terdes vossas próprias associações em nível diocesano, ou, se preciso, em nível interdiocesano. Muitas já existem no Brasil, na forma das tradicionais irmandades, confrarias ou movimentos sacerdotais. Devem ser elas «estímulo à santidade no exercício do ministério (...) e à união dos clérigos entre si e com o bispo» (CIC, C.278). Não teriam, porém, sentido se fossem concebidas ou viessem a se tornar, na prática, uma espécie de sindicato de padres ou um grupo corporativo, com posturas reivindicatórias ou mesmo antagônicas em relação à autoridade de vossos bispos.

A união fraterna dos presbíteros só pode se inspirar na mesma caridade de Cristo e no desejo de melhor servir a sua Igreja.

Caros filhos, devo terminar. Quero concluir estas palavras dirigindo-me à Nossa Senhora, mãe dos sacerdotes, mãe de nossa esperança. Que ela acompanhe com seu amor misericordioso cada um de vossos passos, torne, cada dia mais santa, mais alegre e mais eficaz vossa missão de servidores de Deus e dos homens, no espírito de fé, de esperança e de amor.

De todo coração, dou-vos a minha bênção apostólica.

*Saudação pronunciada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante encontro com os sacerdotes diocesanos e religiosos,
na Catedral, em Natal, Rio Grande do Norte,
no dia 13 de outubro de 1991.*

Homilia em São Luís, Maranhão

«Foi do agrado de vosso Pai dar-vos o reino» (*Lc 12,32*).

Jesus de Nazaré anuncia a vinda sobre a terra do reino de Deus. É o dom do Pai eterno. É o seu designio e seu plano de salvação. O mundo foi criado para que nele amadurecesse o reino de Deus. O mundo é temporal e transitório, o reino de Deus é eterno.

O destino do homem é o reino de Deus. «Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único» (*Jo 3,16*). O Filho de Deus, tornando-se homem por obra do Espírito Santo, nascido da Virgem Maria, revela o reino de Deus como destino do homem. A Ele — a Cristo — o Pai transmitiu este reino. Nele está para que se propague aos homens, para vir a ser nosso. O reino de Deus é pois o próprio Cristo que nô-lo dá como uma tarefa e nossa meta.

Por isso, diz Cristo: «Não temais, pequeno rebanho, porque foi do agrado de vosso Pai dar-vos o reino» (*Lc 12,32*). Desde o início de sua pregação, Cristo anuncia este reino: «O reino de Deus está próximo» (*Lc 10,9*). «Convertei-vos e crede no evangelho» (*Mc 1,15*).

O Evangelho do reino de Deus é a confirmação da obra divina da criação. Deus criou o mundo para o homem, para todos os homens e mulheres. Mas como o destino definitivo do

homem é o reino de Deus, não pode ele viver exclusivamente para o mundo. Não pode viver como se o mundo e as realidades temporais fossem sua meta definitiva. Não pode arrimar totalmente o coração nos bens e nas riquezas desta terra.

Cristo Nosso Senhor nos ensina isto, na parábola que acabamos de ler no Evangelho de hoje. Um homem rico, que só pensava na maneira de aumentar as próprias riquezas, é colocado diante da realidade ineludível da morte. «Insensato! Nesta noite ainda exigirão de ti a tua alma. E as coisas, que ajuntaste, de quem serão?» (Lc 12,20).

Assim «o Deus santo mostrar-se-á como tal, fazendo justiça» (Is 5,16).

O que a parábola evangélica demonstra com o exemplo de um homem, de um rico egoísta, é da mesma forma apresentado pelo profeta Isaías na primeira leitura como um problema social.

Não é difícil comprovar naquela parábola, à luz do que diz Isaías, uma imagem da realidade dos nossos tempos, e mesmo da atual situação do Brasil.

Quando o homem se deixa arrastar pelas próprias paixões, para sustentar sua ânsia de prazer, de posse, de dominação e de bem-estar — movido por desenfreado egoísmo —, compreende-se o alcance das palavras do profeta: «Ai de vós que ajuntais casa a casa, que acrescentais campo a campo, até que não haja mais lugar e que sejais os únicos proprietários da terra» (Is 5,8). E quando tem tudo isso, não pensa mais a não ser no próprio descanso, no conforto, esquecendo-se de que nada disto aproveita, pois — como diz Jesus — «não é rico para Deus» (Lc 12,21). Torna-se, assim, injusto desrespeitando aqueles que têm iguais direitos, tanto da propriedade como dos frutos da terra.

Gostaria, por isso, de voltar a recordar aqui, aquilo que é doutrina comum — como o declarou o Concílio Vaticano II (Cons. *Gaudium et spes* n. 69) —, e que reiterarei na Encíclica *Centesimus annus*, que «Deus deu a terra a todo o gênero humano, para que ela sustente a todos os seus membros sem excluir nem privilegiar ninguém. Está aqui a raiz do destino universal dos bens da terra. Esta, pela sua própria fecundidade e capacidade de satisfazer às necessidades do homem, constitui o

primeiro dom de Deus para o sustento da vida humana» (n. 31). Os bens deste mundo foram criados por Deus para o bem de todos. A propriedade privada, importante e necessária, inclusive da terra, deve estar a serviço desta finalidade original e não impedi-la.

É inegável que há uma maior consciência desta verdade, e que os dados estão indicando uma leve melhora na distribuição da terra no Brasil. Mas também é certo que falta ainda muito para que se possa falar de uma justa distribuição da terra no Brasil. Não me refiro, evidentemente, à posse dos meios de produção, que «é justa e legítima, se serve para um trabalho útil» (*Ibid.* n. 43). A Igreja tem consciência disto. Ela sabe, por exemplo, que a economia de escala é uma exigência em nossos dias. Quem produz mais pode produzir a menor custo e, portanto, vender por preço menor. No caso, trata-se de «distribuir as propriedades insuficientemente cultivadas por aqueles que as podem tornar rendosas» (Cons. *Gaudium et spes* n. 71). Neste sentido, a posse da terra «torna-se ilegítima, quando não é valorizada ou quando serve para impedir o trabalho dos outros» visando somente «obter um ganho que não provém da expansão global do trabalho humano e da riqueza social, mas antes de sua repressão, da ilícita exploração, da especulação, e da ruptura da solidariedade no mundo do trabalho» (encíclica *Centesimus annus* n. 43). Sob este ponto de vista, pode-se falar do elevado grau de concentração da propriedade de terras no Brasil que exige uma justa reforma agrária. «Semelhante propriedade não tem qualquer justificação, e constitui um abuso diante de Deus e dos homens» (*ibid.* n. 43).

«O Deus santo mostrar-se-á como tal, fazendo justiça».

O Evangelho do reino traz consigo esta verdade fundamental. Deus é infinitamente santo. Sua santidade constitui também a referência definitiva de qualquer justiça. A esta santidade de Deus, que é também a justiça definitiva se opõe qualquer injustiça, quer nas relações entre o homem com seu próximo, quer em qualquer aspecto da vida social.

No ano passado, ao receber em Roma um grupo de bispos brasileiros em visita *ad limina*, recordava-lhes o grande desafio do contraste entre dois brasis: um, altamente desenvolvido, pu-

jante, e lançado no rumo do progresso e da opulência; outro refletindo-se em desmesuradas zonas de pobreza, de doença, de analfabetismo e de marginalização (24 de março de 1990). Falava-lhes também, do fosso que divide a sociedade brasileira, que hoje necessita do empenho de todos, a fim de que se beneficiem de uma mais ampla solidariedade, no respeito ao bem comum.

Amados irmãos e irmãs, não há como não ver nesta disparidade, a existência de fatores de verdadeira injustiça que, entre outros, estão ligados aos problemas da distribuição da terra e do seu aproveitamento racional. Sabe-se que o Brasil é um país de migrantes, com milhões de trabalhadores rurais sem terra ou com terra insuficiente para prover ao sustento das suas famílias, devendo por isso, migrar em massa para os estados mais ricos da República. É bem conhecido o problema dos assalariados temporários, moradores das cidades e explorados no campo.

Não estarão estes fatos indicando por si só, a necessidade de serem atendidas as justas e urgentes reivindicações daqueles cidadãos, que têm direito a fazer parte da vida econômica da Nação? Ao Estado, cabe «o dever principalíssimo de assegurar a propriedade particular por meio de leis sábias», pois nem a justiça nem o bem comum, consentem danificar alguém nem invadir sua propriedade sob nenhum pretexto (Cf. encíclica *Rerum novarum* n. 55). Mas, cabe também à tutela do Estado assegurar um sistema justo de distribuição das terras, garantindo, ao mesmo tempo, o direito de todos de que se reconheça, tanto a capacidade como o rendimento do próprio trabalho (Cf. encíclica *Centesimus annus* n. 52 e 28), dentro de condições realisticamente acessíveis.

Falar portanto de reforma agrária, nada mais é que dar apoio à modernização das relações trabalhistas no campo, criar ocupações produtivas na área rural, coibir as manifestações de violência que já mataram tantas pessoas, inclusive sacerdotes, promover serviços de educação, saúde, de crédito financeiro, criando condições para o exercício da cidadania a mais de uma dezena de milhões de agricultores. Tudo isso traria, também, benefícios às cidades, na medida em que haveria um menor êxodo rural, aumentaria a produção agrícola, normalizando o abas-

tecimento e a oferta de alimentos básicos. No próximo dia 16, ao celebrar-se a Jornada Mundial da Alimentação, organizada pela FAO, serão debatidos os problemas da fome no mundo. Espero que neste foro internacional, sejam sugeridas soluções adequadas para fazer frente, em espírito de fraternidade e cooperação, a este problema tão angustiante.

Trata-se, no fundo, de incentivar todas as formas de cooperação entre os vários setores da sociedade, na busca de soluções para a questão da propriedade e do uso da terra, no contexto de uma agricultura que adote critérios modernos de produção.

Quero terminar estas palavras, saudando o povo desta bela terra, centro tradicional de cultura, que mereceu à cidade de São Luís o título de «Atenas do Brasil».

Recordo com emoção a história da Igreja aqui iniciada em 1612 pelos missionários capuchinhos franceses na cidade fundada por La Raverdière. O Maranhão se tornou o centro irradiador da extraordinária ação missionária que os jesuítas, capuchinhos, mercedários e tantos outros estenderam à imensa região amazônica no século XVII. Aqui, o grande clássico da língua portuguesa, o orador sacro e missionário padre Antônio Vieira, soube defender a dignidade humana e a liberdade dos indígenas e denunciar os abusos que contra eles cometiam os colonizadores da terra. Por isso, desejo recordar este monumento que nos lembra um dos marcos fundamentais da evangelização na América Latina. Refiro-me ao Convento das Mercês que, recentemente restaurado por mãos generosas, concluirá sua reconstrução quando lhe for anexada a Igreja que os padres mercedários construíram, no início deste século, com enorme sacrifício e zelo. Nele ressoam ainda hoje as palavras do Padre Antônio Vieira que residiu nessa casa.

Não poderia deixar também de lembrar, que o Maranhão foi o grande foco irradiador no Brasil da devoção ao coração de Jesus, tão querida do povo, através do zelo do insigne missionário e fundador de obras e institutos religiosos, o Padre Gabriel Malagrida, que deixou marcas profundas de sua ação apostólica em todo Norte e Nordeste do Brasil do século XVIII!

Deus seja louvado, que trouxe o Papa ao Maranhão!

Agradeço, queridos filhos do Maranhão, e a vosso Arcebispo, dom Paulo Eduardo Andrade Ponte, o carinho com que me acolhestes.

«Mestre, dize a meu irmão que reparta comigo a herança» (Lc 12,13) — lemos no Evangelho de hoje. A estas palavras, de algum dos presentes, Jesus respondeu: «Meu amigo, quem me constituiu juiz ou árbitro entre vós?» (Lc 12,14).

Não compete a Cristo, nem à sua Igreja solucionar o problema da terra. Isto cabe às instituições humanas, às autoridades competentes.

A missão da Igreja, é anunciar o Evangelho do reino. O reino de Deus é a manifestação da santidade de Deus — daquela santidade que se torna patente mediante a justiça, mediante o julgamento: «O Senhor dos exércitos triunfará no julgamento» (Is 5,16).

Por isso Cristo diz: «Não temais, pequeno rebanho». Não vos deixeis abater por qualquer injustiça terrena. No fim, se fará justiça. Portanto, todos que sois responsáveis pela sociedade, fazei tudo o que estiver ao vosso alcance, a fim de que, na vida dos homens, na vida das sociedades, a injustiça dê lugar à justiça!

«Não temais, pequeno rebanho ... diz Jesus ... porque foi do agrado do vosso Pai dar-vos o reino». Esta é a medida definitiva de todos os sistemas temporais.

E Jesus exclama: «Fazei para vós bolsas que não se gastam, um tesouro inesgotável nos céus, aonde não chega o ladrão, onde a traça não o destrói» (Lc 12,33).

Para isso, inclusive, «vendei o que possuíis e dai esmolas!» (Lc 12,33).

Que todo o vosso modo de agir mostre onde está «vosso verdadeiro tesouro». «Porque onde estiver vosso tesouro, ali estará também o vosso coração» (Lc 12,34).

Unamo-nos agora em torno da hóstia consagrada do divino redentor, desejosos de receber dele a inspiração e a força para prosseguir naquele caminho com que os primeiros evangelizadores transmitiram a fê cristã nesta terra. Possam as «santas mis-

sões» que estão se realizando atualmente na cidade de São Luís, desencadear este processo da nova evangelização que abençoou de todo o coração.

*Homilia pronunciada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante missa celebrada
no Aterro do Bacanga,
em São Luís, Maranhão,
no dia 14 de outubro de 1991.*

Saudação do Presidente ao Papa no Palácio do Planalto

Beatíssimo Padre,

Certa vez, ao regressar de uma de suas viagens apostólicas, Vossa Santidade explicou que viajava pelo mundo a serviço da Igreja e a serviço do homem.

Tenho, portanto, duplo motivo de satisfação, neste momento em que Vossa Santidade nos visita: como membro da comunidade católica e como Presidente da República, sou duas vezes honrado por sua presença em Brasília.

A Igreja no Brasil cresce em vigor pelo privilégio do encontro com o Sumo Pontífice; e isso alegra todos os fiéis.

Ao Presidente, é dada a oportunidade de falar, de coração aberto, ao Papa enquanto estadista — dessa conversa, estou seguro, resultará proveito duradouro para toda a cidadania.

Esse serviço à causa da Igreja e à causa do homem, tem marcado de forma constante seu pontificado.

De um lado, o zelo pela teologia e a defesa de sã doutrina, o incentivo à ação missionária, a promoção do ecumenismo e a abertura ao diálogo interreligioso, além do paternal cuidado pelo clero e pelos religiosos.

De outro lado, a luta cotidiana em prol dos direitos humanos, do mais elementar direito à vida ao mais nobre direito à li-

berdade de consciência e de prática da fé; a intransigente cruzada pela paz e pela justiça; o interesse diligente pelas prerrogativas das minorias; o ouvido sempre atento à queixa dos oprimidos; a voz sempre vigorosa em favor dos pobres, dos doentes, dos discriminados, dos migrantes e refugiados, dos deserdados da sorte — essa mesma voz que sempre se eleva na defesa do direito ao desenvolvimento.

Na história moderna, Beatíssimo Padre, os efeitos de sua ação pessoal têm sido extraordinários.

Quis o destino que Vossa Santidade se encontre entre nós, depois de amanhã, dia 16, quando celebramos o 13º aniversário de sua eleição pelo sacro colégio dos cardeais.

Quis, igualmente, o destino que a chegada do Papa a esta terra ocorresse em dia de júbilo para nós, dia de Nossa Senhora Aparecida, padroeira dos brasileiros, e no qual também comemoramos o Dia da Criança, por cujo bem-estar e segurança nossa sociedade irá mobilizar-se ainda mais, com a força motivadora da sua presença.

Pela segunda vez cabe ao Brasil a honra de receber a Vossa Santidade em visita pastoral, que renova e fortalece os vínculos especiais existentes entre a Sé apostólica e este País de imensa maioria católica.

O lado litúrgico de seu intenso programa em nossa terra encontrará o ponto culminante na celebração da santa missa em Florianópolis, durante a qual será elevada à dignidade dos altares Madre Paulina, fundadora da Ordem das Irmãzinhas da Imaculada Conceição.

Além de intercessora das graças divinas, ela será, doravante, por todos os títulos, mesmo para os brasileiros de outras crenças, figura emblemática das virtudes de dedicação ao próximo, de humildade perante a injustiça sofrida e de perseverança a serviço de um ideal.

As atividades pastorais de Vossa Santidade o levarão a defrontar-se com a realidade brasileira nos sucessivos encontros com os jovens e as crianças, com os indígenas, com os doentes, com os favelados, com os representantes de outras igrejas cristãs e da comunidade judaica, com o mundo da cultura e das artes.

Não que seja preciso ao Santo Padre informar-se sobre o Brasil; Vossa Santidade nos conhece bem.

Desde quando os jesuítas, há quase quinhentos anos, fundavam cidades e as primeiras «escolas de ler, de escrever e de algarismos», a inserção da Igreja na história de meu País é tão forte que se pode quase dizer que somos o que a Igreja nos fez.

Até hoje, continua a ser primordial a contribuição da Igreja para a vida do Brasil.

Se, na esfera política, o clero e as instituições leigas católicas competem livremente com as demais forças vivas desta Nação, na área social, a presença e a atuação da Igreja são extremamente importantes e ela se faz credora do reconhecimento geral.

De tudo isso, Vossa Santidade é mantido a par, por força da atividade diplomática da Santa Sé e em virtude das visitas regulares que lhe fazem os membros do Episcopado brasileiro.

Inúmeras vezes, Beatíssimo Padre, na leitura de suas encíclicas de cunho social, como de outros documentos pontifícios, reconhecemos a realidade da situação brasileira — semelhante à de outros países em desenvolvimento — e enche-nos de ânimo verificar, ao mesmo tempo, o zelo de Vossa Santidade e sua admirável profundidade de análise.

Seja-me permitido, apenas nesse contexto, e para atualizar informações ante Vossa Santidade, uma vez que já transcorreu quase um ano do término das visitas *ad limina* dos bispos brasileiros ao Pontífice, fazer-lhe breve referência a alguns programas nossos, que convergem com as permanentes preocupações do chefe da Igreja:

- a reestruturação da economia, com vistas a alcançar maior eficiência e maior justiça na distribuição da renda nacional, mediante a valorização dos instrumentos de mercado, na linha preconizada por vários pronunciamentos de Vossa Santidade, tais como as encíclicas *Laborem exercens*, *Sollicitudo rei socialis* e *Centesimus annus*.

- a proteção da infância e da adolescência abandonadas, sobretudo nos grandes centros urbanos, através de iniciativas

abrangentes, visando a uma formação integral, como é o caso dos Centros Integrados de Apoio à Criança;

- a preservação do meio ambiente, por meio de inúmeros projetos de proteção e recuperação ecológica;
- a defesa dos indígenas e o incessante trabalho de demarcação de suas reservas;
- a intensificação dos esforços em prol da reforma agrária, visando à implantação segura e progressiva de uma estrutura fundiária mais justa, para proporcionar um meio de vida estável a milhões de famílias de colonos sem terra.

São essas, Santíssimo Padre, algumas das respostas que, no Brasil, com enormes dificuldades e ânimo inquebrantável, estamos procurando dar aos imensos desafios práticos da hora presente.

Todos os nossos esforços fazem-se sob o signo da democracia e da tolerância, com o objetivo último de criar uma sociedade justa e harmônica e que reflita, em sua pluralidade, os mais essenciais valores cristãos.

«O ensinamento social da Igreja», salientava recentemente Vossa Santidade a propósito de sua encíclica *Centesimus annus*, «não é senão um desenvolvimento orgânico da própria verdade do Evangelho: é o ‘Evangelho social’ de nossos tempos».

Sabemos que a plena aceitação desse ensinamento não significa a automática solução dos problemas que a Igreja aponta e que, no caso do Brasil, todos reconhecemos e buscamos enfrentar.

Persistem óbices de natureza vária a dificultar a correção de situações de injustiça.

As grandes questões de nosso tempo não se resolveram com o esgotamento do conflito ideológico.

Vivemos em meio a grandes transformações, que têm exigido sacrifícios igualmente grandes.

Nos países em desenvolvimento, muitos dos obstáculos ao verdadeiro progresso social derivam ainda de fatores externos, sobre os quais nossa capacidade de influir é restrita.

O comércio internacional, distorcido e limitado pelo protecionismo, não favorece a superação desse estado de coisas, agravado, ainda por cima, pela crise do endividamento, sobre a qual Vossa Santidade tem freqüentemente lançado seu olhar atento e sensível.

Após haver ajudado a lançar os fundamentos da «casa comum européia» e aberto novos horizontes à história dos povos do hemisfério Norte, Vossa Santidade pode, sem prejuízo da missão de pastor, usar o peso de sua incontrastável autoridade, em todos os foros internacionais, para melhorar as condições do resto do mundo, contribuindo para suprimir tantas injustiças que ainda subsistem no relacionamento entre os povos.

Quero renovar a Vossa Santidade, em nome de todo o povo brasileiro, a expressão de nosso contentamento por tê-lo entre nós e formular os votos mais fervorosos de bom prosseguimento de sua visita pastoral.

Quero também pedir ao Papa suas generosas bênçãos sobre o Brasil e o seu continuado interesse pelo destino desta nossa grande e querida Pátria.

Que Deus continue a nos ajudar!

*Saudação pronunciada por
Sua Excelência o Senhor Fernando Collor,
Presidente da República Federativa do Brasil
à Sua Santidade o Papa João Paulo II,
por ocasião de sua visita ao Palácio do Planalto,
no dia 14 de outubro de 1991.*

Visita de Cortesia ao Presidente

Senhor Presidente,

Permita-me primeiramente expressar meus sentimentos de agradecimento pela acolhida que me foi feita, através do vosso Ministro das Relações Exteriores, doutor Francisco Rezek, logo ao pisar o solo brasileiro, e pelas nobres palavras que acaba agora de dirigir-me Vossa Excelência, sem dúvida destinadas não exclusivamente à minha pessoa, mas à missão que a divina providência me confiou 12 anos atrás e à mesma Igreja universal de que sou pastor.

O retorno ao Brasil, como já frisei na minha chegada, visa precisamente cumprir essa missão pastoral, dentro de um marco exclusivamente evangélico, de congregar as ovelhas do rebanho da Terra de Santa Cruz. Por isso, este momento assume particular significado, considerando que me dirijo não só ao supremo mandatário da Nação brasileira, mas também às autoridades governamentais que têm a grave responsabilidade de representar e de encaminhar a vontade do povo como promotores da paz e do progresso entre os seus cidadãos.

Os objetivos, o da Igreja, na sua missão exclusivamente religiosa e espiritual, e do Estado, visando ao bem comum de cada homem, são certamente distintos. No entanto, confluem num ponto de convergência: o homem e o bem da pátria.

A Igreja, que sempre teve presente as próprias dificuldades para alcançar seus objetivos, com mais facilidade há de entender a complexidade do próprio governo de uma nação para cumprir suas obrigações diante de cada indivíduo. Mas ela deve dar sua colaboração para que tais fins sejam alcançados, sabendo respeitar a área específica do Estado. Existirão divergências, devidas às limitações humanas e à variedade dos problemas, especialmente num país tão vasto, como o Brasil. Porém o entendimento respeitoso, a preocupação de independência mútua e o princípio de servir melhor ao homem, dentro de uma concepção cristã, serão fatores de concórdia cujo beneficiário será o próprio povo.

Senhor Presidente da República, senhores membros do Congresso Nacional, e do Supremo Tribunal Federal, senhores ministros de Estado, senhores governadores, senhoras e senhores:

Ao agradecer a homenagem que quisestes tributar ao sucessor de São Pedro nesta sua segunda visita ao Brasil, quero expressar o meu apreço pela significativa missão que desempenhais como representantes de todo o povo brasileiro.

O Brasil atravessa, neste momento da sua história, uma fase, que todos sabem ser delicada, face aos imensos problemas sociais e econômicos, cuja solução não admite mais dilações. O povo de toda a Nação tem voltado seus olhos para as decisões que tomais, na esperança de um porvir mais luminoso e feliz para os seus filhos.

Considero de particular significado as palavras de alguns meses atrás do senhor Presidente, conclamando a Nação para o esforço em compartilhar as responsabilidades, para vencer a crise e as desigualdades que afligem a grande maioria dos brasileiros (abril 1991).

Certo de não me afastar o mínimo do meu escopo pastoral, e do exercício da minha missão exclusivamente espiritual, dirijo-me aos senhores, pedindo a Deus que que vos ilumine nesta árdua missão da defesa dos valores espirituais e morais

do Brasil. Que as questões levantadas pela sociedade sejam sempre examinadas à luz dos critérios da justiça e da moralidade cristãs, antes de interesses particulares. Creio que não é esta a motivação do vosso agir político, pois tal postura seria incoerente com a visão do bem comum que certamente vos move. Que vossa tenacidade, posta ao serviço de todas as iniciativas que visem o progresso social, econômico e científico em favor da família brasileira, seja sempre mais autêntica e desprendida. Que o trabalho em defesa da vida, não seja contra ela. Com imaginação, coragem e perseverança, permitireis assim que todos os brasileiros tomem pacificamente o lugar que lhes é destinado no concerto da Nação. Neste sentido, alegra-me a preocupação de Vossa Excelência, senhor Presidente, pela condição básica do verdadeiro desenvolvimento que é a educação. O Brasil não pode abrir mão de sua maior riqueza — o imenso contingente de crianças e jovens que precisa ser integrado plenamente na vida social, no trabalho, na efetiva cidadania. A bênção que, dentro em pouco, terei o prazer de dar, simbolicamente, à maquete de um Centro Integrado de Apoio à Criança, deverá ser inspiradora da absoluta prioridade que o Governo de Vossa Excelência pretende dar às instituições escolares, particulares e públicas, que visem proporcionar um ensino de boa qualidade e uma verdadeira e integral educação. Esta é, com efeito, o fundamento primeiro de uma autêntica sociedade democrática.

Prossigo meu itinerário traçado para esta visita pastoral através de várias capitais de estados da Federação, levando este sinal de esperança que desejo recolher de Vossa Excelência, como também dos senhores senadores, deputados e ministros. O espírito que me anima, é portador de um imenso afeto pelos filhos do Brasil, a quem neste momento desejo unir-me num grande abraço. Não podendo fazê-lo pessoalmente peço aos senhores que o façam por mim. Que todos fiquem sabendo que o Papa estima o povo brasileiro, sua história, suas lutas, suas conquistas. O Papa abençoa a todos e a cada um, do Chui ao Oiapoque, das extremidades do Acre ao arquipélago de Fernando de Noronha.

Que Deus abençoe o Brasil!

Que a paz e a concórdia, unidas à prosperidade, tanto material quanto espiritual, estejam convosco e que Nossa Senhora Aparecida proteja a missão que a providência vos encomendou.

Muito obrigado!

*Saudação pronunciada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante visita de cortesia
ao Presidente Fernando Collor,
no Palácio do Planalto,
no dia 14 de outubro de 1991.*

Encontro com o Corpo Diplomático

Excelências,

Senhoras e Senhores,

É com grande satisfação que me dirijo a todos, membros das missões diplomáticas acreditadas junto ao Governo brasileiro, pois a todos vejo como os realizadores da nobre e complexa tarefa, que é um entendimento sempre maior entre as nações. A Santa Sé acompanha com real simpatia essa missão e deseja apoiá-la, compartilhando os anseios de paz e de diálogo, núcleo de toda ação diplomática.

Ao agradecer a vosso decano, Sua Excelência dom Carlo Furno, as cordiais expressões de boas-vindas, penso poder interpretá-las como a manifestação do apoio de todos os senhores e, portanto, dos vossos governos a um sempre maior estreitamento das relações diplomáticas com a Sé Apostólica, assim como a compreensão amistosa pela ação conduzida pela Igreja Católica nas relações internacionais, constantemente inspiradas nos valores supremos do bem, da verdade e da justiça.

Expressando minhas mais cordiais saudações aos senhores, desejo fazer chegar aos povos de todos os continentes, dos quais sois os representantes. minha palavra amiga de sucessor de São Pedro e pastor da Igreja Católica.

Neste sentido, o primeiro que desejo externar-vos é que a Santa Sé aprecia grandemente vossa função, que é a de contri-

buir para a salvaguarda da paz, procurando a colaboração dos vários países na consecução do bem comum e da promoção social. Causaram-me muita satisfação os entendimentos realizados, quer no âmbito da América Latina e do Norte, quer os dirigidos numa maior perspectiva de horizontes, como os contatos de diversa índole com a Comunidade Econômica Européia, visando favorecer o desenvolvimento das relações econômicas mundiais. A Igreja vê com interesse esta aproximação, pois pode abrir caminho para uma significativa contribuição tanto para a paz entre os povos, como para um efetivo redimensionamento dos projetos políticos e econômicos em países onde são evidentes os desequilíbrios sociais. Reveste-se deste modo de particular interesse o empenho que deve haver por parte das nações sul-americanas no estreitamento dos laços de amizade e união. Todos os países deste continente estão chamados a dar testemunho do amor cristão e da colaboração entre as nações.

A Igreja vê, e verá sempre, o diálogo entre os homens como instrumento indispensável, para que possam reconhecer a verdade, que, iluminada pela mensagem de Cristo, tornou-os capazes de descobrir no próximo não só um irmão, mas um filho de Deus. Por isso, não deixará ela de conclamar sempre as nações mais desenvolvidas a uma maior compreensão, para que não se eximam da sua responsabilidade de ajudar àqueles países que, por si sós, não alcançariam um grau de desenvolvimento justo e razoável, em níveis condizentes com a dignidade humana.

Os recentes acontecimentos no Leste Europeu, com a derrocada, cada vez mais acentuada, do marxismo, e, ao mesmo tempo, a concentração de esforços visando à recuperação das economias daqueles países não permitem desviar a atenção das situações aflitivas que assolam tantas nações. Foi o que deixei registrado na recente encíclica *Centesimus annus*: «Será necessário um extraordinário esforço para mobilizar os recursos, de que o mundo no seu todo não está privado, em ordem a objetivos de crescimento econômico e desenvolvimento comuns, redefinindo as prioridades e as escalas de valores, que estão servindo de base para decidir as opções econômicas e políticas». (n. 28)

Foi por esta razão que, ao discursar no início deste ano, perante o corpo diplomático acreditado junto à Santa Sé, enfatizava que «se 1990 foi o ano da liberdade, 1991 deveria ser o ano da solidariedade!» (*Osservatore Romano* 3,20 de janeiro de 1991).

Imbuída por este espírito de colaboração, visando participar desta obra benéfica e urgente, da qual os povos esperam uma era de tranqüilidade e de bem-estar, a Sé Apostólica envia seus representantes aos vários países, que colaboram não só para o desenvolvimento das igrejas locais, mas também para o bem civil e humano das populações. A Igreja, que é depositária de um «humanismo novo», um «humanismo cristão», é capaz de realizar uma tarefa humanizadora, em sintonia com sua tarefa primeira, que é a evangelizadora. Ela exercerá com tanto maior impacto e eficácia sua função humanizadora — de fermentação cultural, promoção humana, alfabetização e educação de base, assistência social, conscientização popular — quanto mais fiel for ela à sua missão primordial que é, e seguirá sendo, religiosa.

É sob este prisma que a Igreja se faz presente em todas as nações onde mantém representações diplomáticas, e aspira iniciá-las onde isso ainda não foi possível.

A Santa Sé está convencida da boa acolhida dada pelos vários países à sua obra. Por isso, ela exprime sua confiança nas atividades dos que têm responsabilidades públicas, em cada nação, para o advento de melhores condições de vida, não só em nível nacional, mas para toda a família humana.

É na esteira destas idéias que me dirijo aos responsáveis pelas nações e, portanto, a seus representantes, para que não deixem de promover o verdadeiro bem das pessoas, dos povos, dentro da comunidade internacional. Sede sempre **portadores da paz e do diálogo**, em vista a uma convivência internacional harmoniosa para a construção de um mundo mais humano e mais pacífico. Empenhai-vos na aplicação da **ética política**, hoje tanto mais necessária quanto mais se dispõe de grande variedade de meios técnicos, que envolvem grandes recursos, quer para o progresso do indivíduo, quer para a sua destruição. Estão em jogo os direitos individuais e sociais do homem. A vida humana não pode ser manipulada através da coerção física ou moral,

proveniente de interesses políticos e financeiros. «Seja total o respeito pelo homem, no qual brilha a imagem de Deus» (Mensagem *Urbi et orbi* — O.R. n.14, 7 de abril de 1991).

Renovo, enfim, meu «premente apelo a todos quantos desempenham cargos públicos — sejam eles chefes de Estado ou de governo, legisladores, magistrados ou outros — para que assegurem, com todos os meios necessários, a autêntica liberdade de consciência de todas as pessoas que se encontram no âmbito da sua jurisdição, dando particular atenção ao direito das minorias» (Mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz — 1º de janeiro de 1991). A liberdade religiosa, que encontra neste Brasil, que nos hospeda, um digno exemplo, é alavanca para o despertar dos povos em busca da verdadeira liberdade.

Colocando-nos constantemente diante desta missão mundial de paz, na justiça e na liberdade, acharemos as palavras e os gestos que, gradativamente, construirão um mundo digno das criaturas humanas, o mundo que Deus quer para os homens, aos quais, iluminando-lhes a consciência, confia a responsabilidade sobre ele.

São estes os votos, os anseios e as saudações que o Papa dirige aos ilustres representantes dos vários países que aqui se encontram. Que Deus vos inspire! Que abençoe vossas pátrias e proteja vossas famílias! Que Ele guie a comunidade internacional pelos caminhos da paz e da fraternidade!

*Saudação pronunciada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante encontro com o corpo diplomático,
da Nunciatura Apostólica, em Brasília, DF,
no dia 14 de outubro de 1991.*

Homilia em Brasília

«Sem a fé é impossível agradar a Deus» (*Hb* 11,6)

A leitura da carta aos hebreus mostra-nos vários personagens do antigo testamento: homens com quem Deus se comprazia precisamente por causa da sua fé: Abel, Enoc, Noé, Abraão e Sara, Isaac e Jacó.

Na nova aliança, seguindo a Cristo, que é «o autor e consumidor» da nossa fé (Cf. *Hb* 12,2), aquela lista se prolonga e se estende a todos os povos e nações da terra. Na vossa grande pátria brasileira como são numerosos aqueles que «são agradáveis a Deus mediante a fé», que a Ele «se achegam», conforme as palavras da carta aos hebreus: «pois para se achegar a Ele, é necessário que se creia primeiro que Ele existe e que recompensa os que o procuram» (*Hb* 11,6).

Ora, a fé é a «procura» de Deus. É significativo o que escreve Pascal: «Não me procurarias se já não me possuísses» (Pensamentos, cap. II, 9). «Antecedente», à «procura» de Deus por parte do homem, é o dom divino da fé, com o qual «buscamos continuamente a sua face» (Cf. *Sal* 104/105,4).

O que é a fé? O Apóstolo responde: «A fé é o fundamento das coisas que se esperam, e o argumento das que não se vêem» (*Hb* 11,1). Portanto, pela fé, de certo modo, superamos o limiar da realidade visível, para entrarmos na invisível. O visível, de certa maneira, testemunha o invisível. O universo presta testemunho de Deus como seu criador. Lemos na carta aos he-

breus: «Pela fé reconhecemos que o mundo foi formado pela palavra de Deus, de sorte que o visível foi feito pelo invisível» (Hb 11,3). O testemunho da palavra de Deus criador está de certo modo, inscrito em toda a criação.

Além deste testemunho, acessível a todos, a fé encontra seu apoio nos testemunhos humanos de divina revelação. Os antepassados, com efeito, «receberam... o testemunho» (Hb 11,2). «Deus, tendo falado outrora muitas vezes e de muitos modos a nossos pais pelos profetas, ultimamente, nestes dias, falou-nos por meio do seu Filho» (Hb 1,1-2).

O Concílio Vaticano II ensina: «A Deus que revela deve-se prestar a «obediência da fé» (Rm 16,26; Cf. Rm 1,5; 2 Cor 10,5-6), pela qual o homem se entrega livre e totalmente a Deus, oferecendo-lhe «a plena submissão da inteligência e da vontade» e dando voluntariamente assentimento à revelação feita por Ele. Para professar esta fé, é necessária a graça de Deus que previne e ajuda, e os auxílios internos do Espírito Santo, que possam mover e converter para Deus os corações, abrir os olhos da alma, e dar «a todos a suavidade no aderir e dar crédito à verdade». Para que a inteligência da revelação seja cada vez mais profunda, o mesmo Espírito Santo aperfeiçoa constantemente a fé, por meio dos seus dons (Cons. *Dei Verbum* n. 5).

A fé pois é um dom do mesmo Deus, que vem ao homem com a palavra da verdade absoluta, mas é, ao mesmo tempo, a *resposta do homem*, que procura sinceramente encontrar esta verdade: o encontro com Deus.

Hoje, na medida em que nos aproximamos do terceiro milênio da era cristã, são necessários homens de fé. Homens que sejam luz e força para uma nova sociedade: políticos, técnicos, administradores, educadores, funcionários públicos, empresários, trabalhadores da cidade e do campo... Como eu disse na minha primeira viagem, em Salvador, aos construtores da sociedade pluralista — homens que pertencem à «uma sociedade que deve responder às exigências humanas, tanto ao nível dos bens materiais quanto dos bens espirituais e religiosos, uma sociedade fundada sobre um sistema de valores que a defenda das manipulações do egoísmo individual ou coletivo» (*Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, III, 2, 157-7).

Para esta tarefa, é necessária a educação permanente da fé dos cristãos, especialmente dos que têm uma responsabilidade maior e mais direta na construção da sociedade. Exige-o a mesma dimensão da sua natureza, constituída de alma e corpo, pois ele foi chamado pelo Pai a tomar posse no reino dos céus, que lhe foi preparado (Cf. *Mt 25,34*). Decorre daí sua preocupação por descobrir o significado mais profundo deste mundo, que é obra do criador. Se o mundo saiu das mãos de Deus, se Ele criou o homem à sua imagem e semelhança (*Gen 1,26*), deve desentranhar o sentido divino que naturalmente possuem todas as coisas. Não existe, nem nunca existiu, incompatibilidade entre o saber humano e a fé. Desde o esforço intelectual mais profundo até o mais simples ofício manual, tudo pode e deve levar a Deus. Por isso, é necessário cultivar a fé de acordo com o nível cultural de cada um, com sua responsabilidade social e com sua própria capacitação profissional.

A grande Santa de Ávila, que a Igreja celebra hoje no calendário litúrgico, pode ser lembrada como uma mulher cuja fé a levava a preocupar-se pelos milhões de seres humanos que ainda não conheciam a Jesus Cristo e aos quais a Igreja deveria anunciá-lo. Em Santa Teresa, a fé em Jesus Cristo era inseparável do amor à Igreja. Suas últimas palavras foram: «Graças a Deus, morro como filha da Igreja». Pessoas de fé assim, são luz para os outros, centro de irradiação espiritual e religiosa, sal da terra. Nossos tempos necessitam da presença atuante e benéfica de homens e de mulheres que saibam mostrar a própria fé com suas obras (Cf. *Tg 2,18*).

O que será «a nova sociedade» brasileira como fruto da educação na fé?

A esta pergunta, Cristo responde com as próprias palavras do Evangelho que hoje foram lembradas na liturgia: o sal da terra, e a luz do mundo! (Cf. *Mt 5,13-14*).

O sal que dá o bom sabor aos alimentos, é a imagem do que deve ser o fruto da educação na fé que leva saúde espiritual e moral aos mais variados âmbitos da existência humana — o homem, a família, a comunidade, a sociedade. Deste modo, todos ficam protegidos contra a depravação, contra aquilo que Cristo disse que deve «ser lançado fora e pisado pelos homens» (Cf. *Mt 5,13*).

É ao mesmo tempo: a luz que resplandece para os outros, que ilumina a todos «os que estão em casa» (Mt 5,15). A vossa grande casa brasileira possui muitos milhões de moradores. A fé é luz que «não se coloca debaixo do alqueire, mas sobre o candeeiro». Que ela «brilhe... diante dos homens, para que vejam vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus» (Mt 5,15-16).

Eis o que Cristo diz, respondendo à vossa pergunta: o que é a fé, e o que é educar na fé para uma nova sociedade?

Caríssimos irmãos e irmãs:

É com grande alegria que estou novamente em Brasília. O Papa está feliz vendo como cresceu, nestes últimos 11 anos, esta cidade menina que vai se tornando, efetivamente, o centro das grandes decisões nacionais. Os amplos horizontes que ele descortina do alto deste planalto, recordando-lhe o sonho profético de Dom Bosco que tanto inspirou os fundadores da cidade. Lembro que não longe deste lugar foi plantado o cruzeiro e celebrada a primeira missa que marcou o nascimento de Brasília. Que esta cidade cresça sempre à sombra da cruz e protegida pelas bênçãos maternas de sua padroeira Nossa Senhora Auxiliadora!

De todo o coração saúdo os que vieram para celebrar esta Eucaristia.

Agradeço o acolhimento generoso e fraterno do querido irmão, pastor desta igreja em Brasília, o cardeal dom José Freire Falcão, e de seus bispos auxiliares, dom Alberto Taveira e dom Raymundo Damasceno Assis, que é atualmente o secretário-geral do Conselho Episcopal Latino-Americano.

Gostaria de aproveitar a ocasião, para expressar a satisfação que me foi dada pelo querido irmão no Episcopado e Arcebispo Militar do Brasil, dom Geraldo do Espírito Santo d'Ávila, ao me convidar para abençoar a primeira pedra da futura Catedral da Arquidiocese Militar do Brasil, cujo título será Santa Maria dos Militares, Rainha da Paz.

Faço votos de que a edificação deste templo sirva para congregar sempre mais a família militar do Brasil e se torne um grande centro da evangelização de todos, do Exército, da Mari-

nha e da Aeronáutica, para cumprirem sua missão própria de serem garantia da paz, da liberdade e da justiça. Aos sacerdotes que estão desempenhando sua *diaconia* nas vilas militares, nos quartéis e nos vários destacamentos da fronteira, digo-lhes que se entreguem com amor e confiança ao trabalho, sem se poupar, levando o Evangelho onde o bem das almas o solicite.

Vão aqui, também, minhas palavras de agradecimento, ao dileto irmão no Episcopado dom José Newton de Almeida Baptista, que com tanta diligência e operosidade entregou-se a fundo à sua obra de pastor, não só na nova Capital da República, como no ordinariado militar. Que Deus o recompense e o abençoe!

Sem a fé é impossível agradar a Deus. Sem a fé não é possível que a vida humana seja semelhante à de Deus. No entanto, esta é a vocação do homem. Disto depende seu bem e sua felicidade, não só temporal, mas eterna.

Deus, que criou o homem, à sua imagem e semelhança, dele espera que seja realmente semelhante a Ele. Deus quer que ele, como Abel, lhe ofereça o sacrifício dos frutos da fé e das boas obras. Deus espera que o homem se torne herdeiro daquela justiça, que o Evangelho lhe ensina, merecida por Cristo crucificado e ressuscitado, para a redenção dos pecados. Ao homem é concedida a justiça de Cristo «no primogênito de toda a criatura» (Col 1,15), através da fé peregrina em direção à terra prometida, à vida eterna em união com Deus.

Maria, a primeira que acreditou, a estrela da nova evangelização, invocada em todo o Brasil, como Nossa Senhora da Conceição Aparecida, seja o modelo e a educadora da fé para os cristãos, comprometidos na construção da nova sociedade.

*Homilia pronunciada
por Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante missa celebrada
na Esplanada dos Ministérios,
em Brasília, DF,
no dia 15 de outubro de 1991.*

Celebração da Palavra em Goiânia, Goiás

Queridos irmãos e irmãs,

É grande a alegria do Papa de conhecer, pela primeira vez, a terra goiana e de visitar a cidade de Goiânia. Tão jovem ainda, nos seus 55 anos de existência, é ela hoje uma grande metrópole, que une a beleza de suas avenidas e de suas construções, ao calor humano e à conhecida hospitalidade dos moradores.

Saúdo, com sentida emoção, a grande comunidade católica de Goiás, que cresceu pelo trabalho sacrificado de tantos missionários, vindos de outros países ou de outras regiões do Brasil. Estes vastos sertões guardam ainda as marcas deixadas pelo zelo apostólico dos dominicanos, dos redentoristas e franciscanos, de pastores dedicados como dom Prudêncio Gomes da Silva ou do missionário dominicano, dom Alano Maria du Noday. No mais idoso dos bispos do Brasil, dom Francisco Prada Carrera, cujos 98 anos de idade não o impediram de acolher-me no aeroporto da cidade, expressei meu afeto pelos pastores desta terra. Recordo, com admiração, a extraordinária obra educacional do grande filho de dom Bosco, dom Emanuel Gomes de Oliveira, cujas escolas abriram o caminho para a disseminação do ensino pelo interior do estado. Esta obra foi coroada pela Universidade Católica de Goiás, a primeira instituição universi-

tária do Centro-Oeste brasileiro, criada após sua morte pelo primeiro arcebispo de Goiânia, dom Fernando Gomes, e pelo trabalho dedicado dos educadores jesuítas.

Louvido seja Deus que permitiu ao Papa vir a esta terra e conhecer este povo!

«Eles perseveravam na doutrina dos apóstolos, nas reuniões em comum, na fração do pão e nas orações» (At 2,42).

É muito importante para nós a passagem dos atos dos apóstolos, que hoje foi lida aqui. Assim era a vida da primeira comunidade cristã em Jerusalém — da primeira comunidade reunida em torno dos apóstolos de Cristo. Eles se mantinham ainda ligados ao templo de Jerusalém mas, ao mesmo tempo, na prática, já haviam introduzido «em suas casas» aquilo que constituía a Igreja da nova aliança:

— o ensinamento dos apóstolos, ou seja, a palavra divina da boa nova transmitida por Cristo, confirmada com o sacrifício da cruz e selada pela ressurreição;

— o partir o pão, ou seja, a Eucaristia, o sacramento do mistério pascal do redentor;

— a oração, como o mesmo Cristo lhes ensinara.

Tudo isto era confirmado exteriormente pelos sinais da onipotência divina, por «prodígios e milagres». (Cf. At. 2,43).

Era também, acompanhado pelo testemunho das obras, que encontravam sua expressão no mandamento do amor de Cristo, o amor fraterno, o amor social: «Eles dividiam seus bens entre todos, segundo a necessidade de cada um» (At 2,45).

O texto dos atos dos apóstolos contendo o testemunho da vida das primeiras comunidades cristãs, é de especial significado para os discípulos e confessores de Cristo de todos os tempos.

Ele é importante para nós que estamos aqui reunidos.

Com particular satisfação, dirijo-me a esta representação do divino Pai eterno, na sua atitude de coroar a beatíssima Virgem Maria. Sei que o povo dessa arquidiocese, e de todo o Goiás, tem muita devoção ao divino Pai eterno, e esta representação exprime muito bem o sentido misterioso da redenção realizada pelo Deus homem que, para nos salvar, veio ao mundo,

por vontade do Pai, encarnando-se no seio puríssimo da Virgem Maria.

Nisto, caríssimos filhos do Brasil, se resume toda a beleza das insondáveis riquezas do amor de Deus pelos homens, que quis reunir na Igreja Católica todas as ovelhas para que, ao fim dos tempos, constituam um só rebanho com um único pastor!

Por um designio insondável da providência, a Igreja é este mistério, manifestado pela livre disposição da sabedoria e da bondade do Pai de se comunicar. Tal comunicação se realiza pela missão do Filho e o envio do Espírito Santo para salvação dos homens. Na ação divina tem origem a criação, como história dos homens, pois ela tem seu «princípio» no sentido mais pleno da palavra (Cf. *Jo* 1,1), em Jesus Cristo, o verbo feito carne. A Igreja é esse mistério que tem sua origem da trindade santíssima, à qual está intimamente unida e sem a qual não poderia subsistir. É este o fundamento da unidade eclesial em si mesma, e da unidade com seu povo.

Tal é também o sentido mais profundo da expressão povo de Deus que o Concílio Vaticano II nos quis propor (Cf. *Lumen gentium* n.9). Não se trata mais de um povo reunido em torno dos ideais da antiga aliança, pois surgiu o «novo povo de Deus», constituído por todos os que crêem em Jesus Cristo e foram renascidos, batizados na água e no Espírito Santo (*Jo* 3,3-6). O concílio nos apresenta esse povo como «comunidade de fé, de esperança e de caridade» (Cf. *Ibid.* n.8) cuja fonte é a Eucaristia. «Participando realmente do corpo do Senhor na fração do pão eucarístico, somos elevados à comunhão com Ele e entre nós» (Cf. *Ibid.* n.7).

O que deseja o Papa dizer hoje a seus queridos filhos, esperando que suas palavras possam alcançar, desde este belo planalto aos mais longínquos rincões do Brasil?

O sucessor de Pedro quer lembrar a todos que essa união íntima do fiel com o seu salvador, bem como a unidade dos fiéis entre si, constituem o fruto indivisível da participação fecunda na Igreja e transformam toda a existência dos cristãos em «culto espiritual». Daí surge a dimensão comunitária da Igreja, para que nela possam ser vividas e compartilhadas a fé, a esperança e a caridade, e para que uma tal comunhão, radicada no co-

ração de todo aquele que crê, se realize num plano comunitário, plenamente unida aos pastores, que estão à frente de seu rebanho.

Ao ler e meditar as *Diretrizes gerais para a ação pastoral* que a Igreja no Brasil tenciona pôr em prática no próximo quadriênio, pude comprovar o espírito que animava aos bispos reunidos em Itaiçi. Queriam eles implementar aquela dimensão evangélica, fruto do Espírito do Senhor: evangelizar com renovado ardor missionário, testemunhando Jesus Cristo, em comunhão fraterna, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para formar o povo de Deus.

Parece-me sentir nestas palavras o sabor da primitiva cristandade. Aquela sociedade nascida à sombra do cenáculo, destinada a ser a nova «luz das nações», aquela sociedade dos que foram escolhidos por Jesus Cristo (Cf. *Rom 1,6*), divinamente pensada e constituída por seres humanos, chamados a compô-la em vista de um desígnio orgânico e sobrenatural, é hoje a que marca o destino do homem para uma nova esperança, para a ressurreição definitiva.

Também hoje a Igreja é o fundamento daquela «comunhão universal da caridade (Cf. *Lumen gentium* n. 23) fundada na fé, nos sacramentos, e na ordem hierárquica, na qual, pastores e fiéis, se alimentam pessoal e comunitariamente das fontes da graça, obedecendo ao Espírito do Senhor, que é o espírito da verdade e do amor» (João Paulo II, *Discurso à Cúria Romana* 20.12.1990, n.3).

Comunhão na fé, antes de mais nada, que não exclui a diversidade, pois tal diversidade existe para o serviço, na caridade de uns para com os outros. Neste sentido, desempenha um papel essencial o serviço universal do romano Pontífice, que tem aos seus cuidados a Igreja em todo o mundo, de forma que a plena eclesialidade de qualquer comunidade cristã inclui necessária e essencialmente a comunhão com o sucessor de Pedro (Cons. *Lumen gentium*, n. 23). Ser simplesmente comunidade, não significa estar em comunhão. Nem mesmo a comunidade de que se reúne em nome do Senhor, torna-se por si mesma Igreja. Ser Igreja é sempre um dom do alto, enraizado na união de cada um com Deus, em Cristo, através dos dons da fé

e dos sacramentos. Estes dons, por sua vez, estão vinculados, por disposição divina, à unidade do Episcopado *cum Petro e sub Petro* — com Pedro e sob o mandato de Pedro.

Mas a Igreja não é só comunhão, mas também sacramento: sinal e instrumento da comunhão dos homens com Deus e entre si (*Lumen gentium*, n. 1). Esta força unificadora da Igreja, construtora da comunhão, tem a sua máxima expressão na Eucaristia. A comunhão na fé, assim como o batismo e os demais sacramentos, ordena-se à Eucaristia (*Suma Teológica III*, q. 65, a.3, ad 1). O Concílio Vaticano nos dizia que «a Eucaristia aparece como fonte e ápice de toda a evangelização» (*Presbyterorum ordinis*, n.5). Ordenar, portanto, as estruturas comunitárias, a catequese, a ação evangelizadora para que todos, crianças e adultos, possam receber os sacramentos da salvação cristã, é um grave dever que compete aos sacerdotes, aos agentes de pastoral, aos religiosos e religiosas, a todos que colaboram na evangelização do povo de Deus. Prepará-los, porém, para uma adequada recepção, e uma viva participação, no mistério eucarístico, é dar pleno significado às palavras do mestre, *ut omnes unum sint*, «que todos sejam um» (*Jo*, 17,21). Por isso, faço votos de que a pregação, as celebrações da palavra, necessárias pela escassez de sacerdotes, a catequese, todas iniciativas pastorais, sejam imbuídas por este que é o principal significado do «ardor missionário» que a CNBB quis propor para a Igreja do Brasil.

Desejo, por isso, incentivar todas as instâncias eclesiais, os meus irmãos no Episcopado, os religiosos e religiosas e, especialmente, todos os que dão vida às comunidades eclesiais nesta generosa terra de Goiás, e em todo o Brasil para que sejam cada vez mais «expressão de comunhão e um meio eficaz para construir uma comunhão ainda mais profunda» em toda a Igreja na Terra de Santa Cruz (Cf. *Redemptoris missio*, n.51).

Agora, caros irmãos e irmãs, voltemos mais uma vez à cidade santa de Jerusalém. Vamos ao cenáculo no primeiro dia da paixão de Cristo.

O Senhor Jesus reza pelos seus discípulos. Não só pelos que estavam junto a Ele, mas por todos, por aqueles que, graças às palavras dos apóstolos, crerão nEle, em todo lugar e épo-

ca! Reza portanto também por nós aqui reunidos. Por todos os que participam da construção da sociedade, a fim de que haja nela mais justiça e solidariedade, pelos que sofrem a pobreza e que são prejudicados pela indiferença de muitos, pelos doentes, e aqui quero recordar as vítimas fatais e mais de uma centena de pessoas atingidas pelo acidente radioativo de 1987, para que a sociedade ajude a superar seus problemas e que o Senhor os console em suas tribulações.

A oração de Cristo no cenáculo, chama-se «oração sacerdotal». O que pede ao Pai o redentor do mundo? — «Para que todos sejam um» (Jo, 17,21). Que unidade ele pede? «Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que também eles sejam um» (Ibid. 21-22).

E acrescenta: «Para que sejam perfeitos na unidade, e o mundo reconheça que me enviaste e os amaste como amaste a mim» (Jo 17,23).

«... para que o mundo creia» (Jo 17,21). Pensemos bem nestas palavras!

Hoje nos unimos à oração sacerdotal de Nosso Senhor e redentor. Rezemos pela unidade da Igreja, que há cinco séculos lançou suas raízes em terras do Brasil. Rezemos pela unidade dos cristãos, pela unidade de todo o povo de Deus. Rezemos pela unidade de toda a família humana pois todos fomos redimidos com o sangue de Cristo na cruz, e todos temos um só criador e Pai que está nos céus.

Quero, por fim, caríssimos irmãos e irmãs, agradecer o acolhimento do Arcebispo de Goiânia, dom Antônio Ribeiro de Oliveira e de todos os bispos deste estado. Que a Virgem Maria, a quem os goianos gostam de venerar como Nossa Senhora da Abadia, volte seu olhar para este povo querido, para seus pastores, para seus lares e seus trabalhos, dando a cada um sentir sempre os efeitos de sua proteção materna.

*Cerimônia da Celebração da Palavra conduzida por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
no Estádio Serra Dourada,
em Goiânia, Goiás,
no dia 15 de outubro de 1991.*

Encontro com os Seminaristas

Meus caros seminaristas,

É uma imensa alegria para mim poder estar aqui reunido com um bom número daqueles que receberam o chamado de Cristo para serem seus servidores e ministros! Nos que aqui estão, vejo também a presença dos outros seminaristas do Brasil, e a todos quero dirigir minha palavra.

Agradeço de coração pelas amáveis palavras do diácono Antônio Edimilson Ayres, ao falar em nome dos seminaristas aqui reunidos, querendo interpretar o espírito comum que anima a todos.

Vem e segue-me! (*Mt 19,21*). Este chamado foi ouvido, um dia, no fundo dos vossos corações. Cada um escutou o apelo de forma diferente e em circunstâncias diversas. Mas, para todos, há um ponto em comum: foi o próprio Jesus Cristo que veio ao vosso encontro e disse: Vem e segue-me! Recebestes uma vocação divina para serdes instrumentos vivos de Cristo, Eterno Sacerdote (Cf. *Presbvtorum ordinis*, n. 12).

O encaminhamento para esta vocação e esta missão é muito mais do que uma escolha ou uma inclinação pessoal. A todos podem ser aplicadas aquelas palavras de São Paulo, que despertam na alma sentimentos de admiração e de agradecimento: «Ele nos escolheu antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante de seus olhos» (*Ef 1,4*). Desde toda a

eternidade, cada vocação está, por assim dizer, inscrita no próprio coração do Senhor. Valorizai sempre, por isso, vossa vocação como ela é: um grande dom divino!

Vem e segue-me! O próprio chamado específico, de que fostes objeto, pede uma adequada preparação, uma formação que permita, de fato, identificar-se com Cristo e seguir seus passos. «Que é esta formação?», perguntava eu no início dos trabalhos do Sinodo dos Bispos do ano passado, que abordou o tema da formação sacerdotal. «Pode-se dizer, respondia, que é uma resposta ao chamamento do Senhor da vinha» (*L'Osservatore Romano*, 7.10.1990).

É para criar as condições de dar esta resposta que existe o dever de uma oportuna formação durante os anos do seminário. Embora este nome — seminário — não seja o único para designar o tempo e o local dessa formação, é ele utilizado de preferência na Igreja. O seminário está no coração da Igreja, que deseja seu desenvolvimento e espera que receba todo apoio, como falou o Concílio Vaticano II e repetiram, no ano passado, os padres sinodais. O Concílio chegou até a decretar que deve ser considerada plenamente válida na Igreja a experiência multissecular dos seminários, porque, como instituições destinadas à formação sacerdotal, são o instrumento talvez mais eficaz para a preparação integral dos futuros sacerdotes, na medida em que estiverem dotados dos meios pedagógicos indispensáveis (Cfr. *Ratio Fundamentalis*, Intr. 1). O atual Código de Direito Canônico, seguindo esta mesma linha, determina que em todas as dioceses, com condições de fazê-lo devidamente, deve existir um seminário maior. Caso isso não seja possível, deveriam enviar seus candidatos ao seminário de outra diocese ou a um seminário interdiocesano (CIC, c. 237).

Estais vendo como a Igreja preza os seminários. Dá ela, inclusive, especial valor à palavra «seminário», que prefere a outras, por causa de seu conteúdo e de sua raiz evangélica. Seminário significa sementeira, lugar de sementes para o futuro plantio. Percebemos de forma imediata o paralelismo entre o cuidado do bom agricultor com as plantas que estão germinando e o tempo de formação no seminário.

A semente, para crescer com viço e dar frutos, exige tempo e atenções esmeradas. A formação do sacerdote também. Seria falsa a urgência que levasse a uma preparação descuidada, ou a improvisações superficiais, que deixariam lacunas irreparáveis nos futuros sacerdotes. Nenhuma urgência pastoral ou simples preocupação numérica pode levar a descuidar a sólida formação dos seminaristas, em seminários que funcionem de acordo com as normas canônicas e as orientações oficiais da Igreja, confirmadas no recente Sinodo.

Que dimensões deve ter essa formação, verdadeira «escola do Evangelho»? Deve ser ela «uma formação integral, que não descuide nenhum aspecto: formação humana, doutrinal, espiritual e pastoral, que tenha em conta as circunstâncias, muitas vezes difíceis, em que deve ser exercido o ministério» *Discurso aos Padres Sinodais*, 27.10.1990).

Em primeiro lugar, formação humana, necessária para seguir a Cristo, «perfeito Deus, e perfeito homem» (símbolo Quicumque). O tempo do seminário deve ser, acima de tudo, um tempo de profunda identificação com Cristo, começando por tomar como modelo a humanidade do Senhor.

Ser outro Cristo, como é preciso que seja o sacerdote, exige humanidade íntegra, caráter firme, virtudes morais sólidas, personalidade madura. (Cfr. *Optatam totius*, n. 11).

Estas virtudes são importantíssimas na vossa formação. Para consegui-las não existe outro caminho que o da autêntica disciplina e da austeridade de vida. Portanto, deve o seminário educar o futuro sacerdote na escola do sacrifício e da disciplina viril, pessoal e inteligente.

Tende sempre presente que a maturidade e a firmeza das virtudes «humanas» são como a rocha, sobre a qual pode assentar-se com estabilidade o edifício das virtudes sobrenaturais e a própria vocação.

Sede fortes na perseverança, a despeito das eventuais dificuldades ou crises, convencidos de que a vocação não é uma escolha pessoal, que se pode assumir ou revogar, nem uma experiência, mas, como antes lhes lembrava, um desígnio e um chamado eterno de Deus.

Segui pelo caminho que Jesus Cristo trilhou, abraçando voluntariamente e com alegria o dom do celibato sacerdotal. Não vos posso ocultar o íntimo gozo com que vi confirmada pelo último Sínodo «a opção do celibato sacerdotal, que é própria do rito latino», como «carisma livremente recebido e autenticado pela (...) Igreja, em vista de uma dedicação exclusiva e alegre da pessoa do sacerdote ao seu ministério de serviço e à sua vocação de testemunha do Reino de Deus» (Discurso, 27.10.90). São ilusórias e empobrecedoras para o sacerdócio as pretensões de um «celibato opcional». O mesmo Deus que vos chamou vos dará a graça para amar e conservar fielmente o grande dom do celibato, que Ele próprio quis unir à vossa vocação.

Seguir a Cristo — vem e segue-me! — exige conhecer a Cristo, conhecer o mistério do Deus feito homem, conhecer o mistério da salvação (Cf. *Optatam totius*, n. 13). É para isto que se orienta a formação doutrinal, que tem uma importância fundamental nos anos do seminário. Esta formação deverá ter o caráter indispensável de um estudo sério e profundo na preparação para o sacerdócio. **Dedicaí-vos ao estudo com empenho e afincó!** Somente assim chegareis a ser homens de fé e testemunhas da verdade que liberta (Jo 8,32).

O autêntico saber filosófico é instrumento fundamental para compreender mais profundamente o homem, a realidade do mundo e o seu criador. Tal como aconselhava o Concílio Vaticano II esta formação filosófica deve apoiar-se sempre no «patrimônio filosófico perenemente válido» (*Optatam totius*, n. 15), que abre caminho para uma segura e profunda inteligência das verdades reveladas. Hoje, com o descrédito das ideologias que até pouco dominavam tantas nações, percebe-se melhor como os projetos de nova ordem social se manifestaram inconsistentes por causa da fragilidade de seus fundamentos filosóficos. Só se pode alcançar uma capacidade de discernimento e de atuação eficaz e segura através daquele conhecimento filosófico que é a busca da verdade em si mesma. Todas as orientações pastorais, as propostas educativas, as reformas sociais ou as decisões políticas deveriam estar embasadas em pressupostos e esquemas mentais de caráter filosófico que não podem ser ignorados por um futuro sacerdote.

O estudo da teologia, a que vos dedicais durante vários anos, fornecerá a base sólida para a vivência e a transmissão da verdade salvadora. Utilizai a sagrada escritura como contínuo alimento espiritual e aprofundai o seu conteúdo, principalmente à luz dos padres da Igreja, incomparáveis intérpretes dos livros sagrados e testemunhas privilegiadas da tradição (Cf. Instrução sobre o estudo dos padres da Igreja na formação sacerdotal, 10.11.1989, 18,26). São eles que vos guiarão nos estudos teológicos, dando-lhes uma vitalidade cada vez maior e mostrando sua íntima relação com vossa vida espiritual e com vosso trabalho pastoral.

Tende sempre como guia para os estudos o magistério autêntico e universal da Igreja. Só quando o magistério é docilmente aceito, com espírito de fé, expressão da fé viva no próprio mistério da Igreja, é que se podem evitar as tentações do deslumbramento superficial perante correntes e modas teológicas, que deturpam e obscurecem a verdade. Não vos deixeis iludir pelos desvios de uma teologia da libertação, que pretende reinterpretar o depósito da fé com base em ideologias de cunho materialista, e se afasta gravemente da verdade católica.

Mas todo enriquecimento que se adquire pela formação doutrinal seria planta sem seiva se não tivesse como base uma intensa vida espiritual. O seminarista prepara-se, antes de mais nada, para ser um homem de Deus.

Recorrei regularmente e com freqüência ao sacramento da reconciliação, que é fonte permanente de conversão e de renovação. Vivei piedosamente as práticas da meditação, da leitura espiritual, do exame de consciência e as sólidas devoções recomendadas pela Igreja, dentre as quais sobressai muito especialmente o amor filial à Maria Santíssima. Deste modo, se irá dando em vossas vidas uma mais íntima identificação com Cristo e, em conseqüência, um autêntico aprendizado do amor.

Buscai, entre os sacerdotes aprovados pelo bispo, um diretor espiritual que vos auxilie neste aprendizado. Conversai com ele regularmente. Como a planta que está nascendo requer cuidados atentos do lavrador, assim o amor que desponta na alma terá seu desenvolvimento mais pleno com o auxílio de um

diretor espiritual dotado de experiência, retidão de critério e zelo ardente.

Desta formação espiritual, caros seminaristas, nascerá o espírito de caridade, que é o fruto do amadurecimento do amor a Cristo. Sereis, assim, sacerdotes como precisa a Igreja, verdadeiros pastores, plenamente imbuídos do amor que nasce do coração de Cristo. Com esta caridade pastoral, sabereis procurar de preferência os mais pobres e necessitados, os que carecem da luz e do conforto espiritual para suas vidas. Vossa caridade deve ir além de uma mera assistência ou promoção social, deve ser aberta a todos, sem exclusivismos, refletindo a vontade salvífica universal de Cristo.

Assim, descobrireis a beleza do vosso sacerdócio e a verdadeira face da Igreja. Esta, no empenho por tornar o mundo mais justo e mais humano, se baseia, antes de tudo, numa visão ética e religiosa. O magistério da Igreja procura iluminar os problemas que afligem a sociedade contemporânea com os princípios e critérios evangélicos e baseados na ordem natural, para que cada pessoa possa viver com dignidade e alcançar seu destino temporal e eterno. É assim a atividade pastoral da Igreja e sua doutrina social. Torna-se, pois, indispensável para vós conhecer bem esta doutrina, estudá-la com afinco, dedicar-lhe verdadeiro apreço, se quereis que vosso futuro ministério seja realmente eficaz e fecundo.

Quero dirigir ainda uma palavra de alento e de agradecimento aos formadores, para que perseverem, com alegria e sacrifício, nesta tarefa silenciosa e incansável.

Objeto desta gratidão e estímulo são em primeiro lugar os formadores do «primeiro seminário»: os pais. É no lar cristão que desabrocha a fé e dá os primeiros passos a vocação sacerdotal. Pais, amai a vocação de vossos filhos e agradecei a Deus o amor de predileção com que se dignou escolher algum deles para ser operário da sua messe.

Aos que receberam dos respectivos bispos a tarefa de serem formadores no seminário, peço que amem sua missão e se dediquem a ela de todo coração. Lembrai-vos de que nas vossas mãos está o futuro da Igreja! No Brasil há uma urgente necessidade de vocações, que Deus não deixará de promover, e isto significa que há urgente necessidade de formadores bem prepa-

rados. Tal urgência não deixa indiferente o meu coração de pastor de toda a Igreja, nem o dos pastores locais, sendo um motivo de viva atenção e de oração para todos. Por isso, reveste-se de grande importância o esforço que a pastoral vocacional vem desempenhando em todo o Brasil, com o incentivo da vossa Conferência Episcopal. Desejo, portanto, animar a tantos agentes que, espalhados por todo o País, dão o próprio testemunho e prestam seu serviço para dinamizar esta pastoral, a fim de que sintam a necessidade de acompanhar ainda mais os candidatos ao sacerdócio no seu processo de discernimento e amadurecimento vocacional.

Quero terminar estas palavras, caros seminaristas, elevando meu coração a Deus em prece confiante e cheia de fé:

Senhor, fazei que estes futuros sacerdotes tenham uma personalidade íntegra e rica em virtudes, à semelhança de Jesus Cristo.

Fazei que sejam homens de Deus e, como Jesus, homens para os outros. Colocai em seus corações um amor vivo pela palavra divina, pela Eucaristia e pela oração, pela Igreja e pela doutrina salvadora que ela conserva e proclama fielmente. Fazei, enfim, que na preparação ao seu futuro ministério sejam cada dia mais santos.

Para confirmar estas intenções, convido a todos para que contemplem sempre a Maria, a Virgem Santíssima, como modelo de entrega ao plano de Deus. Imitai o seu *fiat* expresso numa decisão única, que sirva de estímulo a vossas vidas. Que Ela, a Virgem Aparecida, a mãe da Igreja e de todos vós, vos acompanhe no caminho do altar e da vinha do Senhor.

Peço, enfim, que leveis meu abraço e minha lembrança a todos os vossos pais e irmãos. Que eles saibam que o Papa nutre, também por eles, particular afeto. E de todo coração eu vos dou, queridos filhos, a bênção apostólica.

*Saudação pronunciada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante encontro com os seminaristas,
no Seminário Arquidiocesano, em Brasília-DF,
no dia 15 de outubro de 1991.*

Encontro com Representantes da Comunidade Judaica

Constitui para mim um momento de particular satisfação poder saudar o rabino Henry Sobel e os senhores representantes da comunidade israelita do Brasil. Agradeço-vos, de coração, a grande amabilidade de promover este encontro e, ao mesmo tempo, sinto-me profundamente sensibilizado pela gentileza que tivestes oferecendo-me este belo presente. Quero interpretar, neste gesto, a expressão, mesmo simbólica, dos laços de união existentes entre a Igreja Católica no Brasil e vossa comunidade judaica.

Mas, para além deste gesto, quis a providência divina que este momento histórico, que este encontro viesse a reforçar o espírito de fraternidade e de recíproca estima, apoiado não simplesmente no respeito mútuo, mas na fé no único e verdadeiro Deus.

Hoje, 25 anos após o Concílio Vaticano II, a declaração *Nostrae aetate* continua assinalando uma mudança essencial na relação dos cristãos com os judeus. Minha esperança é, portanto, que se reforce sempre mais o diálogo católico-judaico através da palavra de Deus. Ela, recebida no coração com verdadeira disponibilidade para torná-la efetiva em nossa vida, abre-nos os

olhos para reconhecer em todos os nossos irmãos a face do único Deus criador. Lendo juntos, com uma comum veneração, grande parte das escrituras sagradas, deveríamos estar unidos para acolhê-la, meditá-la e colocá-la em prática, a serviço de todos os homens, especialmente dos mais necessitados.

O diálogo inter-religioso convida todas as igrejas locais e, entre elas, também a Igreja no Brasil a empreender sempre novos esforços para a superação de certos preconceitos que ainda existem em tantos lugares. Assim, se há de mostrar, perante o mundo de hoje, no qual a fé está exposta a tão duras provas, a beleza e as verdades profundas da crença em um só Deus e Senhor, que como tal deve ser conhecido e amado através de todos os que nele crêem. Adorando o único e verdadeiro Deus, descobrimos, de fato, nossa raiz comum espiritual que é a consciência da fraternidade entre todos os homens. Esta consciência, na verdade, é o maior laço de união entre os cristãos e o povo judeu. Essa raiz comum faz-nos também amar esse povo porque, como diz a Bíblia, «o Senhor amou Israel para sempre» (1Re 10,9), fez com ele uma aliança, que jamais foi revogada, nele depositou as esperanças messiânicas de toda a humanidade.

Fico feliz ao saber que nosso relacionamento e a cooperação, através da Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico-Judaico, cresceram tanto nestes anos no Brasil. Atualmente, a comissão possui membros católicos e judeus nas principais capitais de estados da Federação, com possibilidade de, futuramente, ampliar sua representação em outras cidades. Faço votos de que o diálogo e o respeito mútuo continuem sendo o caminho para construir uma estima recíproca e o respeito pelo patrimônio espiritual que une judeus e cristãos. Abençoção, de coração, todos os esforços e iniciativas que visem este objetivo.

Faço votos e elevo minhas preces ao Senhor Altíssimo pela paz em todo o mundo e, em especial, naquela terra santa onde, a cada momento, esta palavra é repetida como saudação de amigos. Que nossos irmãos judeus, que foram «reconduzidos de outros povos e reunidos de outros lugares e levados a sua terra» (Ez 34,13), à terra de seus pais, possam ali viver em paz e segu-

rança, sobre «os montes de Israel», guardados pela proteção de Deus, seu verdadeiro pastor.

Shalom!

*Saudação pronunciada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante encontro com representantes da comunidade judaica,
na Nunciatura Apostólica, em Brasília, DF,
no dia 15 de outubro de 1991.*

Homilia em Cuiabá, Mato Grosso

«Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer?»

Procuremos lembrar-nos desta pergunta. Ela é muito importante e decisiva. Ela pertence à grande parábola do juízo final, segundo o Evangelho de São Mateus, que há poucos instantes foi lido.

Nesta imagem do juízo, que Cristo fará no fim do mundo, Cristo, o Filho do homem (pois o Pai Lhe deu o poder para julgá-lo, como redentor do mundo), fica confirmada toda a boa nova. Por que «boa»? Porque nela se exprime a eterna vontade de salvação do homem. «Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna» (Jo, 3,16).

Qual o preço da vida eterna? É infinito.

Mas, como o homem, ser finito, pode pagar um tal preço? Como pode salvar-se?

Na parábola do juízo final, Cristo dá a resposta: o preço da eterna salvação, a ser pago por cada homem, é um só, o preço do amor.

«Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer?», perguntam aqueles que durante o juízo estarão do lado direito. O Filho do homem responde: «Na verdade vos digo:

todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos a mim o fizestes» (Mt 25,40).

O juízo final refere-se ao final da história do homem sobre a terra. Ao mesmo tempo, meditando o Evangelho de Mateus, devemos afirmar que tal juízo realiza-se constantemente. Continua sempre e em toda a parte. Os homens, com efeito, continuam fazendo o bem aos demais, salvando uns e outros da fome, dando hospitalidade, vestindo, cuidando dos doentes ou dos presos... ou, pelo contrário, não fazem nada disso: fecham-se dentro de si mesmos, no próprio egoísmo, na busca da comodidade, permanecendo insensíveis aos outros e às suas necessidades.

De um modo ou do outro, a divisão nesta «direita» ou «esquerda» evangélicas ou escatológicas acontece nos homens, nos ambientes e nas sociedades.

Por isso, a verdade sobre o juízo é sempre dos nossos dias, sempre atual. Não pode ser transferida para um futuro desconhecido. É preciso vê-la «aqui e agora». «Aqui e agora» na vida de toda a sociedade, «aqui e agora» do Norte ao Sul do Brasil. Mas também «aqui e agora» na vida de cada um de nós, sem exceções. Daquele que agora vos fala — e de todos que escutam essas palavras: esta verdade se refere a cada um de nós!

Ao mesmo tempo, é ela condição essencial da evangelização, ou seja, da boa nova da salvação.

Por diversas vezes tenho considerado, durante as viagens por este imenso território brasileiro, a bondade de Deus ao dotá-lo de incomensuráveis riquezas, para que o homem e sua família, delas se servindo, pudessem dar glória ao criador.

Estes pensamentos dão-me agora a pauta para uma atenta reflexão sobre dois problemas que afligem a todos, especialmente ao homem do Mato Grosso: o problema da migração e o ecológico.

O problema do migrante — aqui como em outras regiões do Brasil — encontra, em primeiro lugar, o do homem que vem de outros estados da Federação ou do exterior, à procura de melhores condições de vida e de trabalho para si e sua família. Geralmente sonha com um pedaço de chão onde se estabelecer, quer no campo, quer na cidade. Dificilmente o encontrará. Ou

porque o imigrante não possui condições técnicas ou financeiras para começar uma nova vida; ou porque, os grandes latifúndios, por vezes improdutivos, não lhes permitem o acesso à terra para trabalhar. Assim, o migrante entra num círculo vicioso de difícil solução.

Não escondo a todos minha preocupação pelas famílias de brasileiros, desarraigadas de seu ambiente, de suas tradições, de sua vida religiosa comunitária, entregues às vicissitudes de longas e penosas viagens. Elas se sentem inseguras na procura do trabalho e impossibilitadas de encontrar uma moradia, embora pobre, onde abrigar-se. Com o parque industrial ainda nos inícios de sua instalação no estado e incapaz de absorver a mão-de-obra, em geral pouco ou nada qualificada, aumenta dolorosamente o número dos subempregados e dos desempregados. As crianças são as grandes vítimas de uma migração descontrolada e crescente, aumentando, com a miséria, a delinqüência, o abandono e os maus costumes... Cuiabá, portal da Amazônia, vem sendo considerada a meta de tantos migrantes que para aqui se dirigem na esperança de uma vida melhor. Mas acabam compondo este doloroso quadro de irmãos que sofrem, de crianças famintas e doentes, vítimas da migração descontrolada. Cabem aos órgãos públicos e às organizações comunitárias a consciência deste sério problema, e medidas de âmbito político e de ação social inteligentes, de grande sensibilidade humana e generosidade.

O Papa abençoa com alegria e profundo reconhecimento os que, superando as barreiras do comodismo ou do desinteresse, dedicam-se a acolher aquele que, na verdade, é o mesmo Cristo peregrino que passa e pede uma ajuda eficaz. Como poderia esquecer-me, portanto, do **Centro de Pastoral para Migrantes** mantido pelos padres escalabrianos em Cuiabá que ajudam, na medida de seus poucos recursos, a minorar tanto sofrimento?

Mas, meus irmãos, não posso deixar de recordar aqui, outro tipo de migrante. Aquele que com próprios recursos vem ao Mato Grosso desenvolver suas atividades comerciais, industriais, agropecuárias ou de serviço num estado que tem, de fato, um futuro promissor. Estes migrantes são como molas propulsoras de progresso, mas podem ser vítimas desse mesmo progresso,

pois lançando-se inteiramente ao trabalho, aspirando ao sucesso rápido em seus empreendimentos, sem o acompanhamento, e o apoio de suas comunidades eclesiais, abandonam aquela vida religiosa que viviam em suas cidades natais. Triunfam na vida empresarial, mas podem naufragar religiosamente, esquecendo seus deveres para com Deus, que lhes mostraram o caminho, na terra de origem, para a alegria do bem realizado, da família bem constituída e fiel, dos filhos crescendo no amor a Deus e aos próprios pais.

Sem dúvida, o problema das migrações não é somente de caráter socioeconômico ou político, mas é acima de tudo um desafio à caridade e à justiça no mundo. «Seja qual for a situação de cada um, como eu disse na mensagem para a Jornada Mundial do Migrante, todos hoje se sentem engajados numa vigorosa corrente de participação, reflexo e exigência da consciência adquirida da própria dignidade» (*João Paulo II —5.7.1987*). A Igreja, conhecedora da complexidade dos vossos problemas, quer permanecer ao vosso lado para que a «fé em Cristo habite nos vossos corações» (*Ef 3,17*). Ela está empenhada em aliviar vossos sofrimentos, feitos de humilhações e de pobreza. Ela quer dar à família cristã, os verdadeiros traços de «Igreja doméstica», onde nasce a vida do corpo e a vida da fé. Daí seu dever de um trabalho vigilante e inteligente, para prevenir e neutralizar a ação agressiva e insidiosa das seitas que, no seu proselitismo, procuram sobretudo os migrantes.

Outro grande problema que afeta a sociedade do nosso tempo, é questão ambiental, também chamada ecológica. É de todos conhecida a causa deste problema. Quando da recente publicação da encíclica *Centesimus annus*, o tema foi abordado para salientar que «o homem, tomado mais pelo desejo de ter e do prazer, do que pelo de ser e de crescer, consome de maneira excessiva e desordenada os recursos da terra e da sua própria vida» (*n. 37*). Naquela oportunidade, eu quis recordar que não se «pode dispor arbitrariamente da terra, submetendo-a sem reservas... como se não possuísse uma forma própria e um destino anterior que Deus lhe deu, e que o homem pode, sim, desenvolver, mas não deve trair» (*Ibid.*).

Ao tomar contato com os problemas ambientais, tanto da bacia amazônica quanto do Pantanal Mato-Grossense, pude ver

confirmadas aquelas observações que, infelizmente, afetam não só o Brasil mas também várias regiões do planeta, inclusive nos países desenvolvidos. Tenho acompanhado com interesse os preparativos da Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente e o Desenvolvimento, que terá lugar no Rio de Janeiro em junho do ano que vem. Faço votos de que, tanto na sua fase preparatória como na instalação dos trabalhos, as nações ali reunidas saibam «salvaguardar as condições morais de uma autêntica ‘ecologia humana’ (encíclica *Centesimus annus*, n.38).» Para o Brasil, a proteção ambiental é antes de mais nada o direito e a proteção à vida. Se considerarmos os graves problemas de infraestrutura dos grandes centros urbanos, teremos uma imagem dos desafios que se apresentarão para o País neste final de século.

Queridos Irmãos e Irmãs!

É com grande satisfação que estou aqui em Cuiabá. O Papa não veio, como os bandeirantes de outrora ou os garimpeiros de hoje, à procura do ouro. Ele está nesta cidade, coração geográfico da América do Sul, para conhecer, abençoar e trazer sua palavra ao povo bom desta terra, aos que aqui nasceram ou para aqui vieram, em tão grande número, nos últimos anos. Agradeço a acolhida fraterna do Arcebispo dom Bonifácio Piccinini e dos irmãos do Episcopado mato-grossense. Seu trabalho apostólico continua a obra dos antecessores e dos missionários, vindos de tantas partes, que plantaram a Igreja nos sertões e florestas desta região fascinante, desde aqui, desde que aqui aportou, em 1801 o primeiro Bispo Prelado de Cuiabá, dom Luiz de Castro.

«Quem nos separará do amor de Cristo» (*Rom.* 8,35).

São Paulo faz esta pergunta aos primeiros cristãos, a homens que com freqüência padeciam tribulações em meio aos mais diversos perigos e perseguições, chegando até mesmo a perder a própria vida.

No entanto, responde o apóstolo, nada disso é capaz de nos separar do amor de Cristo. Ao contrário: «Em todas estas coisas saímos mais que vencedores pela virtude daquele que nos amou» (*Rom* 8,37).

Eis realmente uma boa nova, também para os homens de hoje que padecem injustiças, enganos e ameaças de morte por defenderem causas nobres.

O que nos pode separar do amor de Deus? Somente nossa falta de amor é que poderá separar-nos, o egoísmo, a indiferença, a falta de sensibilidade, a cobiça. Estes são os inimigos de nossa salvação. São eles que nos julgarão diante do tribunal do Filho do homem, e pronunciarão contra nós a sentença. Talvez agora a estejam pronunciando na voz interior da consciência. Que fazer no caso da consciência surda e insensível? Dia virá em que ela se fará ouvir, quando não mais poderá calar-se, quando se encontrar face à face com a majestade do Filho do Homem, do redentor do mundo crucificado e ressuscitado.

«Se Deus é por nós, quem será contra nós?» (Rom 8,31) — pergunta ainda o apóstolo. Deus está conosco. Deus quer a nossa salvação. Com efeito: «não poupou seu próprio Filho, mas por todos nós o entregou» (Rom 8,32). NEle fomos escolhidos. Por meio dEle fomos justificados, por Jesus Cristo, «que morreu, melhor, que ressuscitou, que está à direita de Deus e intercede por nós!» (Rom 8,34).

Portanto ...quem nos poderá separar do amor de Cristo, daquele amor que é Deus?

Somente nós. Somente a nossa própria falta de amor.

Meus caros irmãos e irmãs!

Que o amor vença em nós. Que vença na nossa vida social em todas as suas dimensões. Possa cada um de nós sequer uma vez, ouvir estas palavras do Filho do homem: «Na verdade vos digo: todas as vezes que fizestes isto a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes».

*Homilia pronunciada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante missa celebrada
no bairro Morada do Ouro,
em Cuiabá, Mato Grosso,
no dia 16 de outubro de 1991.*

Encontro com os Indígenas

Meus queridos irmãos índios,

Esperava com grande desejo o momento deste encontro com os representantes dos povos indígenas do Brasil. É um encontro que, quero confidenciar-lhes não quis deixar de ter, logo que começou a preparação de minha segunda viagem ao Brasil. Alegra-me imensamente poder estar agora com um grupo dos descendentes dos primeiros habitantes desta terra, mais numeroso do que aquele que tive a felicidade de cumprimentar há 11 anos, em Manaus. Agradeço de coração o carinho com que vieram, alguns de bem longe, para estar com o Papa.

O Papa queria dizer a todos os índios do Brasil o amor que a Igreja lhes dedica. É o mesmo amor com que Jesus Cristo, Filho de Deus e fundador da Igreja, ama a todos os homens. Aos olhos de Deus, criador do mundo e Pai de todos, só existe uma raça: a raça dos homens chamados a serem filhos de Deus. Aos olhos de Deus, só existe um povo, formado por muitos povos, cada um deles com seu modo de ser, sua cultura e suas tradições: a humanidade que Jesus Cristo resgatou, e salvou, com o preço do seu sangue. Diante do criador, todos os homens têm o mesmo valor e uma imensa dignidade.

É por isso que a Igreja, desde que o primeiro missionário, frei Henrique de Coimbra, pisou no solo bendito do Brasil, em 3 de maio de 1500, tem dedicado uma atenção e um desvelo muito especial aos índios.

Pouco antes de subir ao céu, o Senhor Jesus, Deus feito homem e salvador do mundo, «enviou os apóstolos a todas as pessoas, a todas as nações e a todos os lugares da terra (...), para manifestar e comunicar o amor de Deus a todos os homens e povos» (*Redemptoris missio*, n. 31).

Seguindo este mandato de Cristo, ao longo de cinco séculos, inúmeros missionários entregaram a sua vida, sem medir sacrifícios, para levar aos povos indígenas do Brasil a alegre novidade, a boa nova da fé e do amor de Cristo.

A Igreja nunca deixará de repetir a todos os índios que Deus os ama que Ele «deseja que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade» (I *Tim* 2,4), e que Jesus veio ao mundo para que todos «tenham vida e a tenham em abundância» (*Jo* 10,10). A Igreja, fiel ao Deus da vida, ama a vida de todos os homens e a promove com todas as suas forças.

A história de vossos povos conheceu, e conhece ainda, sombras dolorosas, sinais de morte, muitos sofrimentos e conflitos marcados pelo mal. Mas também é verdade que, junto com as sombras, conheceu luzes muito claras. Tem sido sobretudo a Igreja que vem procurando acender estas luzes, de modo incansável, entre os povos indígenas.

A Igreja, queridos irmãos índios, tem estado e continuará a estar sempre a seu lado, para defender a dignidade de seres humanos, para defender o direito a ter uma vida própria e tranqüila, no respeito aos valores positivos das suas tradições, costumes e culturas. Volto a repetir hoje os votos, que já fazia em Manaus em 1980, de que se possa chegar, em todos os problemas, a soluções justas e realistas, para que seja garantido aos índios o direito de habitar suas terras «em paz e serenidade, sem o temor de serem desalojados em benefício de outrem, mas seguros de um espaço vital que será base, não somente para a sua sobrevivência, mas para a preservação de sua identidade como grupo humano, como povo» (*Mensagem aos índios*. Manaus, 10.7.1980).

Tenho recebido, com grande dor, as notícias que me chegam sobre violações desses direitos, motivadas pela ganância e

por interesses escusos, com graves repercussões sobre a vida, a saúde e a sobrevivência de alguns grupos indígenas. Peço a Deus que ilumine a todos os responsáveis pelo bem comum deste País para que se encontrem soluções sábias e eficientes para essas situações lastimáveis.

Ao mesmo tempo, sei que outros grupos indígenas têm a felicidade de estar entre os habitantes do Brasil que dispõem, proporcionalmente, das maiores extensões de terra deste País, de imensos territórios, que já eram morada dos seus ancestrais.

A eles queria recordar as palavras de Deus, que se encontram no começo da Bíblia: Deus pôs o homem na terra «para a submeter e dominar» com o seu trabalho, «para a cultivar e guardar» (*Gên* 1,28; 2,15). É um chamado e uma missão que Deus dá a todos os seus filhos, e que estou certo de que esses grupos indígenas não deixarão de acolher com amor e responsabilidade.

Dizia que Deus é o Deus da vida. Só Ele é o Senhor da vida e da morte. É preciso agradecer a vida como um dom divino, e lutar para que não haja nunca, por motivo algum, ações que signifiquem um desrespeito à vida própria ou à de outros, sejam eles homens ou mulheres, adultos ou crianças. Nenhum ser humano tem o direito de atentar contra a própria vida ou a de seu irmão. A vida é um dom de Deus!

Foi para anunciar aos povos indígenas esta vida que é a «graça de Deus, fonte de salvação para todos os homens» (*Tít* 2,11) que, desde os alvares da história do Brasil como nação, milhares de missionários partiram de terras longínquas, deixaram sua pátria e suas famílias, e se consagraram, com uma abnegação sem limites, à evangelização dos índios do Brasil.

Trata-se de uma epopéia grandiosa, que, mesmo no meio de suas dificuldades e inevitáveis fraquezas humanas, merece a nossa admiração e nos leva a levantar o coração a Deus em ação de graças.

Sim, é justo, é justíssimo, prestar um preito de homenagem a todos os valorosos e sacrificados missionários que, ao longo

de séculos, consumiram sua existência para que a mensagem salvadora de Cristo iluminasse os corações, as vidas e as culturas dos povos indígenas do Brasil. É realmente admirável verificar que, desde os começos, um grande número deles, seguindo o exemplo do bem-aventurado José de Anchieta, soube ter a clarividência de fazer o que hoje se propõe como ideal a todos os missionários: inserir a Igreja nas culturas dos povos, encarnar o Evangelho na vida e, ao mesmo tempo, introduzir a todos com as suas culturas, na própria comunidade da Igreja, transmitindo-lhes sua verdade, assumindo, sem comprometer de modo nenhum a especificidade e a integridade da fé cristã, o que de bom existe nessas culturas, e renovando-as a partir de dentro (Cf. *Redemptoris missio*, n. 52).

Estes missionários, de ontem e de hoje, franciscanos, capuchinhos, salesianos, jesuítas, dominicanos, carmelitas, beneditinos e tantos outros, são um exemplo luminoso e perene. Não posso negar a grande dor que sinto ao ter conhecimento de que alguns poucos, inclusive alguns que deveriam ver neles o seu modelo, têm tentado denegri-los, com uma visão distorcida, mais política e ideológica do que religiosa, da história da evangelização no Brasil.

Há 11 anos, em Manaus, dizia: «eu me ajoelho (...) diante de cada uma dessas figuras de missionários, homens como nós, com defeitos e fraquezas, engrandecidos, porém, pelo testemunho do dom pleno de si mesmos às missões» (*Homilia*. Manaus, 11.7.1980). Hoje o Papa, o sucessor de Pedro quer repetir espiritualmente, como sinal de amor e desagravo, as mesmas palavras e o mesmo gesto. Junto de Deus, na casa do Pai, uma legião de missionários já deve estar gozando da «alegria do seu Senhor» (*Mt 25,21*), e, estou certo de que agora intercedem para que as bênçãos do céu se derramem sobre os missionários de hoje e sobre os seus queridos índios.

Amados irmãos índios! Eu me sentirei imensamente feliz se, neste encontro, puder deixar bem forte no coração de cada um a alegria de saber que Deus os ama, que a Igreja os ama. Tenham a certeza de que a Igreja está e continuará a estar ao lado de vocês. Ela, que tem a missão de levar a todos os cantos

da terra a palavra salvadora do Evangelho, será sempre para todos a servidora do Deus da vida, do Deus que quer para cada um uma vida plena nesta terra e, depois, uma vida de eterna felicidade no céu.

Recebam meu carinho, e que Deus os abençoe!

*Saudação pronunciada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante encontro com os indígenas,
em Cuiabá, Mato Grosso,
no dia 16 de outubro de 1991.*

Encontro com os Jovens

*Queridos jovens,
Queridos amigos,*

Muito obrigado pelas palavras da vossa representante, Maria das Dores Araújo da Souza.

Esta manhã, enquanto sobrevoava uma bela região do Estado do Mato Grosso, confesso-lhes que senti o impulso espontâneo de dar graças a Deus: eu contemplava esta terra magnífica, e a via como um dom divino, como uma oferta e uma promessa de vida.

No mesmo instante, lembrei-me de vocês, e a ação de graças se tornou mais intensa. Vocês, jovens, são o melhor dom de Deus, a maior e a mais bela oferta e promessa de vida dada por Deus ao Brasil!

Sempre experimentei uma alegria muito especial nestes encontros que, graças a Deus, tenho freqüentemente com os jovens. Lembro-me particularmente, da recente e sugestiva manifestação dos jovens em Czestochowa, no passado mês de agosto. É uma lembrança comovedora, pelos abundantes frutos da graça enviados pelo Senhor. Estou feliz em poder compartilhar hoje esta graça, com os jovens do Mato Grosso e de tantos outros lugares do Brasil. Estou feliz porque hoje posso celebrar, na companhia de vocês, o 13º aniversário do dia em que o Se-

nhor, pela voz da Igreja, me escolheu para ser o bispo de Roma, o sucessor de Pedro.

A juventude é um grande dom divino, é «uma riqueza singular do homem» (*Carta aos jovens*, 31.3.1985, 3). Para vocês, a vida se apresenta como uma estrada aberta para o infinito. É no coração do jovem que se desenham, se projetam e se forjam as perspectivas futuras da humanidade. Se é verdade que, infelizmente, existem limitações e obstáculos para o pleno desabrochar dos seus sonhos humanos, também é certo que estes sonhos permanecem sempre abertos aos grandes ideais. Nada nem ninguém a não ser nós mesmos, pode frustrar esses ideais.

Vocês iniciam a vida num momento crucial da história. Vão ser os primeiros protagonistas do terceiro milênio, que está para começar. São vocês, jovens, os que vão traçar os rumos desta nova etapa da humanidade. São vocês os que lhe vão dar o sentido.

O Papa contempla, com alegria, a grandeza desta missão, e as esperanças do Brasil que vocês têm nas mãos. Consciente da imensa tarefa que os espera, sinto-me movido a fazer-lhes uma veemente convocação. O Papa, queridos amigos, veio hoje convocá-los para um decisivo encontro, e para um empolgante caminho.

Em primeiro lugar, para um encontro decisivo, do qual vai depender o significado e a projeção de suas vidas. Vocês já perceberam que quero falar-lhes do seu encontro, cada dia mais pleno e autêntico, com Cristo.

Só Jesus é, e será sempre, a resposta aos grandes anseios, aos infinitos desejos, aos ideais mais elevados que fervilham no coração humano. NEle, em Jesus, está a verdade sem sombra de mentira. NEle o caminho claro e sem desvios, NEle está a vida (Cf. *Jo* 14,6). Cristo fixa em vocês o olhar do seu amor (Cf. *Mc* 10,21), e lhes diz: «Eu sou a luz do mundo, aquele que me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida» (*Jo* 8,12). Só Jesus é a luz, só NEle se encontram todos os ideais!

Estou certo de que muitos de vocês se lembram de que Cristo compara sua palavra viva, o ideal divino que oferece aos homens uma semente, que Ele próprio, passando junto de cada um, vai semeando nos corações (Cf. *Mt* 13,4 ss.). Esta se-

mente tem poder para transformar o campo da vida, o campo do mundo, numa colheita exuberante de frutos. Nesta semente se contém o germe de todas as realizações verdadeiras, de todos os sonhos de grandeza, de bondade e de bem.

Mas a semente da palavra de Cristo crescerá até seu pleno desenvolvimento, se, como diz Jesus, encontrar «boa terra», isto é, o solo acolhedor de um coração generoso e bom (Cf. *Lc* 8,15).

Ao convocá-los para um autêntico encontro com Cristo, o que lhes peço é isto: ofereçam a Jesus seus corações abertos de par em par! Abram confiadamente as almas aos tesouros da verdade cristã! Busquem com empenho uma formação que leve ao amadurecimento da fé! Mantenham a vida totalmente aberta às fontes da graça, que brotam dos sacramentos! Deixem o coração abrasar-se, como os discípulos de Emaús (Cf. *Lc* 24,32), junto de Cristo, pão vivo e palavra de vida. Permitam que Ele viva em vocês, para assim se tornarem capazes de amar o mundo, os homens todos, como Ele os amou (Cf. *Jo* 15, 12-13).

Voltemos à parábola do semeador. A semente da palavra de Deus tem certamente uma ilimitada potencialidade de frutos. Mas pode ser rejeitada, pode ser abafada, pode murchar.

Que poderia fazer fracassar em vocês grandes ideais de Cristo? Jesus nos dá a resposta, luminosa e clara, como são todos os seus ensinamentos.

Em primeiro lugar, poderia frustrar esses ideais o desinteresse, que procede da ignorância, da indiferença ou do ceticismo, e relega a palavra de Cristo à margem da vida, «à beira do caminho» (Cf. *Mt* 13,19). Em face de um mundo que, em muitos ambientes, parece tornar-se opaco à luz divina e se empenha em marginalizar a Deus, em face de um mundo que, às vezes, parece querer expulsar Deus, como um estranho, da vida individual, familiar, e coletiva, vocês saberão reagir e dizer, ardentemente, como Pedro a Jesus: Tu tens palavras de vida eterna, e nós cremos e sabemos que Tu és o Santo de Deus» (*Jo* 6,68). Vocês deixarão que a fé e o amor de Cristo lancem raízes profundas em seus corações.

Em segundo lugar, a semente da palavra de Deus pode ser abafada pela religiosidade superficial, sentimental e inconstante.

A parábola fala do coração semelhante a um solo pedregoso, coberto apenas por uma leve camada de terra. Recebe a semente com alegria, mas não tem profundidade, «é inconstante». E, quando se ergue o sol causticante das dificuldades, a semente parece queimada (Cf. *Mt* 13,20-21).

O encontro com Cristo será autêntico se vocês souberem permanecer constantes no seu amor (Cf. *Jo* 15, 6-7), souberem manter-se perseverantes e firmes nos ideais cristãos, a despeito de todos os obstáculos, da forte pressão de um ambiente materializado, de todas as decepções e de todas as fraquezas.

Deus precisa, a Igreja precisa, o Brasil precisa de jovens cheios de fortaleza, que lutem pelos seus ideais com santa persistência, sem desalento, com o espírito de competição de que falava São Paulo (Cf. *1 Cor* 9,24). Isto exige sacrifício? Sim! Isto exige a lealdade e a valentia de não se curvar diante do ambiente? Sem dúvida! Isto exige também a humildade de recomeçar, voltando uma e outra vez, como o filho pródigo, por meio do sacramento da reconciliação, da confissão pessoal arrependida mas cheia de esperança. Não tolerem que seus ideais cristãos sejam, como se diz nesta terra, «fogo de palha». Combatam «o bom combate da fé» (*1 Tim* 6,12), do amor, da santidade! Esta é a meta de todo cristão.

Por último, Cristo fala de espinhos que sufocam a semente (Cf. *Mt* 13,7). Quais são esses espinhos? «Os cuidados do mundo, diz Jesus, e a sedução das riquezas» (*Mt* 13,22). Nosso Senhor alerta para o desfecho estéril daquelas vidas que colocam sua realização na satisfação mesquinha de desfrutar, de «ter», e não no esforço de «ser» (Cf. *Carta aos jovens*, 31.03.1985, 3).

As riquezas da fé cristã e sua promessa de frutos ficariam sufocadas se vocês, jovens, fizessem do prazer desordenado e da ambição material um ídolo, ao qual subordinassem a própria vida. Com palavras vigorosas, São Paulo fala de alguns «cujo deus é o ventre» (*Fil* 3,19). À sua volta, vocês encontram muitos que, infelizmente, erigiram como um falso deus a fruição egoísta do sexo, ou tentaram silenciar o próprio vazio interior na fuga para o alcoolismo e as drogas, verdadeiros tiranos que aniquilam os que a eles se submetem. Encontram outros que se deixaram seduzir pela tentação do ganho fácil, renunciando ao

esforço do trabalho e da solidariedade fraterna, buscando apenas uma egoísta afirmação de si mesmos.

A estes infelizes companheiros, vocês devem oferecer um testemunho límpido de pureza, de castidade, de sacrifício alegre, de espírito de serviço e de caridade cristã. Vocês devem anunciar-lhes, com a clara luz de sua alegria, que vale a pena seguir a Cristo pelo caminho do amor que Ele nos traçou: a abnegação alegre de todo egoísmo, a doação, a generosidade de abraçar a cruz salvadora. (Mt 16, 24-25).

Eu lhes falava, no início deste encontro, de uma dupla convocação. Já me referi à primeira: o Papa os convoca para um encontro pessoal e renovado com Cristo! A segunda convocação — vocês se lembram — era para um empolgante caminho.

«Aquele que afirma permanecer em Cristo — diz São João — deve também andar como Ele andou» (1 Jo 2,6), deve assumir o próprio caminho de Jesus.

Cristo continua trilhando os caminhos do mundo. O semeador continua procurando os corações dos homens. Ele quer chegar a esses corações caminhando com vocês, agindo por meio de vocês. Todos têm a missão maravilhosa de percorrer as estradas da vida sendo, como diziam os primeiros cristãos, «portadores de Cristo». Ele é o caminho para o qual o Papa os convoca.

Caminhando com Jesus, identificados com Ele, vocês serão «pescadores de homens», serão apóstolos que, a exemplo de Cristo, estenderão a mão para levar a luz e a vida de Deus aos amigos, aos parentes, aos companheiros, que se afundam nas águas da desorientação ou nelas flutuam à deriva. Deus lhes pede a coragem do testemunho cristão, inabalável perante as pressões que os cercam, a coragem da sua palavra, cheia de convicção que nasce da fé experimentada e vivida. A alguns, penso que pode ser a muitos, Deus pede mais: a generosidade de se dedicarem inteiramente ao seu serviço e aos seus irmãos, a generosidade de deixar todas as coisas, como os apóstolos, e de segui-Lo (Cf. Lc 5,11).

Caminhando com Jesus, vocês, reunidos em comunidades, movimentos e outros grupos da Igreja, serão o renovado fermento de evangelização nesta terra.

Caminhando com Jesus, vocês serão capazes de tornar realidade as metas cristãs da justiça e do amor, e de promover profundas transformações sociais. O Brasil precisa de vocês. Em suas mãos está o futuro, no qual a «civilização do egoísmo» deve abrir passagem, sem ceder à tentação do ódio ou da violência, à «civilização do amor».

Caminhando com Jesus, vocês se tornarão conscientes de que uma das maiores e mais necessárias contribuições que os jovens podem dar à renovação cristã da sociedade é o amor ao trabalho.

Nunca se esqueçam de que, junto com o empenho por promover uma ordem social mais justa, a grandeza de uma nação se alicerça sobre o trabalho. Sem cultivar o espírito de responsabilidade e de perfeição no trabalho, os mais nobres ideais se desvanecem em palavras vazias.

Lembrem-se de que Jesus foi conhecido pelos seus conterrâneos de Nazaré como «o trabalhador (Mc 6,3), e de que Ele quis dar, ao longo de quase trinta anos, o exemplo de uma vida dedicada, intensa e amorosamente, ao trabalho. Também neste ponto é preciso «andar com Cristo», é preciso andar como ele andou» (Cf. 1 Jo 2,6).

Vocês farão isto se assumirem, como parte da missão que Deus lhes dá, que a santificação do trabalho comporta: perfeição, dedicação, sacrifício e persistência, dia após dia, sem ceder à preguiça ou ao cansaço. Ser santo no trabalho supõe o desejo de superação, a responsabilidade pessoal e o espírito de serviço.

Caminhando com Jesus, muitos de vocês, lutarão, enfim, por viver a pureza santa do amor humano e serão os construtores de autênticos lares cristãos, verdadeiros focos de irradiação do espírito de Cristo na sociedade (Cf. *Christifideles laici*, n. 40). A grande maioria de vocês, será chamada por vocação divina para o matrimônio, e a Igreja quer **caminhar junto a vocês** para que possam percorrer este caminho com coragem, conscientes de que a vocação matrimonial é um compromisso formidável, que os torna protagonistas das transformações, se-

gundo o espírito do Evangelho, desta célula cristã da sociedade, que é a família.

Vinde após mim, diz Jesus! Queridos jovens! Cristo os chama, Cristo os convoca, Cristo quer andar com vocês, para animar com seu espírito os passos do Brasil rumo ao terceiro milênio. O Papa tem a certeza de que, no fundo da alma, vocês darão uma resposta generosa e vibrante a esta convocação: **eis-me aqui, porque me chamaste!**» (Cf. *1 Sam 3,5*)

Com este apelo, cheio de esperança, termino estas palavras. Dirijo-me à Virgem Santíssima, mãe de Jesus e mãe dos que, por serem irmãos do seu Filho, devem ser portadores da boa nova. Peço-lhe que os conduza, com seu auxílio materno, até o encontro de que lhes falei, e os acompanhe ao longo de toda a vida. Amém.

*Saudação pronunciada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante encontro com jovens,
na Universidade Federal do Mato Grosso, em Cuiabá,
na dia 16 de outubro de 1991.*

Encontro com os Hansenianos

Filhos e filhas caríssimos,

O propósito desta minha viagem ao Brasil nada mais é que seguir as pegadas de Cristo Jesus, que percorria cidades e aldeias, pregando o Evangelho. «Vendo a multidão, ficou tomado de compaixão, porque estavam enfraquecidos e abatidos, como ovelhas sem pastor» (Cf. Mt 9,35-36). O amor de Deus pelos homens é infinito. E Jesus, perfeito Deus e perfeito homem, veio ao mundo para ensinar este mandamento novo, da caridade que «jamais acabará» (1Cor 13,8).

Muito obrigado pelas palavras que os senhores Lino Villachá e Geraldo Batista dos Santos tiveram a delicadeza de dirigir-me. Que Deus os pague e proteja!

O sucessor de Pedro está hoje no vosso meio com o mesmo afeto com que Nosso Senhor, caminhando por entre aquela multidão, convidava a pôr em prática a norma suprema do amor. Todas as situações por que atravessa nossa vida nos trazem uma mensagem divina, pedem-nos uma resposta de amor e de entrega aos outros. Parece que ouvimos, mais uma vez, aquelas palavras divinas: «Vinde benditos de meu Pai, tomai posse do reino que vos está preparado (...) porque estava doente e me visitastes. E quando Lhe perguntam — «quando te vimos doente e te fomos visitar?» — o Senhor lhes diz: «Na ver-

dade vos digo, sempre que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequenos, a mim o fizestes» (Cf. Mt 25, 31-40).

Temos que descobrir a Cristo que sai ao encontro dos nossos irmãos, os homens. Nenhuma vida humana é uma vida isolada, mas entrelaça-se com as outras vidas. Nenhuma pessoa é um verso solto. Fazemos parte do mesmo poema divino, que Deus escreve com o concurso da nossa liberdade.

É neste contexto que o Papa deseja dizer-vos, antes de tudo, que se estais no mundo é por um mandato expresso de Deus. Convidando a permanecer nas ocupações, nas ansiedades da terra e no meio das provações que Ele permite, com serenidade de ânimo e coragem nas adversidades, o Senhor quer nos indicar que tem para todos e cada um de nós um lugar específico na história da redenção. Deus nos chamou para que, como escrevi, «aqueles que participam nos sofrimentos de Cristo possuem nos próprios sofrimentos uma especialíssima parcela do infinito tesouro da redenção do mundo, e podem partilhar este tesouro com os outros» (Cf. Carta Apostólica *Salvifici doloris* n.27).

Por outro lado, o exemplo de Cristo nos recorda que todo o cristão deve viver de rosto voltado para os outros homens, olhando com amor para todos e cada um dos que o rodeiam, para a humanidade inteira. Quando se ama de verdade, não só afetivamente, mas «com obras e em verdade» (1 Jo 3,18), obter-se-ão frutos de bem e de bondade que não deixarão de receber a recompensa divina. Como o amor é inteligente, cria iniciativas como esta do Hospital São Julião, que procura não só a recuperação do doente e sua inserção na sociedade, mas também aproximá-lo de Deus, como está a indicar a Igreja dentro das suas dependências. Por isso, abençoção de coração este hospital e também o Posto de Saúde São Francisco, do bairro Nova Lima, onde muitos dos egressos são atendidos. Abençoção também os benfeitores e colaboradores das duas obras, os do Brasil e da Itália. Desejo pedir ao Todo-Poderoso uma bênção especial para os frades franciscanos e as irmãs salesianas, nas pessoas de frei Hermano Hartmann e irmã Silvia Vicélio, baluartes dessas obras desde o começo de sua reestruturação, com mais de vinte anos de trabalho contínuo, fazendo surgir praticamente

dos escombros um caminho de esperança para os que nestes locais vêm buscar a vida e a saúde.

Termino, reiterando o mesmo apelo da minha viagem anterior aos hansenianos da Bahia: «Confio na vossa lembrança, no vosso auxílio e na vossa oração, não só pelo bom êxito desta viagem apostólica no Brasil, mas também por todas as solicitações que trago no meu coração de pastor da Igreja universal» (Salvador, 7 de julho de 1980).

Com estes pensamentos, saudando-vos com benevolência e exprimindo meu alto apreço não só por aqueles que cuidam de vós, como também por todos os médicos que se dedicam no Brasil a prevenir e a aliviar vossos sofrimentos, coloco minhas preces nas mãos da Virgem Maria e concedo-vos de todo o coração a bênção apostólica.

*Saudação pronunciada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante encontro com os hansenianos, no Centro São Julião,
em Campo Grande, Mato Grosso do Sul,
no dia 17 de outubro de 1991.*

Homilia em Campo Grande, Mato Grosso do Sul

«O homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher e serão os dois uma só carne» (*Ef 5,31; Gên 2,42*).

Vamos abrir o livro do Gênesis, no trecho onde se fala das origens e da história do homem sobre a terra. Deus criou o homem e a mulher à sua imagem e semelhança. O criador, dando-lhes uma particular dignidade no mundo visível, institui já desde o início aquele sacramento da união matrimonial. Pela aliança matrimonial o homem e a mulher dão a vida, tornam-se pai e mãe dos próprios filhos. Criados à imagem e semelhança do seu criador, refletem sua paternidade naquela paternidade e maternidade humanas.

A presença do Filho de Deus nas bodas de Caná da Galiléia serve de especial confirmação desta grande verdade. Jesus ali chega com sua mãe e os apóstolos. Antes mesmo de confirmar, com suas palavras, a indissolubilidade do matrimônio, como instituição divina «desde o início», Jesus confirma com sua presença em Caná, a importância deste sacramento, inclusive, com o primeiro milagre (ou sinal), que realiza pelo bem dos donos da festa, e após o pedido de sua mãe (CF. *Jo 2,1-11*).

Antes que este fato acontecesse em Caná da Galiléia, podemos pensar quantas vezes na história do homem sobre toda a terra, cumpriram-se aquelas palavras dirigidas «no início» ao

homem e à mulher: «O homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher; e serão os dois uma só carne».

Pensemos também quantas vezes se cumpre essa mesma instituição divina em todo esse imenso Brasil. Basta que os esposos permaneçam fiéis aos designios do Deus criador, que é o Pai de toda a criatura. É preciso que os cumpram, de acordo com a lei do Evangelho de Cristo, como o apóstolo nos mostra na carta aos Efésios: «os maridos devem amar suas mulheres, como seus próprios corpos. Quem ama sua mulher, ama-se a si mesmo. (...) Por isso também cada um de vós ame sua mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie seu marido» (Ef 5,28-33).

Portanto, amor e respeito mútuo! Não pode existir um, sem o outro.

Amar quer dizer não só desejar mas respeitar, merecer e aprender o mútuo respeito e, tendo sempre diante dos olhos o vínculo que une no matrimônio dois seres humanos. Amar é ter a consciência de que tal ligame é indissolúvel, dura por instituição divina até a morte.

«Recebo-te por minha esposa... recebo-te por meu esposo e te prometo ser fiel na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, amando-te e respeitando-te todos os dias da minha vida».

Eis o vínculo matrimonial que nasce do amor recíproco, se exprime mediante o juramento conjugal, que começa e se realiza diante da infinita majestade de Deus, por aquele mesmo amor com que o Pai nos amou no seu Filho, Jesus Cristo, redentor do mundo!

Os esposos participam da função redentora de Cristo, ao assumirem integralmente por vocação divina, a finalidade para a qual o matrimônio foi instituído. Cada união nasce pelo pacto entre um casal, mas com um conteúdo divinamente estabelecido, a unidade e a indissolubilidade, ordenado à procriação e à educação da prole.

Eis a beleza e a honra que o Senhor atribui ao homem e à mulher: poder participar, em cada nova criatura, não só do poder criador de Deus, mas também da realização em um novo ser humano dos frutos da redenção. Cada criatura que vem ao

mundo, torna-se herdeira, pelo batismo, da bem-aventurança do reino dos céus!

Queridos irmãos e irmãs de Campo Grande, do Mato Grosso do Sul e do Brasil! Um célebre brasileiro, o escritor Rui Barbosa deixou-nos esta frase muito significativa: «A pátria é a família amplificada. Multiplicai a família e tereis a pátria». Desta bela cidade que construístes, desta região privilegiada do Brasil onde morais, com seus campos imensos, sua terra fértil, com esta maravilha da natureza que é o Pantanal Mato-Grossense, quero lançar hoje um veemente apelo a toda a Igreja no Brasil: a família deve ser vossa grande prioridade pastoral! Sem uma família respeitada e estável não pode haver um organismo social sadio, sem ela não pode haver uma verdadeira comunidade eclesial!

É necessária, pois, uma pastoral familiar porque a evangelização no futuro depende em grande parte da «Igreja doméstica». Esta pastoral, como o disse em Puebla, «é tanto mais importante quanto a família é objeto de tantas ameaças. Pensai nas campanhas favoráveis ao divórcio, ao uso das práticas anti-concepcionais e ao aborto, que destroem a sociedade.» (Discurso inaugural, 28.1.1979).

Hoje se comprova esta realidade. Ela está produzindo um esfacelamento da instituição familiar. As uniões ilícitas muito freqüentes na sociedade brasileira, a perda dos valores cristãos, afetados por uma publicidade permissiva e as agressões de certos meios de comunicação social tudo isso está obscurecendo a visão cristã do amor humano. A falta de uma ética que defenda a dignidade do ser humano nos ambientes escolares, nos cursos preparatórios para o ingresso nas universidades e nas mesmas universidades, vai privando a juventude do conhecimento da lei de Deus e de suas conseqüências. Enfim, a falta de uma autêntica formação espiritual e moral e um desvio do ensinamento doutrinário, para dar preferência aos problemas sociais, estão criando um progressivo esvaziamento do conteúdo da fé, tornando mais atraente a participação em «seitas» das mais distintas denominações.

É certo também que, no ambiente rural e nas cidades, muitas famílias continuam mantendo as mais belas tradições da vi-

da cristã. Elas constituem um verdadeiro baluarte da fé do vosso povo. Abenção de coração aos pais, os esposos e noivos comprometidos realmente na vivência séria dos princípios do magistério da Igreja Católica, que é depositária autêntica da verdade revelada. Peço ao Senhor abundantes graças para que se mantenham fiéis aos ideais de santidade no matrimônio a que são chamados. O Papa quer que saibam, por maiores que sejam as dificuldades da vida, que sua fidelidade será sempre sustentada pela graça do sacramento do matrimônio, e pela atenção e o apoio da Igreja.

Não há quem não veja, queridos irmãos e irmãs, que o futuro da Igreja está nas famílias cristãs devidamente preparadas para assumir o papel de condutoras da sociedade nacional. Isso vale, sobretudo quando se trata de enfrentar o grave problema da escassez de sacerdotes num país com uma população em contínuo crescimento. Nunca se poderá enfrentar eficazmente este problema, sem antes considerar com coragem e decisão dois aspectos que iluminam as diretrizes a serem tomadas.

Volto a reafirmar aqui, em primeiro lugar, que, «onde existe uma pastoral esclarecida e eficaz da família, da mesma forma que se torna natural acolher com alegria a vida, será mais fácil ouvir a voz de Deus e mais generosa a resposta de quem a escuta» (*Discurso* 15.5.1991). Se os pais forem generosos em acolher um novo filho que Deus lhes enviar, será mais fácil que sejam também generosos os filhos quando se decidirem a oferecer a própria vida a Deus, no serviço apostólico. «A família que realiza com generosa fidelidade seus deveres e tem consciência da sua participação cotidiana no mistério da cruz gloriosa de Cristo, torna-se o primeiro e o melhor seminário da vocação à vida consagrada ao reino de Deus» (*Familiaris consortio*, n. 53).

Deve-se por isso, valorizar as motivações cristãs que estão na base das grandes opções da juventude. A vida humana alcança sua plenitude quando se torna dom de si mesma: um dom que pode se exprimir no matrimônio, na virgindade consagrada, na entrega ao próximo por um ideal e na escolha do sacerdócio ministerial. Os pais prestarão verdadeiro serviço à vida dos filhos, se os ajudarem a fazer da própria existência um dom, respeitando suas escolhas amadurecidas e promovendo com alegria

cada vocação, inclusive a religiosa ou sacerdotal. A família desempenhará assim um papel primordial no desabrochar, no crescimento e na maturação final da vocação sacerdotal. Por conseguinte, a pastoral das vocações é também pastoral da família. E as comunidades paroquiais deveriam participar ativamente no acompanhamento da formação dos candidatos ao sacerdócio.

Estou certo de que os esforços de conscientização neste sentido, não deixarão de alcançar, com a contínua assistência divina, abundantes frutos. Com a certeza da esperança que não confunde e da intercessão da Virgem Maria e de seu esposo São José, peço a Deus Todo-Poderoso, que dentro em pouco estará sobre este altar no santo sacrifício da missa, que proteja a família brasileira, a família de todos que viestes assistir à missa do Papa e dos que a nós estão unidos pelo rádio ou pela televisão!

Em segundo lugar, a insistência, tantas vezes reiterada, da necessidade dos fiéis leigos assumirem suas responsabilidades, para tornar possível uma presença mais viva da luz cristã na sociedade, deve vir acompanhada pelo trabalho contínuo, generoso, humilde e audaz, do ministério dos sacerdotes. As famílias cristãs assumirão plenamente aquelas responsabilidades se encontrarem «sacerdotes que sejam plenamente sacerdotes» (...). Quanto mais descristianizado está o mundo ou carece de maturidade na fé, tanto maior necessidade têm de sacerdotes que estejam totalmente consagrados a dar testemunho da plenitude do mistério de Cristo» (João Paulo II, *Discurso* 30-5-1991, *Insegnamenti* III, 1 (1980 p. 1.532). Sacerdotes, segundo o coração de Cristo: homens de vida de oração, que dão testemunho exemplar com a própria conduta e que saibam orientar as famílias e os jovens na verdade, de acordo com o magistério perene da Igreja.

No início de sua atividade messiânica, Jesus foi a Caná da Galiléia, e ali, para atender ao pedido de sua mãe, fez o primeiro milagre, para atender à necessidade dos donos da festa e dos recém-casados. Transformou a água em vinho. A água, na sua simplicidade, passou a ser uma bebida nobre.

Deste modo Jesus deu a conhecer que Ele, o redentor do mundo, com seu poder redentor não só deseja confirmar o matrimônio da antiga aliança mas deseja enobrecê-lo e santificá-lo. Cristo deseja, como ensina o apóstolo na carta aos Efésios, exprimir na aliança matrimonial do homem e da mulher um grande mistério! (Cf. Ef 5,32). Este mistério é o do amor com que Ele mesmo amou a Igreja. O redentor do mundo tornou-se o esposo da Igreja, sua esposa. «Cristo amou a Igreja e por ela se entregou a si mesmo, para a santificar ... para apresentá-la sem mácula» (Ef 5.25.27). O mistério deste amor esponsal do Filho de Deus pela Igreja é a medida e o modelo do amor que deve unir no matrimônio marido e mulher. Cristo amou a Igreja até o sacrifício de sua vida. É necessário, portanto, que os esposos descubram nEle o modelo do próprio amor conjugal. É preciso que aprendam de Cristo, renovando constantemente o matrimônio, ao longo dos dias e dos anos, com a graça deste grande sacramento.

Cristo vos está ensinando, queridos esposos e pais, não só através do Evangelho, mas também, por meio do grande mistério do seu amor redentor.

Em Caná da Galiléia, ao lado dos esposos recém-casados, está a Mãe de Cristo. Ela diz aos criados: «Fazei tudo que Ele, meu Filho, vos disser» (Jo 2,5).

Que junto a todos, do primeiro ao último dia de vosso matrimônio, esteja a mãe de Cristo! Que Ela vos repita sempre estas palavras: «Fazei tudo que meu Filho vos disser».

Agradeço o acolhimento do meu querido irmão dom Vitório Pavanello e dos outros bispos deste estado. Agradeço aos caros padres salesianos a hospedagem que me deram em sua casa. Vão aqui também minhas palavras de estímulo aos queridos religiosos e religiosas para que saibam continuar no seu serviço alegre e abnegado pelo reino de Deus numa constante e irrevogável consagração de suas vidas. Para os presbíteros, seminaristas e candidatos que estão se formando no estado, sobretudo em Campo Grande, no Seminário Regional Propedêutico, no Seminário Maior Maria Mãe da Igreja, no Instituto Teológico do Oeste, no postulanteado e noviciado Intercongregacional, invoco a proteção do Altíssimo para que saibam corresponder às

expectativas que a Igreja neles deposita para a construção do reino de Deus.

Enfim, meus caros amigos, todos que me ouvís, de tantas raças e povos, brancos, negros, índios, latino-americanos sobretudo paraguaios e bolivianos, emigrantes europeus, árabes, asiáticos sobretudo os japoneses em tão grande número neste estado, todos que formais esta grande família sul-mato-grossense e brasileira, líderes e animadores das comunidades, leigos empenhados na luta pela dignidade da vida e a consolidação da família, aos jovens e aos doentes, o Papa quer dar um grande abraço e sua bênção. O Papa não se esquecerá de ninguém!

A Virgem Maria, a quem invocais com tanto amor nesta Arquidiocese como Nossa Senhora dos Prazeres, vos conceda, queridos esposos e pais, sentir em vossa vida sua presença materna, transformando em vinho, dando uma nobreza nova a vossa sublime missão. Que o poder santificador do Espírito, que desceu sobre a Virgem de Nazaré e a fez mãe do Filho de Deus, desça também sobre vossas famílias, sobre todas as famílias do Brasil! Deus vos abençoe!

Veni, Creator Spiritus!

*Homilia pronunciada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante missa celebrada
no antigo aeroporto
em Campo Grande, Mato Grosso do Sul,
no dia 17 de outubro de 1991.*

Encontro com o Laicato Católico

Caríssimos filhos e filhas, representantes do laicato católico do Brasil,

Agradeço as palavras de saudação do coordenador do Conselho Nacional dos Leigos, doutor Celso de Castro Matias Neto. Nelas vejo a expressão do desejo que vos anima de assumir em plenitude a vocação e a missão a que Deus vos convoca, na Igreja e nesta querida Nação.

Eu vos contemplo, e parece-me ver estampada em vossos rostos a palavra **esperança**. Nesta hora da vida da Igreja no Brasil e no mundo, os leigos são, uma das **maiores esperanças** para o presente e para o futuro da **nova evangelização** que o Senhor nos pede.

Eu vos contemplo, e alegra-se meu coração de pastor universal da Igreja Católica, ao saber da abnegada generosidade com que muitos de vós colaborais, por meio de diversos ofícios e funções, em serviços e trabalhos eclesiais. Sei que essa colaboração é necessidade premente em vosso País. Por isso, vos agradeço e tenho a certeza de que vos esforçareis por desempenhar essas tarefas sempre dentro dos critérios e do espírito que amplamente apresentei na exortação apostólica «*Christifideles laici*».

Mas hoje queria dizer-vos, queridos filhos, que, ao contemplar-vos, vejo sobretudo através de vós a **presença do in-**

contável número de fiéis leigos do Brasil, dos cristãos comuns, sem outro apelativo (Cf. *Christifideles laici*, n.17): homens e mulheres inseridos na própria entranha da sociedade, que eles próprios integram e constroem, são chamados por Deus, precisamente no lugar que no mundo ocupam, a viver todas as conseqüências de sua consagração batismal.

O Brasil é o país que conta o maior número de batizados na Igreja Católica em todo o mundo. Na esteira do Concílio Vaticano II, o Sínodo dos Bispos de 1987 e a exortação apostólica *Christifideles laici*, que é seu fruto, quiseram pôr em destaque que o traço característico da identidade dos fiéis leigos é «a radical novidade que promana do batismo» (n.10), de modo que «só descobrindo a misteriosa riqueza que Deus dá ao cristão no santo batismo, é possível delinear a ‘figura’ do fiel leigo» (n.9).

Há, de fato, diversas formas de participação orgânica dos leigos na única missão da Igreja-comunhão. Mas, não há dúvida de que Deus a confere diretamente a cada um dos batizados, justamente na situação, no lugar, que Ele quis que ocupassem no mundo.

Dentro desta vasta e empolgante responsabilidade, que vos é própria, quero deter-me hoje, sobretudo, na consideração de três âmbitos das realidades temporais, que reclamam com particular urgência o influxo da santidade e do apostolado dos fiéis leigos: a família, o trabalho e a ação sociopolítica.

Em primeiro lugar, diria, em primeiríssimo lugar, a família. «O casal e a família, lê-se na *Christifideles laici*, constituem o primeiro espaço para o empenho social dos fiéis leigos» (n.40).

Não percais nunca a consciência de que, do fortalecimento e da santidade da família, depende a inteira saúde do corpo social, pois a família, por desígnio de Deus, é e será sempre a «célula primeira e vital da sociedade» (*Apostolicam actuositatem*, n.11). Da santidade da família depende também a vitalidade da Igreja.

Não vos direi nada de novo se vos falar da grave crise moral que hoje em dia se abate, de muitos modos, sobre a família brasileira. Precisamente por isso é necessária e urgente

uma profunda revitalização da instituição familiar. É essa uma tarefa prioritária dos leigos.

É doloroso observar, neste amado País, a extrema fragilidade de muitos casamentos, com a triste seqüela de inúmeras separações, de que são sempre vítimas inocentes, os filhos. É ainda lastimável ver o desrespeito à lei divina, que se espalha com a difusão de práticas anticonceptivas gravemente ilícitas, ver o índice alarmante de esterilizações de mulheres e de homens, voluntárias ou induzidas, às vezes, pelos responsáveis da sociedade política ou por profissionais que deveriam zelar pela dignidade e integridade da pessoa e do corpo social, ver o incremento, também alarmante, da prática do aborto, desse atentado criminoso ao direito humano primeiro e fundamental, o direito à vida desde o instante da sua concepção, que jamais pode ter qualquer justificativa prática e, menos ainda, legal.

Simultaneamente, não podem ser ignoradas outras graves causas de deterioração das famílias, como as decorrentes das condições infra-humanas de moradia, de alimentação e de saúde, de instrução e de higiene em que vivem milhões de pessoas no campo e nas periferias das cidades, com a lamentável consequência de um elevado número de menores abandonados e marginalizados.

Bem sabeis que não estou carregando as tintas do quadro que acabo de descrever. O que desejo, acima de tudo, ao falar assim, é lançar um forte apelo à responsabilidade moral dos detentores do poder público, em seus diferentes níveis, e de todos os homens de boa vontade, católicos ou não, para que criem, dentro das suas possibilidades de atuação, condições econômicas e sociais que garantam a dignidade da vida humana e da família. Pode-se fazer muito e deve-se fazer muito para reverter essa situação. É muito séria a obrigação que tendes, especialmente vós, de promover corajosamente os valores cristãos do casamento e da família. Começai pelos vossos próprios lares, a fim de serdes vós mesmos «luz do mundo» e sal que preserva da corrupção.

Os que recebestes a vocação matrimonial, proclamai com o vosso exemplo e a vossa entrega, alicerçados na fé e no amor de Cristo, a grandeza do amor conjugal, renovando-o cada dia

com a graça divina. Considerai o dom dos filhos, generosamente, como o vosso maior tesouro, e sua educação como o vosso primeiro apostolado. É grande, na verdade, a tarefa que vos cabe neste campo. Mas também é grande, imensa, a força da fé, da esperança e do amor, que o Espírito Santo derrama nos corações dos fiéis (*Rom 5,5*).

Queria dizer-vos também algumas palavras sobre o trabalho, outro dos campos específicos da vida e ação dos leigos. Neste ponto, parece-me importante recordar o que se diz na *Christifideles laici*: «Os fiéis leigos devem olhar para as atividades da vida cotidiana como uma ocasião de união com Deus e de cumprimento de sua vontade, e também como serviço aos demais homens, levando-os à comunhão com Deus em Cristo» (n.17).

À imitação de Jesus Cristo, que quis viver a maior parte da sua existência terrena na oficina de José, aprendei a ver o trabalho e os deveres que tecem a vida cotidiana como âmbito e meio privilegiado de santidade e de apostolado.

Que condições primárias deve ter o trabalho, todo e qualquer trabalho honesto, para ser santificante e santificador? Deixai-me responder citando ainda palavras da mencionada exortação apostólica: «Os fiéis leigos deverão executar o seu trabalho com competência profissional, com honestidade humana e espírito cristão, como meio da própria santificação» (*Christifideles laici*, n.43).

Nunca vos esqueçais de que a primeira riqueza do homem e por isso mesmo a primeira riqueza de uma nação, é o trabalho. «O homem se desenvolve mediante o amor pelo trabalho» (*Laborem exercens*, n.11). Onde falta este amor, cedendo a um conformismo indolente, não é possível o progresso humano, nem a maturidade cristã, nem o bem da sociedade.

Rejeitai a tentação do desestímulo provocada pelo exemplo negativo dos que, à margem de critérios éticos, procuram a maior vantagem com o menor trabalho. Rejeitai também, a despeito de todas as dificuldades, o desestímulo procedente de uma concepção errada das relações empresariais, que coloca o capital acima do trabalho, o lucro acima da pessoa humana, e se traduz muitas vezes numa indigna retribuição do trabalhador e nu-

ma injusta distribuição da renda (Cf. *Laborem exercens*, n.13 e 15, *Centesimus annus*, n. 35).

Com o espírito do Evangelho, sabereis contribuir para as necessárias mudanças na ordem econômico-social. Sabereis também procurar os meios eficazes para enfrentar e debelar o grave problema do desemprego. Deveis empenhar-vos para que a doutrina social católica, sem ceder a ideologias antievangélicas, que propugnam o ódio e a luta de classes, oriente de fato a realidade socioeconômica do vosso País. Esta é a vossa tarefa própria, nas suas concretizações práticas. São os leigos católicos que, juntamente com os demais cidadãos, a devem assumir.

Referia-me também, antes, à honestidade e ao espírito cristão no trabalho. Eis aqui outro importante tema de reflexão e de exame de consciência. Parte não pequena do vosso apostolado deve orientar-se de modo a conseguir que os princípios da ética profissional, da honestidade, da veracidade, da lisura e da moral cristã imperem em todos os âmbitos do trabalho humano, quer na esfera pública, quer na esfera privada.

Não vos deixeis abalar pelo temor de que a fidelidade a esses princípios éticos vos coloque em situação de desvantagem, num ambiente em que não raro a lei moral é desprezada e grassa a corrupção. Mesmo que às vezes vos pareça ficar em situação de inferioridade, tende a coragem de dar, em todo o momento, o vosso testemunho ético, nitido e inequívoco. Deste modo estareis amando a Deus e estareis servindo ao Brasil.

Contando com essas condições primárias, amor ao trabalho e consciência ética, é que vossa ação poderá converter-se em meio de santificação, meio de apostolado e fermento de transformação da sociedade.

Esta última consideração nos conduz ao terceiro ponto que hoje queria comentar convosco.

Lembrava antes que faz parte da missão dos leigos a **ação** sociopolítica. Recordo-vos agora que «para ordenar cristamente a ordem temporal, no sentido de servir à pessoa e à sociedade, os fiéis leigos não podem absolutamente abdicar da participação na «política», ou seja, na múltipla e variada ação econômica, social, legislativa, administrativa e cultural, destinada a promover

orgânica e institucionalmente o bem comum» (*Christifideles laici*, n. 42).

Esta responsabilidade, permiti-me sublinhá-lo, essa ação no campo político, econômico e social, à procura do bem comum, é função própria, específica e característica dos fiéis leigos. Faz parte da vossa missão, e deve ser exercida com a plena autonomia pessoal de que gozais, como cidadãos da cidade terrena e como filhos de Deus, livres e responsáveis.

É fato evidente que uma interferência direta de eclesiásticos ou religiosos na práxis política, ou a eventual pretensão de impor, em nome da Igreja, uma linha única nas questões que Deus deixou à livre discussão dos homens, constituiria um inaceitável clericalismo. Mas é claro também que incorreriam em outra forma não menos prejudicial de clericalismo, os fiéis leigos que, nas questões temporais, pretendessem atuar, sem que haja razão ou título para tanto, em nome da Igreja, como seus porta-vozes, ou ao abrigo da hierarquia eclesiástica.

Tende a coragem de assumir vossa liberdade pessoal responsável, e de intervir ativamente na vida política, econômica e social, animados pelo espírito de Cristo, seguindo aquele critério moral que já indicava a Constituição *Gaudium et spes*: «como cidadãos guiados pela sua consciência de cristãos» (n. 76).

É certamente dever e função dos pastores da Igreja ajudar a formar essa consciência com os princípios do Evangelho e a doutrina do magistério. Mas, dentro da imensa variedade de opções que se oferecem à consciência cristã bem formada, sois vós os que deveis definir as vossas posições, fazer as vossas escolhas — que ninguém tem o direito de limitar, e comprometer-vos, individualmente ou unidos a outros cidadãos que participem dos vossos mesmos ideais, a desenvolver uma ação ampla e profunda visando a correta ordenação das realidades temporais.

Que mais vos direi, filhos queridíssimos? Para que este esplêndido panorama da vocação e da missão dos leigos seja uma realidade, é preciso uma preocupação prévia, uma condição prioritária: vossa santidade pessoal.

Este é o pedido que também dirijo a Deus ao terminar nosso encontro: que a Terra de Santa Cruz seja uma terra de

santos! Que ela venha a ser um solo fértil em que a santidade cristã floresça e frutifique na vida de muitos fiéis leigos. Deste modo, se estenderá o reino de Cristo na própria entranha da sociedade brasileira.

Antes de concluir, quero congratular-me com os fiéis de Campo Grande que, sob a direção de uma comissão de leigos, construíram esta bela igreja dedicada a Nossa Senhora da Abadia, padroeira da arquidiocese, e a Santo Antônio, padroeiro da cidade. A partir de hoje, com minha visita, esta igreja passa a ser a Sé Catedral da Arquidiocese de Campo Grande. Deus abençoe todos quantos colaboraram na construção deste templo!

Ao dar-vos de todo coração a minha bênção apostólica, elevo o meu pensamento à Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, renovando a prece que há alguns anos, pensando em vós, eu dirigia à mãe da Igreja: «Virgem Mãe, sede nossa guia e nosso apoio para vivermos sempre como autênticos filhos e filhas da Igreja do vosso Filho, e podermos contribuir para a implantação da civilização da verdade e do amor sobre a terra, segundo o desejo de Deus e para a sua maior glória. Amém». (*Christifideles laici*, n. 647).

*Saudação pronunciada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante encontro com o laicato católico,
na Catedral, em Campo Grande,
Mato Grosso do Sul,
no dia 17 de outubro de 1991.*

Missa de Beatificação da Madre Paulina do Coração de Jesus Agonizante

«Quando aparecer Cristo, que é a vossa vida, então também vós aparecereis com ele na glória» (Col 3.4).

Minha alegria no dia de hoje, queridos irmãos e irmãs de Florianópolis e de Santa Catarina, tem um motivo todo especial: a beatificação da Madre Paulina do Coração de Jesus Agonizante. Ela é, na verdade, uma representante bem legítima do povo catarinense. Como os pais e os avós de muitos dos que aqui estão, pertence ela a uma destas famílias que aqui chegaram no século passado e deram uma feição toda especial à terra catarinense. O cenário maravilhoso das lindas praias e ilhas do litoral, do Vale do Itajaí, dos campos da região serrana, das imensas e férteis regiões do Oeste, passou a ser habitado por um povo novo que hoje ainda conserva a herança das culturas, dos costumes e da língua de seus antepassados. Aos portugueses das ilhas dos Açores ou aos paulistas vindos dos campos de Piratininga ou de Curitiba, se uniram, há mais de cem anos, tantas famílias procedentes do Norte da Itália, das montanhas do Tirol, de diversas regiões da Alemanha, de muitos outros lugares do planeta.

Todas fizeram de Santa Catarina um só povo, com muitas falas, hábitos e tradições, cuja face humana se tornou bem bra-

sileira pela riqueza do trabalho, da cordialidade e, sobretudo, da única fé cristã. Foi uma destas famílias, vindas do Tirol e radicadas na região de Nova Trento, que deu ao Brasil e à Igreja a Madre Paulina. Hoje, diante de vós, ela será elevada pelo Papa à glória dos altares.

A glória com a qual a Igreja circunda seus santos e beatos é um particular anúncio da vinda de Cristo, que «é a nossa vida em Deus». Tornando-se homem, ele, o Filho unigênito do Pai, fez-nos participar da vida divina, que está n'Ele. Com o poder do Espírito Santo, dado por Cristo à Igreja no dia da sua ressurreição, esta vida divina frutifica na santidade dos filhos e das filhas da Igreja.

Hoje, com a cerimônia da beatificação professamos nossa fé na comunhão dos santos. E ao mesmo tempo, consolida-se nossa esperança de santidade, de participação na vida de Deus. Ora, os santos nos indicam o caminho desta esperança. Deste modo cumprem eles uma particular tarefa dentro da missão evangelizadora da Igreja sobre a terra, e proclamam a vocação cristã à santidade. Eles nos exortam: «Revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição» (Cf. *Col* 3,14).

Como foi que a Madre Paulina, que hoje proclamaremos beata, se revestiu desta caridade?

O que mais se destaca na vida dos santos é sua capacidade de despertar o desejo de Deus naqueles que têm a felicidade de deles se aproximar. A generosa correspondência às graças divinas, torna-se, então, premiada por uma constante inclinação para Deus, desejado, conhecido, louvado e amado. É precisamente nesta luz que a serva de Deus se nos apresenta, quando nos preparamos para reconhecê-la solenemente entre os bem-aventurados do reino dos céus.

«Afeiçoai-vos às coisas que são de cima» (*Col* 3,2).

Foi precisamente este o dom vivido em sumo grau por Madre Paulina. Soube ela converter todas as suas palavras e ações, num contínuo ato de louvor a Deus. Durante a juventude pediu a Deus a graça de entrar na vida religiosa com o único fim deamá-lo e de servi-lo com a maior perfeição possível. Sua conformidade com a vontade de Deus, levou-a a uma constante renúncia de si mesma, não recusando qualquer sacrifício para

cumprir os desígnios divinos, especialmente no período, particularmente heróico, da sua destituição como superiora geral da congregação por ela fundada.

Fruto desse grande amor de Deus, foi a caridade vivida pela serva de Deus, desde menina até o último instante de sua vida terrena, em relação a todos que conviveram com ela. No seu testamento espiritual ela escreveu: Muito vos encareço que haja entre todas a santa caridade, especialmente para com os doentes das santas casas, (os velhos) dos asilos, etc. Tende grande apreço pela prática da santa caridade. Foi por isso que, no Hospital de Vigolo, ela e sua primeira companheira receberam o título de «enfermeira». Esse estar para os outros, constituiu-se como o pano de fundo de toda sua vida. Os pobres e os doentes foram os dois ideais da vida ascética da Madre Paulina, que, no seu serviço encontrava o incentivo para crescer no amor de Deus e na prática das virtudes.

Queridas filhas da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, o exemplo de santidade de vossa madre fundadora, recolhe esta mensagem perene que a santa Igreja guarda como tesouro precioso.

Hoje, a Igreja quer fazer-se eco, mais uma vez das palavras inspiradas de São Paulo aos tessalonicenses: «Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação» (1 Ts 4,3). Pelo Batismo, fomos regenerados para a nova vida da filiação divina, ou até, como diz São Pedro, da participação na natureza divina (Cf Pd 1,4). Pela santificação não recebemos apenas o perdão dos pecados, mas somos introduzidos na comunhão de amor com Deus, somos inseridos no corpo místico de Cristo e participamos da vida divina do Senhor, do mesmo modo como o ramo participa da seiva do tronco (Cf. Jo 15,1s). A santidade faz de nós, templos vivos de Deus: «meu Pai o amará e a ele viremos e nele faremos morada» (Jo 14,23).

Ser santo significa opor-se ao pecado, à ruptura com Deus. O homem dessacralizado, não santificado, continua na escravidão do pecado e não é atingido pela ação do mistério pascal redentor do divino salvador dos homens. A Igreja existe para a santificação dos homens em Cristo. É esta santidade que ela deve levar também aos homens do mundo secularizado para que

não se profanizem. Por isso ela ensina também que santidade não é «alienação», como às vezes se ouve dizer, mas uma maior familiaridade com as realidades mais profundas de Deus.

Por sua vez, Cristo é o verbo feito carne, e o mesmo verbo é o criador e salvador. A encarnação leva a criação a seu termo, e nesta, o homem realiza em si mesmo, por Cristo a imagem de Deus, cooperando através da história, para esta plenitude da obra divina da criação. Cristo nos chama a todos nós, cada um seguindo a própria vocação — no lar, no trabalho profissional, no cumprimento das obrigações que competem ao próprio estado, quer inseridos nas realidades temporais, quer no sacerdócio ministerial ou na vida religiosa, nos deveres de cidadão, no exercício dos próprios direitos — todos somos chamados a participar do reino dos céus.

Esta santidade, que faz que cada cristão deva ser Cristo presente entre os homens, lembra-nos, como foi dito em Puebla, que existe «um povo que nasce apenas de Deus, e se orienta para Ele; (...) os cidadãos deste povo devem caminhar na terra, mas como cidadãos do céu, com o coração enraizado em Deus, através da oração e da contemplação. Esta atitude não significa fuga do terreno, mas sim condição para uma entrega fecunda aos homens. Porque quem não aprendeu a adorar a vontade do Pai, no silêncio da oração, dificilmente conseguirá fazê-lo quando sua condição de irmão lhe pedir renúncia, dor ou humilhação» (n. 250-251).

Foi precisamente esta capacidade de manter-se constantemente unida a Deus e, ao mesmo tempo, de desenvolver um intensíssimo trabalho pelo bem das almas, que caracterizou a vida da Beata Paulina do Coração de Jesus Agonizante. A Igreja a propõe, a partir de hoje, como modelo de vida a ser admirado e imitado.

A santidade se prova na vida do dia-a-dia, no trabalho em favor dos irmãos, como fruto da união como Deus. Ela está vinculada a um amor, ativo e efetivo, para com a Igreja de Cristo, representada pelos seus pastores que, dentro do colégio episcopal, estão unidos ao sucessor de Pedro. A santidade, en-

fim, é a expressão dessa fé vivenciada pela caridade, *Fides operatur per caritatem*, capaz de dar um novo sopro de esperança e uma resposta à sociedade que parece querer viver num clima de hedonismo e de consumismo.

Deus disse a Abraão: «Deixa tua terra, tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que eu te mostrar» (*Gên 12,1*).

No sermão da montanha Cristo disse: «Bem-aventurados os que têm um coração de pobre, porque deles é o reino dos céus... Bem-aventurados os mansos... os que têm fome e sede de justiça... os misericordiosos... os puros de coração... os pacíficos... os que são perseguidos por causa da justiça...»

Cristo acrescentou: «deles é o reino dos céus» (*Mt 5, 1-10*).

Ele repete hoje a todos nós, a cada um de nós: deixa tua terra, que é um lugar de passagem, deixa o lugar da casa dos teus pais, lugar de tantas gerações — e vai para a terra que eu te indicar.

Esta terra é o reino dos céus, é a casa de meu Pai, na qual existem muitas moradas (*Cf. Jo 14,2*).

A Beata Paulina do Coração de Jesus Agonizante seguiu este chamado de Cristo.

«Quando Cristo se manifestar — Ele, a nossa vida — também ela, junto dEle se manifestará na sua glória».

Ao concluir, aproveito a ocasião para saudar ao senhor Ministro da Justiça, dr. Jarbas Passarinho, agradecendo sua participação nesta celebração eucarística.

Queridos irmãos e irmãs, o Papa agradece vossa acolhida calorosa e amiga, como também ao caro irmão no Episcopado, o Arcebispo dom Eusébio Oscar Scheid e a todos os bispos que aqui vieram. Mais uma vez vos digo: o Brasil precisa de santos, de muitos santos! A santidade é a prova mais clara, mais convincente da vitalidade da Igreja em todos os tempos e em todos os lugares. Que o exemplo de Madre Paulina possa inspirar a todos uma resposta decidida, generosa, ao chamado de Cristo à santidade! Confio à proteção materna da Virgem Maria, Nossa

Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Desterro como A venerais aqui em Florianópolis, o presente e o futuro da Igreja no Brasil. Ela precisa, hoje, mais do que nunca, de santos!

*Homilia pronunciada por
Sua santidade o Papa João Paulo II,
durante missa celebrada em beatificação da
Madre Paulina do Coração de Jesus Agonizante,
no Aterro da Baía Sul, em Florianópolis, Santa Catarina,
no dia 18 de outubro de 1991.*

Encontro Ecumênico em Florianópolis, Santa Catarina

Caríssimos irmãos no Senhor,

Sinto uma intensa alegria ao poder evocar, no início deste encontro, aquelas palavras do Evangelho que nos asseguram a presença inefável do Senhor neste instante. «Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou no meio deles» (*Mt 18,20*). Certamente, estamos agora reunidos em seu nome e por isso podemos dizer alegremente que Jesus se encontra no meio de nós. As palavras que me foram dirigidas pelo senhor Bispo dom Gregório Warmeling, como presidente do Conselho das Igrejas para Educação Religiosa, e do pastor Meinrad Piske, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, nos confirmam que o Senhor quer estar no meio de nós com sua luz, a luz do «espírito da verdade» (*Jo 16,13*).

Ao calor da presença de Cristo, «primogênito entre muitos irmãos» (*Rom 8,29*), este encontro com os irmãos evangélicos tem para mim o caráter de um feliz e confiado colóquio fraterno.

Se é verdade que ainda são muitas as coisas que nos separam, no plano da fé e do agir cristão, também é certo que nos une o anseio, acalentado pelo apóstolo Paulo, de que «praticando a verdade na caridade, cresçamos em todos os sentidos na direção d'Aquele que é a cabeça, o Cristo» (*Ef 4,15*).

Move-nos a todos, sob o impulso do espírito de Cristo (Cf. *Rom* 8,9), o empenho de incrementar incansavelmente o diálogo ecumênico, «até que todos tenhamos chegado à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus» (*Ef* 4,13).

Este diálogo ecumênico, que há anos, com a graça do Senhor, vem crescendo e produzindo frutos tão auspiciosos, é nossa sincera resposta à ardente súplica que Jesus elevou ao Pai na noite da última ceia: «Que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste» (*Jo* 17,21). Estas palavras de Cristo queimam em nosso coração, constituem para todos um programa e um dever ineludíveis.

Pode-se dizer que o diálogo é o pulsar do coração do ecumenismo. Foi também na ceia, quando Nosso Senhor orava pela tão almejada unidade, que Ele nos deixou como testamento e sinal distintivo, seu mandamento novo: «Que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei (...) Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros» (*Jo* 13, 34-35).

Por isso, entre nós, o primeiro diálogo deve ser o diálogo da caridade, que tem por base a compreensão, o mútuo respeito e a procura, em união de sentimentos, do cumprimento da vontade do Senhor.

Esforcemo-nos, portanto, por fomentar o que nos une e por compreender, com humildade e serena lucidez, e dentro da fidelidade aos tesouros da verdade divina, o que nos separa, sabendo que, entre os que seguimos a Cristo, é muito mais forte aquilo que nos une do que aquilo que nos divide.

Por isso que não nos cansemos de «procurar lealmente, com perseverança, com humildade e também com coragem, os caminhos da aproximação e da união (...), sem nos deixarmos vencer pelo desânimo perante as dificuldades que possam se apresentar ou acumular ao longo desta estrada. Caso contrário, não seríamos fiéis à palavra de Cristo, nem executaríamos seu testamento» (*Redemptor hominis*, n.6).

Peço ao «Pai das luzes», de quem provém «toda dádiva boa e todo dom perfeito» (*1 Pe* 1,17), que continue abençoando a ação que se vem desenvolvendo, em nível universal e em nível

nacional, para favorecer este diálogo. Faço votos de que o trabalho que, no Brasil, está sendo realizado pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic), no plano religioso e no clima da caridade de Cristo, continue avançando pelo caminho do diálogo interconfessional.

Ao lado do diálogo da caridade, é preciso continuar intensificando também a «disponibilidade para (...) a busca em comum da verdade no pleno sentido evangélico e cristão» (*Redemptor hominis*, n. 6), isto é, o diálogo teológico.

«Quem pratica a verdade aproxima-se da luz» (*Jo* 3,21). O autêntico desejo da fidelidade a Cristo, «a luz do mundo» (*Jo* 8,12), não é como que o pulsar da alma do diálogo teológico?

Longo é, certamente, este caminho, e não faltam obstáculos. Mas também é certo que «o Deus de toda a consolação» (*2 Cor* 1,3) nos conforta, propiciando sinais alvissareiros. Convergências aparecem que fundamentam na fé uma esperança concreta, ainda que permaneçam problemas sérios, que exigem aprofundamentos ulteriores, intercâmbios mais ativos e mais paciência e serenidade de espírito (Cf. *Discurso* à assembléia plenária do Pontifício Conselho para a promoção da unidade dos cristãos. *L'Osservatore Romano*, ed. port., 17.2.1991, p.9).

Juntamente com o diálogo da caridade e o diálogo teológico, é da maior importância prosseguir no que poderíamos chamar diálogo da vida.

Refiro-me à conjunção de esforços, entre os que professam a fé em Jesus Cristo, para servir com espírito evangélico a todos os homens. Extremamente frutuosa se vem revelando esta cooperação entre os cristãos, com o intuito de superar tantos males que afligem o mundo atual e, em particular, o Brasil, tais como a fome, o analfabetismo, a pobreza, a falta de terra e de habitação e a injusta e desproporcionada distribuição dos bens que Deus destinou a todos.

Continuemos a unir as nossas forças para procurar, por meios cada vez mais eficazes e no espírito de caridade, o advento do reino da fraternidade, da justiça e da paz na família humana, chamada, em Cristo, a se tornar a família dos filhos de Deus (Cfr. *Gaudium et Spes*, n. 92).

Não nos esqueçamos, queridos irmãos, de que este diálogo fraterno, cujos traços fundamentais lembrei agora, pede-nos para ser fecundo, que cada um de nós abra cada vez mais largamente as portas do coração a Cristo. Deve ser Ele, na força do Espírito Santo, quem há de caminhar conosco e atuar por nosso intermédio.

Todos os anseios de unidade amadurecem a partir de uma renovação dos corações, movida pelo desejo de identificação com Cristo e alimentada pelo sincero propósito de reconhecer humildemente nossos erros pessoais, de corrigir em nós tudo quanto possa enfraquecer nossa união com o Pai, o Verbo e o Espírito Santo.

Acima de tudo, porém que o ecumenismo encontre sua expressão mais genuína no clamor incessante da nossa oração. Nossa fé na oração, na promessa do Senhor, «tudo o que pedirdes na oração crede que o tendes recebido e vos será dado» (Mc 11,24), é o verdadeiro alicerce das nossas maiores esperanças.

Deus nos conceda perseverar de tal modo unânimes na oração (CF. At 1,14), na caridade e na procura da verdade, que sejamos dignos de alcançar, como uma nova efusão do espírito, o dom precioso da unidade. Assim, poderá tornar-se realidade o que Jesus, na noite da ceia, pediu ao Pai: «Que sejam perfeitos na unidade, e o mundo reconheça que me enviaste e os amaste, como me amaste a mim» (Jo 17,23).

É este espírito de diálogo que desejo, mais uma vez, colocar nas mãos dos meus irmãos no serviço episcopal da Igreja Católica Apostólica Romana. Deles depende muito o futuro cristão do Brasil. Mas o entrego também aos irmãos líderes das Igrejas de outras confissões cristãs, recomendando-o também a todos vós, irmãos e irmãs no mesmo Evangelho de Cristo.

*Saudação pronunciada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante encontro ecumênico no Colégio Catarinense,
em Florianópolis, Santa Catarina,
no dia 18 de outubro de 1991.*

Encontro com as Religiosas

Queridas filhas em Cristo

Sinto-me imensamente feliz estando novamente convosco, revivendo aqueles encontros que tive a alegria de manter com as religiosas do Brasil, por ocasião da minha primeira viagem pastoral a esta querida Nação.

Agradeço à irmã Ilze Mees, pelas amáveis palavras que acaba de me dirigir, em nome de todas as religiosas do Brasil.

Minhas filhas, é fundamental vosso papel nesta imensa tarefa da nova evangelização, a que Deus nos convoca neste final de milênio. Seria impossível à Igreja cumpri-la devidamente sem a participação generosa de vossa vida consagrada.

Como dizia há dois anos a todos os religiosos e religiosas do Brasil, «seria quase impossível imaginar a vitalidade da Igreja no Brasil sem essa rede de comunidades religiosas, que torna presente e visível o Evangelho (...) Agradeço-vos de coração a fidelidade à vossa consagração e missão, a vossa presença eclesial em todas as latitudes deste imenso Brasil. A fecundidade misteriosa de vossas comunidades contemplativas, o testemunho dos que vivem sua inserção entre os mais pobres e a generosa dedicação dos que trabalham em regiões longínquas e isoladas, constituem uma riqueza para a Igreja no Brasil e comprovam sua vitalidade» (*Carta aos participantes na XV Assembléia Geral Ordinária da CRB*, 11.7.1989).

Este horizonte tão rico e empolgante da missão que Deus vos convoca para realizar na Igreja e no mundo, exige de vós, como condição de sua vitalidade, uma fidelidade incondicional a Cristo e à Igreja. Sobre ela quero falar-vos hoje, de maneira mais especial. Nunca será demais recordar que «a identidade e autenticidade da vida religiosa se caracterizam pelo seguimento de Cristo e pela consagração a Ele, mediante a profissão dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência. Com eles se expressam a total dedicação ao Senhor e a identificação com Ele, na sua entrega ao Pai e aos irmãos» (*Carta Apostólica*’ 29.6.1990, 16).

Amai, com profundo espírito de fé, esses três vínculos santos. Eles, por assim dizer, definem e qualificam a vossa vida, criam um espaço de absoluta liberdade dentro dos vossos corações, que podem, por eles, acolher o amor de Cristo e viver inteiramente por Ele, para Ele e dEle. A religiosa, fiel aos compromissos de sua consagração, experimenta a inefável felicidade de caminhar em companhia de Jesus, de viver de sua palavra, de gozar de sua presença interior, de participar na sua missão salvadora (Cf. *Carta Apostólica*, 29.6.1990,16).

Amai, portanto, com toda alma, o conselho evangélico da castidade. Ele liberta, de modo singular, os vossos corações, para se inflamarem mais e mais na caridade de Deus e dos homens todos. Ele é um meio ímpar para vos dedicardes com ardor ao serviço e às obras de apostolado (Cf. *Perfectae caritatis*, n. 12).

Quando o amor de Cristo é assumido com «coração indiviso», em sua plenitude, sem concessões e duplicidades, sem esmorecimentos e compensações, a castidade se revela como uma jubilosa afirmação do amor e não como uma limitação ou uma negação. Ela canaliza e dá novo vigor à infinita capacidade de amar que Deus colocou no coração humano, levando-o às alturas do ilimitado amor divino. E é deste amor que brota a maternidade espiritual (Cf. *Gal* 4,19), geradora de vida para a Igreja. O exemplo de Maria Santíssima, a Virgem de Nazaré, será sempre fonte de especial fecundidade espiritual em vossa vida consagrada, e o amparo seguro da entrega feita por amor a Deus.

Amai, da mesma forma, com toda a alma, os conselhos evangélicos da pobreza e da obediência, com o ardente desejo de imitar o exemplo de Cristo, que «por vós se fez pobre, a fim de vos enriquecer por sua pobreza» (II Cor 8,9), e que, por amor ao Pai e para a salvação dos homens, «humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz» (Fil 2,8).

Os conselhos evangélicos, tal como sempre foram entendidos e vividos na Igreja, podem hoje parecer uma verdadeira «loucura» (I Cor 1,18) a muitos incapazes de perceber a «sabedoria das coisas de Deus» (Cf. Mt 16,23). São, de fato, uma loucura, mas uma feliz loucura de amor.

Ficai certas de que não pode haver autêntica renovação da vida religiosa, nem um reflorescimento das vocações religiosas, sem este sincero aprofundamento da vossa fidelidade à consagração total, expressa e concretizada nesses conselhos.

Os conselhos evangélicos, permiti-me insistir, vividos em plenitude de alegria, vos identificam com Jesus Cristo crucificado e ressuscitado. Tornam-se assim para toda pessoa consagrada uma fortíssima motivação amorosa, um ideal sempre vivo e presente, capaz de superar todos os cansaços, aflições e contrariedades.

Estes três conselhos evangélicos, arcabouço da vossa vida de doação, devem, porém, concretizar-se de acordo com a identidade específica de cada família religiosa.

A variedade dos institutos religiosos é como «uma árvore que se ramifica, esplêndida e múltipla, no campo do Senhor» (*Lumen Gentium*, n. 43).

Esta diversidade se explica, por vontade de Deus, pela variedade dos carismas dos fundadores e fundadoras. Esses carismas devem ser vividos pelos seus discípulos e discípulas, conservados zelosamente, aprofundados e desenvolvidos, em homogênea continuidade, ao longo dos tempos, sejam quais forem as circunstâncias históricas.

Cada instituto, com efeito, como reflexo da infinita variedade dos dons do espírito, tem seus «fins e seu caráter próprios» (Cf. C.I.C., c. 598), não somente no que concerne à observância dos conselhos evangélicos, mas também em tudo que

se relaciona com o estilo de vida de seus membros (Cfr. C.I.C., c. 498,2).

Daí decorrem diversas conseqüências. Levando-se em conta que a formação inicial e permanente, segundo o próprio carisma, está nas mãos do instituto, a formação intercongregacional não pode suprir inteiramente a tarefa da formação permanente dos seus membros. Esta deve estar impregnada, em muitos aspectos, das características próprias do carisma de cada um dos institutos. Cada um deve, portanto, promover e organizar diversos tipos de formação especial, para o melhor cumprimento de seus fins específicos. Com efeito, a fidelidade ao próprio carisma precisa ser aprofundada no conhecimento, cada dia mais apurado, da história do instituto, da sua missão peculiar e do espírito do fundador, acompanhado de um esforço correspondente para encarná-lo na vida pessoal e comunitária (Cf. *Orientações sobre a formação nos institutos religiosos*, 2.2.1990, e 69). Por isso, a formação intercongregacional deverá ser complementar e a serviço de cada instituto, mas não servirá de suplência ou como nivelamento dos distintos carismas.

A segunda conseqüência, derivada da primeira, é que esta rica diversidade de carismas, os frutos próprios com que contribuem para o reino de Deus, se empobreceriam caso fossem nivelá-los por um mesmo padrão, ou uniformizados por causa de finalidades pastorais que se polarizam em torno de um objetivo unilateral.

Deve-se ter isto presente de forma muito especial, com relação aos problemas que, muitas vezes, trazem consigo a chamada inserção da comunidade religiosa em meio popular.

Já notava o documento de Puebla, que a opção preferencial pelos pobres tem sido um fator muito expressivo na vida religiosa latino-americana durante os últimos tempos (Cfr. *Conclusões de Puebla*, 721-766). Esta opção preferencial pelos pobres, que nunca é exclusiva nem excludente, levou, de fato, muitos religiosos e religiosas a estarem generosamente «presentes nos bairros de periferia, entre os indígenas, os anciãos e os doentes, nas inúmeras situações de miséria que a América Latina (e, conseqüentemente o Brasil) vive e sofre, como são as novas pobreza que afetam sobretudo os jovens, desde o alcoolismo até a droga» (*Carta Apostólica*, 29.6.1990, 19).

Neste sentido, as pequenas comunidades religiosas inseridas em meio popular podem ser, e na realidade o são muitas vezes, uma expressão significativa desta «opção pelos pobres».

Mas é de suma importância saber que essa presença, para estar de acordo com os designios do coração de Cristo, deve ser vivida em perfeita harmonia com o espírito dos fundadores de cada instituto e com as características próprias da vida consagrada.

Propor a todas as famílias religiosas um só modelo de vida e missão, inserido nos meios populares, seria esquecer a importância insubstituível da ação que muitas religiosas, em consonância com o seu carisma peculiar, devem desenvolver nos diversos ambientes sociais.

As religiosas que, pela índole e fins próprios de seus institutos, trabalham nestes ambientes, fiquem certas de que são um foco de evangelização muito necessário, e estão prestando um grande serviço à causa de Cristo na sociedade, considerada como um todo orgânico.

Naturalmente, esta vossa ação diferencia-se substancialmente da que compete aos leigos, por sua própria vocação. Nunca será uma imitação da mesma, pois isso descaracterizaria a essência da vossa vocação religiosa.

Quanto às religiosas que, sempre de acordo com o carisma do seu instituto e com a legítima indicação da autoridade correspondente, se inseriram nos meios populares, compartilhando a vida e os trabalhos dos mais pobres, fiquem certas de que serão operárias eficazes do Evangelho na medida em que preservarem sua identidade como consagrada.

É, sem dúvida, muito louvável o esforço generoso e a boa intenção com que ajudam as populações carentes, muitas vezes abandonadas à própria sorte. Porém é necessário que essas pequenas comunidades observem certos critérios, que assegurem sua autenticidade religiosa. Entre eles: a garantia de que possam viver em comunidade, de acordo com as características de cada instituto, a vida de oração, comunitária e pessoal, que exige na comunidade os tempos e os lugares de silêncio; a completa disponibilidade para obedecer às exigências das superiores do instituto; uma atividade apostólica que corresponda, antes de

tudo, não a uma escolha pessoal, mas a uma opção do instituto, em harmonia com o carisma e com a pastoral diocesana, da qual o bispo é o primeiro responsável (Cf. *Orientações sobre a formação nos institutos religiosos*, 2.2.1990, 28).

Enfim, qualquer que for o trabalho a que vos dedicais, não poderá nunca diminuir, de qualquer forma, a vida de oração contínua, como diz o Senhor: «convém orar sempre e não desfalecer» (Lc 18.1). A vida religiosa exige que se harmonize, em uma forte unidade, o tempo dedicado à intimidade com Deus e o tempo consagrado às diversas atividades.

Com grande alegria quero recordar agora a recomendação que fiz aos bispos brasileiros do Regional Norte-Um, na sua visita *ad limina*, quando lhes pedia «a promoção e acompanhamentos dos institutos de vida contemplativa, cuja presença na Igreja se torna tanto mais importante quanto são maiores as necessidades pastorais do povo» (*Discurso*, 21.5.1990).

Caríssimas religiosas contemplativas, o Papa vos assegura que sois um grande tesouro da Igreja. Sem vossa amorosa imolação, sem vossa intercessão continuada, sem vosso alegre sacrifício, o trabalho da Igreja se veria privado de uma das maiores fontes de energia. Estais no próprio coração da Igreja. Sois como um motor oculto que lhe fornece energia para sua atividade fecunda. Perseverai na vossa função indispensável de orar, contribuindo para que a ação do espírito vivifique todo o organismo eclesial.

Meditai, queridas filhas, nesta dupla fidelidade que o Papa vos recorda, que Deus vos pede. Não duvideis de que dela dependem a incomparável eficácia de vossa vocação e missão na Igreja. Esta fidelidade será sempre vosso ponto de referência para qualquer renovação, para toda e qualquer «reciclagem», que procure, de modo autêntico, a verdadeira vitalidade da vida religiosa.

Termino este encontro agradecendo a Deus, mais uma vez, o dom de vossa vida consagrada, que enriquece de modo singular a Igreja toda. E peço, ao mesmo tempo, que a nova evangelização almejada por todos, seja vitalizada por uma nova floração de autênticas vocações religiosas no Brasil.

De todo coração abenço a todas as famílias religiosas, todas e cada uma de vós, confiando-vos aos cuidados maternos da sempre Virgem Maria, Nossa Senhora Aparecida.

*Saudação pronunciada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante encontro com as religiosas,
na Associação Sesc,
em Florianópolis, Santa Catarina,
no dia 18 de outubro de 1991.*

Homilia em Vitória, Espírito Santo

«Pedro, colocando-se de pé, na companhia dos 11, com voz forte» (At 2,14).

As leituras da liturgia de hoje nos conduzem às portas do cenáculo de Jerusalém, no Dia de Pentecostes. Pedro toma a palavra: «Homens da Judéia e vós todos que habitais em Jerusalém... Que toda a casa de Israel saiba, portanto, com a maior certeza, que este Jesus, que vós crucificastes, Deus o constituiu Senhor e Cristo» (At 2,14.36).

Na ressurreição de Cristo, Deus revelou que ele é o Messias, o «ungido» com a plenitude do Espírito Santo. NEle se cumpriram plenamente as promessas feitas na antiga aliança a Abraão, e transmitidas através de Moisés e dos profetas.

É Ele que vem ao mundo como luz: «Deus de Deus, luz da luz» (credo).

Às portas do cenáculo de Jerusalém, a Igreja começou sua evangelização, que deve chegar até os mais distantes confins da terra. Os apóstolos e seus sucessores levarão a luz, que é Cristo, a todos os homens, a todos os povos e a todas as nações.

Queridos irmãos e irmãs deste Estado do Espírito Santo e todos que aqui vieram do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, do Sul da Bahia e de outros lugares! O Papa se sente feliz no dia

de hoje. Veio ele conhecer uma das mais antigas comunidades na história da Igreja no Brasil. Começou ela, de fato, em 1541 com a chegada a esta terra do padre diocesano, Francisco da Luz, primeiro e zeloso pastor da recém-fundada Paróquia de Nossa Senhora da Vitória. Esta comunidade foi santificada pela presença do beato José de Anchieta que passou neste estado os últimos anos de sua vida missionária e faleceu no final do século XVI na aldeia indígena de Reritiba, que é hoje a cidade que leva o seu nome. Aqui viveu, na mesma época, o homem de Deus, frei Pedro Palácios, o virtuoso irmão leigo capuchinho, catequista e eremita, cuja ermida branca, no alto do rochedo, é hoje o Santuário de Nossa Senhora da Penha, padroeira deste estado.

Cristo é a luz do mundo. «Quem me vê, vê aquele que me enviou» (Jo 12,45). Cristo, o verbo eterno, é o Filho consubstancial ao Pai e imagem do Pai, é Deus de Deus. Ele diz: Quem crê em mim, não é em mim que crê, mas naquele que me enviou (Jo 12,44). «O próprio Pai... me ordenou o que devo dizer e falar... As coisas, pois, que eu digo, digo-as como meu Pai me disse» (Jo 12, 49-50).

Pedro e os apóstolos, às portas do cenáculo de Jerusalém, começam a anunciar a palavra recebida de Cristo, a palavra que vem do Pai. Esta palavra é a boa nova, ou seja, o Evangelho. É a verdade sobre a salvação eterna do homem em Deus. Cristo diz: «Não vim para condenar o mundo, mas para salvá-lo»... «Eu vim ao mundo como uma luz para que todo o que crê em mim não permaneça nas trevas» (Jo 12, 47.46).

Os que escutavam a Pedro no Dia de Pentecostes, depois de ter ouvido a verdade sobre Cristo, converteram-se e fizeram-se batizar. Da palavra sobre a verdade evangélica, nasceu a Igreja como comunidade de batizados no Espírito Santo.

Como aqueles primeiros que se aproximaram de São Pedro no Dia de Pentecostes, também nós fomos batizados. E através do batismo, Deus, nosso Pai, tomou posse de nossas vidas, incorporou-nos à Vida de Cristo e mandou-nos o Espírito Santo. O Senhor, diz a sagrada escritura, salvou-nos fazendo-nos renascer pelo batismo, renovando-nos pelo Espírito Santo, que Ele derramou copiosamente sobre nós por Jesus Cristo salvador

nosso, para que, justificados pela graça, cheguemos a ser herdeiros da vida eterna conforme a esperança que possuímos» (Tit 3, 5-7).

Quando o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos, no Dia de Pentecostes, entre eles estava a Mãe de Cristo. Juntos a eles, preservava Ela em oração desde o dia em que Cristo, tendo partido para o Pai, ordenou-lhes que esperassem juntos o consolador.

Ela mesma já tinha recebido o Espírito Santo no instante da Anunciação: «O Espírito Santo descerá sobre ti, e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso o santo, que há de nascer de Ti, será chamado o Filho de Deus» (Lc 1,35). Graças ao Espírito Santo, a Virgem de Nazaré concebeu e deu à luz o verbo eterno. Aquele que é a luz do mundo. DEla recebeu a humanidade. Tornou-se o Filho do homem. Ela lhe deu a vida humana, para que, como homem verdadeiro, Cristo viesse a ser a fonte da luz e da vida para todos os povos, para todos nós.

Não pensemos, porém, que Maria Santíssima tenha assumido um papel meramente passivo na redenção da humanidade. Desde o início de sua vocação de mãe, em todos os momentos, a Virgem Santíssima participou de forma central, não marginal, do papel messiânico de Seu Filho.

Todos conhecemos como em Caná da Galiléia, quando os discípulos já começavam a acompanhar o mestre, Maria fora também convidada àquela festa de casamento. Ali, Jesus converte a água em vinho, após um delicado aviso de Sua Mãe, ao constatar a dificuldade em que se encontravam os donos da festa.

«Maria põe-se de permeio entre seu Filho e os homens, na realidade das suas privações, das suas indigências e dos seus sofrimentos. Põe-se de «permeio», isto é, faz-se mediadora, não como uma estranha, mas na sua posição de mãe, consciente de que, como tal, pode, ou antes, «tem o direito de» fazer presente ao Filho as necessidades dos homens... E não é tudo. Como mãe, deseja também que se manifeste o poder messiânico do Filho, ou seja, seu poder salvífico que se destina a socorrer às desventuras humanas, a libertar o homem do mal que, sob di-

versas formas e diversas proporções, faz sentir o peso em sua vida» (*encíclica Redemptoris Mater* n. 21).

Ela é a consoladora dos aflitos: dos que sofrem todas as formas de violência, dos que são oprimidos pelas injustiças ofensivas à dignidade humana, a tortura, os seqüestros, os atentados à vida dos mais indefesos e doentes e a das crianças por nascer. Ela é o auxílio dos cristãos que clamam por uma mais justa e séria distribuição dos bens que Deus entregou a todos os homens, a terra ainda repartida entre poucos, a natureza, que está à disposição da humanidade, agredida irracionalmente.

Assim é que a mãe de Deus acha-se no início mesmo da evangelização, e sua presença no cenáculo, no Dia de Pentecostes, confirma-o plenamente. Aos pés da cruz, a mãe do redentor torna-se a mãe dos redimidos, e no Dia de Pentecostes a mãe da Igreja.

É muito significativo que a Igreja tenha nascido no Dia de Pentecostes, quando os discípulos e as santas mulheres estavam reunidos, em união de coração e de prece — com Maria, a mãe de Jesus (*At* 1, 14). Onde estavam os discípulos de Cristo, e os que escutaram seus ensinamentos e foram batizados, que «perseveravam na doutrina dos apóstolos, nas reuniões comuns, na fração do pão (eucarístico) e nas orações» (*Cf. At* 2,42), a mãe de Deus é para eles unidade do Espírito Santo. Esta união é particularmente expressiva e cheia de frutos salutares para a evangelização da Igreja. Onde está Maria — «a serva do Senhor» — ali se encontra a mesma Igreja que se manifesta mais plenamente como mãe virginal das almas e serva da vida divina e da luz divina no meio dos homens (*Cfr. Cons. Apos. Lumen gentium* n. 64).

A imagem quinhentista de Nossa Senhora da Penha que nos acompanha nesta celebração eucarística evoca-nos aquela «mulher vestida de sol... e uma coroa de 12 estrelas sobre a cabeça» (*Apoc* 12, 1-2) contemplada por São João. Nossa mãe é rainha. Rainha de todos os homens, dos filhos de Deus e irmãos de Jesus Cristo, até o fim dos séculos. Ela está agora na glória do céu, junto da trindade santíssima. E junto de Deus Ela contempla, na luz da glória divina, todos e cada um dos seus filhos, em todos e cada um dos momentos da sua existên-

cia, e olha para eles: nas horas de alegria e de dor, nos transe difíceis, nos tempos de solidão, nas suas quedas e em seu levantar... Não há um passo de nossa vida, não há um latejar de nosso coração, que não esteja sendo acompanhado amorosamente pelo coração de Maria.

Queremos pedir a Maria Santíssima que reine também em nossos corações, e no coração de todos os homens. Em primeiro lugar, em toda essa arquidiocese abençoando e dirigindo maternalmente os planos pastorais do senhor Arcebispo, o querido irmão dom Silvestre Luis Scandian e dos bispos desta província eclesiástica, em união com seus sacerdotes, com os leigos, as religiosas e os religiosos comprometidos com a Igreja na aurora de uma «nova evangelização». Pedimos também pelas autoridades e magistrados em nível nacional, estadual e municipal, para que saibam velar cada vez mais pelo bem comum de cada cidadão, comprometidos com a causa da justiça, para que os que têm fome e sede de justiça, sejam saciados (Cf. Mt 5,6).

Amadíssimos filhos e filhas, coloquemos estes propósitos nas mãos do beato José de Anchieta. Este apóstolo do Brasil, que se consagrou inteiramente à causa do Evangelho, a quem tanto venerais, sirva de modelo e de estímulo para que possais colocar vossas melhores energias a serviço da Igreja, nossa mãe.

Que o Espírito Santo ilumine este estado do Brasil, que leva Seu mesmo nome, dirigindo os passos de seus filhos e filhas em direção ao porto definitivo, o reino dos céus.

*Homilia pronunciada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante missa celebrada
no Aterro do Conduza,
em Vitória, Espírito Santo,
no dia 19 de outubro de 1991.*

Ato de Consagração à Virgem Maria

Maria,

Mãe do autor da vida, Jesus Cristo,
representada de mil maneiras pelos artistas,
venerada pela Igreja sob tantos títulos,
e, neste solo capixaba, com o nome querido de Virgem da
Penha:

Nós cremos que estais no céu, junto de Deus trino,
intercedendo em favor da humanidade,
pois fostes ouvinte fiel da sua palavra
e vos tornastes serva do Senhor na fé.

Hoje, Maria, voltam-se para vós os olhos dos irmãos de Cristo,
vosso Filho, presentes em todo o Brasil.
Sabemos que rogais por esses vossos filhos,
provados por tantos sofrimentos.
Sabemos que lembrais ao Senhor nossas crianças, os jovens,
os velhinhos, todas as famílias e comunidades;
os que trabalham pelos direitos humanos e pela vida;
os nossos governantes e os construtores da sociedade;
sabemos que lembrais ao Senhor sobretudo os pobres e doentes,
os que sentem o peso do pecado, os afastados de Deus.

Por isso, ó Virgem da Penha, diante da vossa bela imagem,
nós vimos reafirmar-vos nossa devoção e amor,
consagrar-vos nossas vidas,
confiar-vos a nova evangelização
que desejamos realizar com renovado ardor missionário,
semeando luz e esperança nas diferentes culturas,
para a glória do Pai e do Filho na unidade do Espírito Santo.
Amém.

*Ato de consagração à Virgem Maria, celebrado por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
no Aterro da Conduza, em Vitória, Espírito Santo,
no dia 19 de outubro de 1991.*

Encontro com os Favelados

Queridos irmãos e irmãs,

Quero confidenciar-lhes que este encontro com os moradores da favela de São Pedro é um momento que eu aguardava com carinho todo especial, desde que comecei minha segunda viagem pastoral ao Brasil.

Vocês, favelados, estão muito perto do coração do Papa, porque estão muito perto do coração de Cristo. Os pobres são os prediletos de Deus, e a eles Jesus dedicou um amor de preferência, que a Igreja deseja imitar.

Vocês estão também muito perto do coração do Papa, porque é sobretudo pelos pobres, com os quais se identifica, que Jesus quer ser amado. (Cf. *Mt 25, 40-45*).

No rosto dos que sofrem, sob o peso das carências espirituais, afetivas e materiais, a Igreja reconhece o rosto do próprio Cristo. Foram os bispos latino-americanos que o recordaram em Puebla: rostos de crianças, golpeadas pela pobreza ainda antes de nascer, crianças abandonadas e muitas vezes exploradas; rostos de jovens desorientados por não encontrarem seu lugar na sociedade, frustrados por falta de capacitação e de emprego; rostos de trabalhadores freqüentemente mal retribuídos ou com dificuldade para se organizarem e defenderem os seus direitos; rostos dos subempregados e desempregados, despedidos por causa das duras exigências das crises econômicas; rostos das

mães de família, angustiadas por não terem os meios para sustentar e educar os filhos; rostos dos mendigos e marginalizados; rostos dos anciãos desamparados e esquecidos (Cf. *Puebla*, 31-39; João Paulo II: *Homilia* em Chalco, México, 7.5.1990).

Contemplando as imensas multidões deste querido Brasil, que levam em si os traços dolorosos de Cristo, vêm-me ao pensamento as palavras de Jesus: «tudo o que fizestes a um destes meus irmãos mais pequenimos, foi a mim que o fizeste» (*Mt* 25, 40).

A Igreja quer servir aos pobres no espírito do Evangelho e, por isso, nunca deixou de se esforçar por aliviá-los, defendê-los e libertá-los, através de inúmeras iniciativas e obras de beneficência, que continuam a ser, sempre e por toda a parte, indispensáveis (Cf. *Libertatis conscientia*, n.68).

Ao mesmo tempo, dentro de uma perspectiva mais ampla, a Igreja tem colaborado e colabora sem descanso para que sejam sanadas na sua raiz as causas da pobreza e da miséria, por meio de sua doutrina social, que ela se esforça para que seja levada à prática, orientando as consciências e incentivando profundas reformas na organização da sociedade, a fim de que todos possam alcançar condições de vida que sejam dignas da pessoa humana (*ibid.*).

Quando Jesus chamou bem-aventurados os pobres em espírito (Cf. *Mt* 5,3), anunciava uma felicidade, baseada no amor, que Ele queria implantar em cada coração humano. Referia-se a um espírito de pobreza e de desprendimento que, em qualquer situação de vida, é feito de desapego, de confiança em Deus, de fé na verdadeira riqueza, que se encontra na comunhão com Deus, de sobriedade e de disposição para a partilha (Cf. *ibid.* n. 66).

Quantas vezes vocês, queridos irmãos favelados, os que sofrem de maiores carências, não são um exemplo maravilhoso desse espírito cristão! Vejo-os a ajudar, a partilhar o pouco que têm, a acolher uma criança abandonada, a unir seus esforços, como nos «mutirões», para solucionar os problemas de moradia, ou para organizar e encaminhar, sem ódio nem violência, que são incompatíveis com o espírito cristão, suas justas reivindicações.

Mas bem diferente desta pobreza, que Cristo proclamava bem-aventurada, é outra pobreza, que afeta uma multidão de irmãos nossos e dificulta seu desenvolvimento integral como pessoas. Frente a esta pobreza, que é carência e privação dos bens materiais necessários, a Igreja ergue a sua voz, convocando e suscitando a solidariedade de todos para a debelar (Cf. *Homilia* em Chalco, México, 7.5.1990).

A Igreja é a promotora da civilização do amor. Não pode deixar de falar quando, nas multidões empobrecidas, percebe os sinais de uma civilização do egoísmo.

É por isso que se sente no dever de declarar injustas, como já o fazia, há cem anos, o Papa Leão XIII, «a acumulação da riqueza nas mãos de poucos, ao lado da miséria de muitos» (*Rerum novarum*, n.97 e *Centesimus annus*, n.5), o escândalo da ostentação e do luxo, ao lado do sofrimento causado pela falta dos bens mais indispensáveis.

Todas as situações de injustiça social, antes de mais nada, são «o fruto, a acumulação e a concentração de muitos pecados pessoais. Trata-se dos pecados muito pessoais de quem gera ou favorece a iniquidade ou a desfruta, de quem, podendo fazer alguma coisa para a evitar ou eliminar, ou pelo menos limitar certos males sociais, deixar de o fazer por preguiça, por medo e conivência, por cumplicidade disfarçada ou indiferença» (*Reconciliatio et paenitentia*, n.16).

Por isso, a Igreja sabe, e prega, que toda e qualquer transformação social tem que passar necessariamente pela conversão dos corações. Esta é a primeira e principal missão da Igreja.

Mas a civilização do amor pressupõe necessariamente a prática da justiça. «O amor aos homens, e em primeiro lugar, ao pobre, no qual a Igreja vê Cristo, concretiza-se na promoção da justiça» (*Centesimus annus*, n.58).

É preciso um forte despertar da consciência moral de todos os homens deste País, que os torne sensíveis às exigências da justiça e os faça corresponder efetivamente a elas.

Diante de vocês, queridos irmãos e irmãs da favela de São Pedro, quero renovar meu apelo a todos os protagonistas da vida econômico-social do Brasil, trabalhadores, empresários e go-

vernantes, para que conjuguem seus esforços, solidariamente, na promoção de reformas corajosas e profundas, que possam conduzir quanto antes à superação das injustas desigualdades que afligem o povo desta amada Nação.

A doutrina social católica repudiou sempre a organização da sociedade baseada num determinado modelo de capitalismo liberal, justamente qualificado de «capitalismo selvagem», que tem como notas dominantes a procura desenfreada do lucro, unida ao desrespeito pelo valor primordial do trabalho e pela dignidade do trabalhador. Esta procura não raro é «acompanhada pela corrupção dos poderes públicos e pela difusão de fontes impróprias de enriquecimento e de lucros fáceis, fundados em atividades ilegais». É um sistema econômico-social que faz da ganância um fim absoluto e degrada o trabalho humano com uma iníqua exploração (Cf. *Centesimus annus*, ns.33 e 48).

Repudiou, igualmente, a Igreja as soluções perversas de coletivismo marxista, que asfixia a liberdade, sufoca a iniciativa, reduz a pessoa humana à condição de simples peça de uma engrenagem, fomenta o ódio e acaba no empobrecimento, que pretendia superar, e nas mais degradantes escravidões. A recente experiência do Leste europeu é bastante eloqüente neste sentido.

É na fidelidade a Cristo, seu fundador, que a Igreja, sem propor modelos concretos de organização político-social, oferece, «como orientação ideal indispensável, a sua doutrina social» (*Centesimus annus*, n.43).

À luz do Evangelho, a Igreja exorta os trabalhadores à prática da solidariedade na sua «luta pela justiça social» (*ibid*, n.14), isto é, a unirem seus esforços, sem violências gratuitas ou ideológicas, e abertos ao entendimento, determinados a conquistar a garantia de trabalho, o salário suficiente para a vida da família, a solução dos problemas de moradia e de educação, o seguro social para a velhice, a doença e o desemprego.

À luz do Evangelho, a Igreja recorda aos empresários a grave responsabilidade que lhes cabe de criar nas empresas, verdadeiras «comunidades de trabalho», em que o próprio trabalho ocupe uma «posição central», sem jamais ver-se reduzido «ao nível de simples mercadoria» (*ibid*, n.32, 33 e 34). Nunca se

pode esquecer que, se a doutrina da Igreja reconhece o valor da livre iniciativa, como uma das notas propulsoras do progresso social, não deixa de lembrar vivamente que, sobre toda propriedade, pesa uma «hipoteca social». «O uso das coisas, confiado à liberdade do homem, está subordinado ao seu originário destino comum de bens criados, (*ibid*, n. 30 e 31).

À luz do Evangelho, a Igreja dirige um forte apelo moral aos poderes públicos, e afirma que «é estrito dever de justiça e de verdade impedir que necessidades humanas fundamentais permaneçam insatisfeitas e que pareçam os homens por elas oprimidos» (*ibid*, n.34). Neste sentido, reafirma o «princípio de subsidiariedade», que justifica e, em muitos casos reclama, a oportuna intervenção do Estado para que, sem ampliar além dos limites necessários essa intervenção, se criem as condições que garantam oportunidade de trabalho, justa remuneração e atendimento a todos os direitos e necessidades dos trabalhadores (Cf. *ibid*, n.48).

É ainda à luz do Evangelho que a Igreja lança também seu apelo à cooperação internacional. «É necessário que as nações mais fortes saibam oferecer às mais débeis ocasiões de inserção na vida internacional, e que as mais débeis saibam aproveitar essas ocasiões, realizando os esforços e sacrifícios necessários, assegurando a estabilidade do quadro político e econômico, a certeza de perspectivas para o futuro, o crescimento da capacidade dos próprios trabalhadores, a formação de empresários eficientes e conscientes das suas responsabilidades. (Cf. *Laborem exercens*, 594-598 e *Centesimus annus*, n.35). Dentro deste quadro de cooperação internacional, como afirmava recentemente, «não se pode pretender que as dívidas contraídas sejam pagas com sacrifícios insuportáveis», mas é necessário encontrar soluções «compatíveis com o direito fundamental dos povos à subsistência e ao progresso» (Cf. *Centesimus annus*, n.35).

Queridos favelados do «Lixão de São Pedro». O Papa, o sucessor de Pedro, quis ser entre vocês o porta-voz da mensagem de amor e de justiça do nosso salvador, Jesus Cristo. Ele não se esquecerá das palavras de acolhida da professora Maria das Graças Andreatta e Silva, falando em nome de todos os que

moram aqui, para transmitir aquilo que cada habitante, homem, mulher ou criança o faria, se pudessem. Muito obrigado! Muito obrigado a todos, que viveis nos bairros Nova Palestina, Conquista, Nossa Senhora das Graças e Resistência! O Papa vos abraça e quer acrescentar.

A Igreja é mensageira do «Deus da esperança» (Rom, 15,13). Por isso, ela lhes pede que abram seus corações a Deus. «Abram as portas a Cristo!», que quer caminhar com vocês, tornando santa e fecunda a cruz que carregam. Só em Cristo se encontra a luz e a vida. Nenhum bem humano, por mais necessário que seja, poderá jamais preencher o vazio que deixa na alma a carência de Deus. Só quando encontramos Cristo, como nosso maior tesouro (Cf. Mt 13,34), é que podemos compartilhar o seu amor, «dar a vida» pelos nossos irmãos (Cf. Jo, 15,34), e colaborar com Ele na construção de seu «reino de verdade e de vida, de santidade e de graça, de justiça, de amor e de paz» (prefácio da solenidade de Cristo rei).

Que o Deus do amor e da paz os abençoe, como eu, em Seu nome, os abençoe de todo o coração.

*Saudação pronunciada por Sua
Santidade o Papa João Paulo II,
durante o encontro com os moradores
da Favela do Lixão de São Pedro,
em Vitória, Espírito Santo,
no dia 19 de outubro de 1991.*

Celebração da Palavra em Maceió, Alagoas

«Ide vós também, para a minha vinha» (Mt 20,4).

Assim fala no Evangelho o dono da vinha, aos operários que ele contrata para trabalhar em distintas horas do dia. Assim fala também, desde o início da história do homem sobre a terra o Deus criador, o dono absoluto do universo: «Crescei e multiplicai-vos, enchei a terra e dominai-a» (Gên. 1,28). Esta frase do livro de Gênesis indica as diretrizes essenciais da vocação do homem sobre a terra: **família e trabalho**. De fato, todos os homens e mulheres devem nascer e crescer numa família, que encontra o sustento no trabalho de seus membros.

«Ide trabalhar!» fala o divino Senhor às gerações sempre novas, nas diversas horas da história e nos mais variados lugares em que habita o ser humano. Também aqui, neste grande e vasto País, Pátria de tantas gerações do passado, do futuro e de hoje, Ele repete: «Ide vós também, para a minha vinha». A todos, Ele insiste: «Ide trabalhar na minha vinha».

O trabalho, a vocação ao trabalho, é a vocação de todos os homens. O homem deve tomar parte na obra criadora de Deus, deve completá-la de modo criativo, transformando a natureza na medida das suas necessidades e dos seus objetivos, «humanizando» a gigantesca matéria do mundo criado, conforme a von-

tade do criador e segundo as leis que Ele deu à criação. O homem criado à imagem e semelhança de Deus, deve exprimir esta semelhança através do trabalho e de sua inteligência. A glória de Deus é o homem vivo» (S. Ireneu, Adv. Haer IV, 20,7: PG 7, 1057). Toda a criação visível, todo o mundo material convoca o homem para glorificar o criador cumprindo a tarefa que Ele lhe confiou: ide trabalhar na minha vinha!

Entramos assim no tema que trouxe hoje aqui, em que se unem dois tópicos de importância capital para o homem: o trabalho e a moradia. O trabalho humano deve revestir-se de amor sobretudo naquele pequeno espaço vital, no qual os homens vivem em comum como família: o casal e os filhos. Existe uma estreita ligação entre o trabalho e a casa. O homem mora, para trabalhar. Mas também, o homem trabalha para morar, para alcançar as condições de revestir pelo amor sua vida no lar.

O Concílio Vaticano II, afirmou que «com o seu trabalho, ordinariamente, o homem sustenta-se a si e à família, associa-se aos seus irmãos e presta-lhes serviços, pode exercer a verdadeira caridade e cooperar no aperfeiçoamento da criação divina» (Cons. *Gaudium et spes*, n.67). Estas condições ideais, conferem ao trabalho humano tal valor e dignidade, que o tornam capaz de assemelhar-se àquele que o mesmo Cristo desempenhou na Sua humilde casa de Nazaré. O Senhor nos ensinou o sentido profundo desta verdade, hoje, sem dúvida, patrimônio comum da nossa fé, e o concílio promulgou-a definitivamente, conclamando a todos à santidade no meio do mundo através do próprio trabalho. Por que, então, isso parece, às vezes um sonho irrealizável, uma utopia?

Pensemos nas dificuldades do trabalhador rural que passa por grandes apuros e incompreensões devido ao descumprimento das leis sociais, por parte dos proprietários das terras. Abandonados e sem o apoio daqueles, que por justiça, deveriam auxiliá-los, a grande maioria dos pobres que trabalham no campo, carece de condições adequadas para fazer crescer, no próprio lar, aquela esperança de uma vida melhor e mais digna. A vida do trabalhador urbano, não se distingue em muito da dos outros trabalhadores. O êxodo rural para as grandes cidades, com o aumento assustador das favelas, sem o devido atendi-

mento hospitalar e de educação, a dificuldade de emprego estável e os baixos salários, são problemas comuns que nos desafiam e mostram um completo desconhecimento do sentido cristão da vida. E os desocupados, os menores abandonados, vítimas prematuras do vício das drogas que lhes reserva morte cruel e implacável!!

Queridos irmãos, será possível que ainda hoje se repita aquele grito do rei Davi em seu cativeiro?: «Não há quem cuide de mim! Não existe para mim refúgio. Ninguém que se interesse por minha vida!» (Sal 141,5). É bem verdade, que existem exemplos de cidadãos, homens e mulheres, dispostos, tanto no campo como na cidade, a não deixar desamparados seus irmãos que vivem na pobreza, sem trabalho e sem teto. Certamente, Deus Nosso Senhor os recompensará por sua sensibilidade pelos problemas dos seus semelhantes, solidarizando-se, através de medidas concretas, não poupando esforços para a promoção social na cidade e no campo, dos trabalhadores e suas famílias.

Não, caros brasileiros, não é uma utopia!

Deus quer que os homens vivam com irmãos!

Permiti-me insistir no tema da Campanha da Fraternidade proposto pelo Episcopado brasileiro para este ano: Solidários na dignidade do trabalho! Na mensagem transmitida pela televisão, dizia a todos que «o homem deve procurar encarar seu trabalho, não só como instrumento indispensável para o progresso da sociedade e meio mais eficaz para o relacionamento humano, mas também como sinal do amor de Deus pelas suas criaturas e do amor dos homens entre si e com Deus». Mas como isso acontecerá se não houver doação mútua, generosidade, solidariedade?

Quando se pensa que todos têm o direito a alcançar os bens necessários para uma vida digna e atingir o seu fim proposto por Deus, compreende-se a angústia, e mesmo a impaciência, de muitos cidadãos de vosso País que não se conformam com a injustiça pessoal e social em tantos setores da sociedade. Todos estão exigindo que se faça justiça e se cumpra o direito, que os bens da terra sejam repartidos e que as vidas humanas sejam respeitadas. Elas são santas, porque vêm de Deus, e não podem ser tratadas como simples coisas, através das inú-

meras formas de intolerância e de discriminação. Todos clamam por moradia digna, por condições de trabalho protegidas por leis justas e efetivamente cumpridas, por uma política de saneamento eficaz, um atendimento hospitalar e um amparo à velhice justo e responsável. Os cristãos, como exigência de sua fé e de sua fidelidade a Cristo, que nos faz ver seu rosto divino no pobre, no faminto, no homem da rua ou no prisioneiro, devemos ser os primeiros nesta missão. Ela não possui motivações ideológicas ou políticas. Ela é a expressão de nosso amor e serviço a Cristo em nossos irmãos.

Somente assim a família brasileira poderá ser essa «igreja doméstica», onde a paz e a harmonia reinarão, tornando-se o berço de uma sociedade cristã.

Queridos irmãos e irmãs de Alagoas e do Brasil!

De vossa bela terra que deu tantos filhos ilustres à Pátria, quero elevar a Deus minha prece pelo homem brasileiro que precisa de trabalho e de teto. Deus ilumine a todos, de modo especial aos que conduzem os destinos do País, do senhor presidente da República, aqui presente, à autoridade pública de menor posição, para que encontrem caminhos sábios e eficazes na solução dos problemas de trabalho e de moradia. Um País tão jovem precisa cada ano de ver crescer os postos de trabalho. Um País de tal expressão demográfica, necessita com urgência de uma política habitacional inteligente, baseada no fato evidente de que a casa não é algo mais, mas um componente fundamental de qualquer política autêntica!

Agradeço ao querido irmão no Episcopado, dom Edvaldo Gonçalves Amaral e a todos os bispos aqui presentes a acolhida fraterna ao bispo de Roma e sucessor do príncipe dos apóstolos. Felicito a arquidiocese de Maceió, por ocasião do 90º aniversário de sua instalação, com a posse do primeiro bispo de Alagoas, dom Antônio Brandão. Possa a continuidade da obra de exímios pastores constituir um estímulo aos meus irmãos para prosseguir no caminho por eles empreendido.

Esta celebração da palavra tem como cenário este conjunto habitacional que recebeu o nome tão sugestivo de «Virgem dos Pobres». O Papa está feliz de estar em vosso meio, queridos filhos e filhas que aqui morais. O nome do vosso bairro me traz

à lembrança uma presença permanente na minha vida e meu ministério: a Virgem Maria! Que Ela, a quem nesta cidade venerais de modo especial com a invocação Nossa Senhora dos Prazeres, vos abençoe a todos! Ela, a esposa de José, o carpinteiro de Nazaré; a mãe de Jesus, proteja a todos os trabalhadores de Alagoas e do Brasil!

Ela, que não encontrou casa onde pudesse dar à luz seu filho Jesus, não permita que continue faltando a moradia digna para as famílias brasileiras. Ela vos faça sempre sentir sua proteção materna! Por isso, por sua intercessão materna, abençoe a todos os que estão comprometidos com a causa do Evangelho de Cristo nesta diocese, leigos, sacerdotes, religiosas e religiosos, diáconos e os seminaristas esperanças da Igreja de Alagoas. Desejo, enfim, que esta bênção recaia sobre todas as autoridades aqui presentes, especialmente para o senhor Presidente da República, a fim de que Deus lhe dê a força necessária para servir ao povo brasileiro.

Deus vos abençoe a todos!

«No fim da tarde o dono da vinha disse ao administrador: Chama os operários e paga-lhes o salário começando pelos últimos até os primeiros» (Mt 20,8).

A parábola dos operários da vinha tem como tema o trabalho humano, que conforme os princípios da justiça requer um pagamento adequado. Mas, ao mesmo tempo, esta parábola apresenta a imagem do conjunto da vida humana sobre a terra. A vida do homem no seu conjunto orienta-se para a justiça definitiva, que é superior à da terra. Nós cremos, e esta é uma das verdades fundamentais da fé, que Deus premia o bem e castiga o mal. O critério para entrar na glória do seu reino é o serviço ao irmão necessitado, presença viva de Cristo entre nós, no amor e na justiça (Cfr. Mt 25,31-46).

A parábola do Evangelho confirma esta verdade. Mas ao mesmo tempo, a supera. Assim se explica que os operários da primeira hora reclamassem, porque não receberam salário maior. O que Deus, Senhor da grande vinha da história, quer oferecer-nos, na eternidade do seu reino, supera qualquer proporção com a justiça terrena. O que «nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem entrou no coração do homem, é o que Deus

preparou para aqueles que o amam» (1 Cor 2,9). Este é, sem dúvida, o dom sobrenatural, o dom da participação na vida íntima da Santíssima Trindade, quando veremos a Deus face à face.

Caros irmãos e irmãs, procurai acolher aquela exortação qual que São Paulo dirigia aos colossenses, e que hoje repete para nós: «Tudo o que fizerdes, em palavras ou em obras fazei em nome do Senhor Jesus Cristo, dando graças a Deus Pai» (Col. 3,17).

«Tudo o que fizerdes, fazei-o de boa vontade, como quem o faz para o Senhor e não para os homens, sabendo que recebereis do Senhor a herança (eterna) como recompensa» (Col 3,23).

Sim. Recebereis a herança!

«Servi, portanto a Cristo Senhor»! (Col 3,24).

*Cerimônia da Celebração da Palavra conduzida por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
no Conjunto Virgem dos Pobres,
em Maceió, Alagoas,
no dia 19 de outubro de 1991.*

Encontro com as Crianças

Minhas queridas crianças,

Quantas vezes na minha vida li e ouvi as palavras de Nosso Senhor dizendo que «quem não se fizer parecido às crianças não entrará no reino dos céus» (Mt 18,3), e «quem colocar um obstáculo para uma criança cair, seria melhor ser jogado ao mar» (Mt 18,6). Quando queriam afastar dEle as crianças, Ele reclamou: «Deixem vir a mim as criancinhas» (Mt 19,14).

Por isso eu, que sou discípulo de Jesus e faço as vezes dEle na Igreja, fiquei feliz quando soube que as crianças do Brasil queriam me encontrar. Eu disse: «Deixem que elas venham ao Papa!..».

Estou ainda mais feliz porque são vocês, crianças da Bahia, que hoje se encontram comigo em nome de todas as crianças do Brasil. Digo então a vocês: «Crianças da Bahia, bom-dia! Crianças do Brasil, bom-dia!

Quero dizer-lhes, antes de tudo, que vocês são muito importantes para o Papa. Importantes porque, aqui no Brasil vocês são muitas e formam grande parte da população. Vocês sabiam disto? Importantes porque são o futuro da Nação, importantes porque são também o futuro da Igreja. Vocês sabiam?

O que é bonito em vocês, crianças, é que cada uma olha as outras crianças e dá as mãos, sem fazer diferença de cor, de

condição social, de religião. Vocês dão as mãos umas às outras. Tomara que os grandes fizessem também como vocês e acabassem com toda discriminação. Só assim o mundo poderia encontrar a paz. Vocês querem a paz no mundo? Vocês querem um mundo em paz?

Para serem realmente importantes, vocês precisam de uma família, de pais unidos, de um clima de amor e de paz. É preciso ajudar às crianças que nasceram e estão crescendo fora de uma verdadeira família. Mas é preciso também fazer alguma coisa para que todas as crianças vejam respeitado seu direito de terem pais unidos, irmãos que se amam, uma casa harmoniosa e feliz. Se vocês querem isso levantem a mão direita!

Para serem importantes, vocês precisam de escolas, onde todas, sem exceção, aprendam a ler e a escrever, a fazer as contas e tudo mais que é necessário para crescer na vida. Crianças que já vão à escola, vocês querem ser aplicadas e estudiosas para aprender muito? Vocês querem que as outras, que ainda não vão à escola, tenham boas escolas para estudar?

Para serem importantes, vocês precisam conhecer Jesus Cristo, amá-Lo como seu maior amigo, rezar a Ele todos os dias sem falta. Se vocês querem isso, levantem agora a mão esquerda! Vocês precisam também aprender o catecismo em casa, na escola e na Igreja, preparar-se para a primeira comunhão e para a crisma. Se vocês querem isso, levantem as duas mãos!

Se ser criança é tão importante, então todas as crianças são importantes. Não pode nem deve haver crianças abandonadas. Nem crianças sem lar. Nem meninos e meninas de rua. Não pode nem de haver crianças usadas pelos adultos para a imoralidade, para o tráfico de drogas, para as pequenas e grandes infrações, para a prática do vício. Não pode nem deve haver crianças amontoadas em centros de triagem e casas de correção, onde não conseguem receber uma verdadeira educação. Não pode nem deve haver, é o Papa quem pede e exige em nome de Deus e de seu Filho, que foi criança também, não pode nem deve haver crianças assassinadas, eliminadas sob pretexto de prevenção ao crime, marcadas para morrer! Vocês querem que todas as crianças sejam felizes? Querem uma cidade, um estado, um país, sem crianças abandonadas e meninos e meninas de rua?

Falo agora aos adultos aqui presentes, na companhia de suas crianças, ou que ouvem minhas palavras, desta esplanada do Bonfim para a Bahia e todo o Brasil. Creio que lhes falo em nome e por delegação dessas crianças.

Permitam-me antes de tudo manifestar à sociedade brasileira minha alegria e felicitações por dois eventos. Primeiro pela criação de um Ministério da Criança. Faço votos que este órgão possa encontrar a criatividade e a agilidade necessárias, e os indispensáveis recursos, para levar remédio a todos os problemas que afligem a criança brasileira. Alegria e felicitações, em segundo lugar, pela promulgação, ainda recente, do Estatuto da Criança e do Adolescente. Pude acompanhar, com interesse, sua elaboração. Alegro-me por saber que esse estatuto está em vigor, aprovado pelas duas Casas do Congresso Nacional e, portanto, por um certo consenso de todo o povo brasileiro. Ele não é uma panacéia nem pretende resolver, todos os problemas. Devemos, porém, ter confiança de que, malgrado suas inevitáveis limitações, ele poderá ser útil para uma política social adequada em favor da criança e do adolescente. Faço votos de que ele inspire, em todos os níveis da comunidade brasileira, iniciativas eficazes, visando solucionar os problemas.

No campo da Igreja, minha alegria é constatar o dinamismo, com que estão atuando em todo o País, em grande número de dioceses, a Pastoral da Criança e a Pastoral do Menor. Por isso, as palavras, há pouco proferidas, pela irmã Maria do Rosário do Secretariado da Pastoral do Menor, a quem muito agradeço, atestam este dinamismo que abençoação e estímulo. Distintas nos seus objetivos imediatos e nos seus métodos, estão forçosamente interligadas no serviço que prestam. Com prazer assinalo a criação recente, primeiro em Brasília e agora em Salvador, do Movimento Pró-Vida ao qual desejo e para o qual peço a bênção divina, a fim de que ele seja um instrumento válido e eficaz para diminuir o flagelo do aborto, promover e defender a vida desde a concepção, no ventre materno, até seu fim natural, dar amparo às gestantes e às mães em dificuldade, permitir uma qualidade de vida melhor para as crianças que nascem.

Desejo agora convidar a todos, cada qual no próprio âmbito humano, religioso, profissional, ou político, a assegurar al-

guns fatores capazes de reverter a triste situação de milhões de crianças brasileiras marginalizadas.

Primeiro, a educação básica de boa qualidade, dirigida à criança desde o pré-escolar. A educação da mulher em áreas carentes para que possa cumprir com competência sua missão insubstituível na família e na comunidade.

Segundo a paternidade e maternidade responsáveis, ideal fortemente pregado por meu Predecessor Paulo VI, exclui métodos anticoncepcionais artificiais que não respeitam a dignidade das pessoas e dos casais. Por isso, nas suas iniciativas em favor de um crescimento normal e equilibrado da população, os poderes públicos não têm o direito de promover o aborto, a esterilização em massa, a propaganda indiscriminada de meios artificiais para limitar filhos. O planejamento por métodos naturais, contribui para a educação e o crescimento dos casais, sobretudo nos ambientes mais carentes. A exigência da paternidade e maternidade responsáveis deve ter um amparo legal eficiente. O nascituro tem o direito não só a nascer, mas a nascer fruto do amor responsável e não de uma aventura, a encontrar carinho, dedicação e proteção num lar bem organizado.

Em nome de Cristo, nosso Mestre e Senhor, convoco a todos a trabalhar em favor da criança!

Desculpem-me crianças! Eu precisava dizer umas coisas aos adultos, mas agora volto a falar para vocês. Se não entenderam o que eu disse aos grandes, não faz mal. O importante é que eles entendam! A vocês, quero dizer um coisa muito séria, muito séria mesmo: o Papa ama, de todo coração as crianças do Brasil!

Para mostrar a vocês como o Papa tem amor às crianças do Brasil vou contar-lhes um segredo. Há algumas semanas um generoso benfeitor italiano, deu ao Papa um presente, uma grande quantia de dinheiro para ele aplicar como quisesse. Pensei logo em vocês e resolvi destinar todo o dinheiro às crianças abandonadas do Brasil. Entrego, agora tudo ao Arcebispo Cardinal dom Lucas. Ele ficará encarregado, em meu nome, de distribuir o dinheiro pelas obras da Igreja em todo o Brasil que atendem a essas crianças. E faço isso de todo o coração porque,

imitando a Jesus volto a dizer-lhes: «O Papa tem grande amor pelas crianças!».

Quero ver vocês crescerem felizes! A alegria de vocês, o entusiasmo com que cantam, gritam e rezam, é a maior riqueza e a grande esperança do Brasil. Deus abençoe a todos! Nossa Senhora os proteja.!

Para vocês, meu grande abraço e minha benção!

Viva as crianças da Bahia!

Viva as crianças do Brasil!

Viva as crianças do mundo inteiro!

*Saudação pronunciada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante encontro com crianças
na Baixa do Bonfim,
em Salvador, Bahia,
no dia 20 de outubro de 1991.*

Encontro com o Mundo da Cultura

Nesta Sé da Bahia, um templo tão belo que me recorda a eloquência do grande padre Antônio Vieira — expoente da cultura do Brasil — e a admirável obra educadora dos jesuítas na época colonial, reveste-se de especial significação este encontro com os representantes do mundo da cultura, da ciência, da arte e da empresa. Sois «os construtores da sociedade», como me agrada chamar-vos, porque em vossas mãos está o futuro verdadeiro do País, que é a construção deste povo como nação.

Agradeço as palavras cordiais do professor José Carlos Almeida da Silva, magnífico reitor da Universidade Católica de Salvador, que me saudou em vosso nome. Elas traduziram, de modo claro, as aspirações e necessidades dos homens de cultura do País.

Já estive nesta cidade em minha primeira visita ao Brasil. Voltei hoje e devo dizer-vos que se renovou a impressão tão grata e duradoura que ela me causou há 11 anos. Sua localização maravilhosa, na margem oriental da Baía de Todos os Santos, bordejando depois o Atlântico, reflete algo da infinita beleza do criador e nos convida a louvar sua imensa sabedoria e bondade.

As igrejas coloniais, as modernas construções, testemunhas de mais de quatro séculos da fé e do dinamismo empreendedor do povo baiano, fazem da cidade o encontro entre o melhor da

tradição arquitetônica do barroco luso-brasileiro dos séculos XVII e XVIII, com a presença viva e atuante de um só povo com muitas raças e culturas, determinado a construir solidário seu presente e seu futuro.

Uma indústria e atividade comercial intensa revelam a vontade de desenvolvimento à qual se une a cultura acadêmica e científica, que não se dissocia desta cultura popular viva e vibrante que tanto caracteriza a cidade.

Felicito com efusão a cidade de Salvador da Bahia. Sua história, de quase 450 anos, desde a fundação pela visão geopolítica e inspirada do primeiro governador-geral, Tomé de Sousa e sua realidade presente são um monumento expressivo da capacidade civilizadora do homem nas regiões tropicais.

Este contexto tão estimulante me dá o ensejo de recordar-vos, com minha presença e minha palavra, a grande responsabilidade que tendes na vossa missão humanizadora em relação a esta Nação: a cultura e a evangelização.

A cultura, segundo a *Gaudium et Spes*, é «um estilo comum de vida» que caracteriza um povo e compreende o conjunto dos valores que o animam e dos antivalores que o enfraquecem. É «tudo aquilo, através do qual, o homem apura e desenvolve suas inúmeras qualidades espirituais e corporais, procura submeter o mundo material ao seu domínio pelo conhecimento e o trabalho, torna mais humana a vida social, quer na família, quer na vida civil, e tudo pela via do progresso nos hábitos e instituições» (n. 53).

Embora se fale sempre de um contexto social, não se pode esquecer que o homem como tal é o único sujeito e objeto da cultura. Ele é que se relaciona com o mundo, com os outros homens, com Deus, realizando assim todas as suas potencialidades. «O homem vive uma vida verdadeiramente humana, graças à cultura». Na variedade e riqueza das suas manifestações é ela que torna o homem um ser diferente e superior ao mundo que o cerca. Por isso, «o homem não pode estar fora da cultura» (Discurso à Unesco, junho de 1980).

O reconhecimento da sua condição de «ser diferente e superior» traz ao homem, ao mesmo tempo, uma dupla exigência antropológica e ética. O essencial da cultura se baseia neste fun-

damento, a saber, «na atitude com que um povo afirma ou nega sua vinculação religiosa com Deus». Daí se segue que «a religião ou sua ausência sejam a inspiração dos demais setores da vida cultural, a família, a economia, a política, a arte e outras, na medida em que as abre para um significado último, transcendente, ou as encerra em seu próprio sentido imanente» (Discurso ao mundo da cultura, Chile, 3.4.1987).

Uma visão determinista e estática poderia fazer crer que cada povo já tem definitiva sua cultura e nada poderia modificá-la. Entretanto, a liberdade de que o homem está dotado leva-o a não conviver somente com a natureza ou a ela simplesmente se adaptar, mas a viver bem. A esta exigência fundamental de viver bem se acrescenta o conceito de bem-estar, a necessidade de uma qualidade de vida da qual não se pode dissociar uma exigência ética fundamental. O ato cultural se apresenta, portanto, como uma decisão em favor da vida, do progresso, e deste modo se prolonga, sempre renovado e dinâmico, pela história das diversas culturas. A memória histórica muito ajuda a este dinamismo. Daí decorre também a necessidade de se cultivar permanentemente a cultura, de preservá-la das pressões que a enfraqueçam. Assim, a cultura de um povo sobrevive na medida em que seus valores são robustecidos e afirmados.

A Igreja, em sua missão salvadora de anunciar a boa nova a todas as nações, se encarna nas culturas mas não se identifica com nenhuma delas, «assumindo tudo que há de bom no substrato humano e nas formas de viver de todos os povos» (*Lumen Gentium*, n. 13,2).

A Igreja se interessa pelas culturas dos diferentes povos e civilizações, por dois grandes motivos. Primeiro, porque a cultura deriva, de modo imediato, do caráter racional e social do homem. Por conseguinte, promover a pessoa humana, como deseja o Concílio, significa interessar-se por esta expressão privilegiada e necessária da pessoa, que é a sua cultura. Segundo, porque o Evangelho deve ser anunciado no contexto cultural de todos os povos. (Cfr. *Gaudium et Spes* n.58-59).

O Concílio, tendo em vista o vínculo entre a pessoa e sua expressão cultural, pede com insistência o acesso de todos à cultura, sem distinção de raça, sexo, religião, nação ou condição

social, a fim de que todos possam atingir seu pleno desenvolvimento cultural, de acordo com suas capacidades e tradições.

Vede, pois, meus amigos, como são difíceis as tarefas e sérias as responsabilidades que vos incumbem, em virtude deste título tão nobre de homens da cultura. Neste posto de observação privilegiado do panorama cultural brasileiro, que é a Bahia, permiti-me recordar algumas destas tarefas e responsabilidades. Elas possuem especial realce e urgência ante o desafio de uma nova evangelização da América Latina, ao se completarem, no próximo ano, quinhentos anos do primeiro anúncio do Evangelho nestas terras. Com o lema «Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã», ela será o tema da IV Assembléia Geral do Episcopado Latino-Americano, a se reunir no próximo ano, em Santo Domingo.

Primeiramente, que o Evangelho, a fé, a religião, no confronto com as culturas vivas que devem ser salvas por Cristo, tenha para elas um papel decisivo, impregnando-as com os valores cristãos. Elas, ou não os receberam profundamente, ou os foram ofuscando pela influência perniciosa do secularismo, do consumismo, do relativismo e de outros males de uma modernidade que prescinde da mensagem de Cristo ou da presença fecundante da Igreja. A evangelização das culturas deve ser feita sempre de forma explícita, nelas provocando uma adesão vital e comunitária, em necessária conexão com a promoção humana, mas sem reducionismos ou ambigüidades.

Por outro lado, para que o Evangelho possa penetrar de modo eficaz e respeitoso nas culturas, deve ser por elas compreendido, deve falar sua linguagem, deve questioná-las e se deixar por elas questionar. Deve, pois, conhecer suas raízes, saber identificá-las, discernir os valores autênticos para assumilos, na medida em que sejam compatíveis com a mensagem evangélica ou para purificar os valores falsos ou os antivalores. Esta é a inculturação do Evangelho, não uma adaptação mais ou menos oportuna aos valores da cultura ambiente, mas uma verdadeira encarnação nesta cultura para purificá-la e redimi-la.

A cultura viva do Brasil é verdadeiramente um paradigma no continente latino-americano em virtude de suas dimensões e de sua tipologia. Sua origem está no encontro da cultura euro-

péia, na sua versão portuguesa, com as culturas indígenas e africanas. Um caldeamento racial e cultural marcou profundamente e continuará marcando a maneira de ser e de se expressar do povo brasileiro. Contudo, não se pode desconhecer que ainda persistem alguns grupos indígenas com sua cultura original e que há outros cujo grau de integração continua limitado.

A partir dos séculos XVI e XVII se lançaram as bases da cultura latino-americana, inclusive da brasileira, e de seu profundo substrato católico. A evangelização primeira do continente foi bastante profunda, a ponto de permitir à fé católica se tornar constitutiva de seu ser e de sua identidade. Isso ainda permanece na religiosidade popular, tão marcada por um especial sentido da transcendência e, ao mesmo tempo da proximidade de Deus e da intimidade com Ele. Uma sabedoria do povo que inspira o modo como as pessoas vivem, sua relação com a natureza e com o próximo, num sentido de festa, de solidariedade, de amizade, de parentesco e companheirismo, enfim, de tudo que torna típica a cordialidade brasileira e faz a vida simples e alegre.

A cultura nascente do novo homem que surgia no Brasil e na América Latina da mestiçagem das raças, ou que permanecia em alguns grupos indígenas ou africanos, começou a sofrer, a partir do século XVIII, a influência de um novo modelo de civilização. Forças antagônicas sociais e políticas, o impacto das ideologias dominantes do iluminismo, do liberalismo, do racionalismo e, mais recentemente, do marxismo e do secularismo, a busca de muitos de uma aparente segurança em alguns movimentos libertários ou conservadores, tudo isto produziu uma aceleração acentuada da história. Este fato está exigindo um enorme esforço de criatividade da parte dos povos latino-americanos que não quiserem ver suas culturas reduzidas a um segundo plano ou mesmo eliminadas (Cf. Celam, *Evangelização da cultura*, Rio de Janeiro, 1985, p. 75-78).

Sendo a cultura de um povo sua maior riqueza, não há missão tão importante como a que vos peço, de preservá-la em sua integridade, defendê-la das ameaças ou riscos de contaminação, de conservar seus valores evangélicos e cristãos. Neste momento, nesta Bahia que desde o início foi o local privilegiado

onde se plasmou a cultura brasileira, permiti-me formular os votos mais ardentes de um renovado vigor desta cultura em suas manifestações mais autênticas. Que o «substrato católico» da maneira de ser do homem brasileiro não se perca, mas adquira nova vitalidade. Que as qualidades humanas e cristãs do povo, os valores morais e espirituais que lhe dão uma feição tão singular não se frustrem nem se contaminem. Sobretudo que se conserve, como um verdadeiro dom de Deus, sua capacidade excepcional de integrar e de tornar solidários, sem qualquer tipo de discriminação, os diversos componentes étnicos de sua fisionomia humana em todo o Brasil.

Cabe-vos, homens e mulheres de cultura, como «construtores da sociedade», ser a consciência viva da Nação. Cabe-vos conduzi-la, sobretudo em seus segmentos mais favorecidos, a partilhar com maior generosidade os bens econômicos e as iniciativas de ordem social e política, feitas às vezes com não pequeno sacrifício para a população toda, visando o progresso do País, o bem comum de todos, em especial dos mais fracos e carentes.

Para a preservação e enriquecimento da cultura brasileira, muitos setores devem ser objeto da maior atenção.

Entre eles, em primeiro lugar, a família. Comprometidos na construção de uma civilização do amor, todos sabemos o papel da família, que é o serviço do amor e da vida. Na minha exortação apostólica *Familiaris Consortio*, deixei clara minha convicção de que a saúde e o bem-estar da sociedade passam necessariamente pela família.

Faço aqui um apelo a toda a sociedade brasileira, aos poderes públicos, aos legisladores, empresários, educadores, pastores e líderes religiosos, pais e mães de família, movimentos sociais e comunicadores, para que envidem todos os seus esforços a fim de que as famílias brasileiras possam encontrar condições melhores, no âmbito doméstico e no social, para bem cumprir sua missão. Este apelo torna-se urgente, porque é do meu conhecimento o drama de tantos lares desfeitos ou constituídos de modo instável, dos casais que somente se unem «por experiência», totalmente despreparados e imaturos para uma opção de vida tão séria, das crianças que não conhecem seu pai ou sem

ele vivem. Consolidar a união das famílias é indispensável para recuperar um dos pilares básicos da cultura brasileira.

Em segundo lugar, devo falar-vos da educação e de seus agentes. Uma cultura cresce e se aperfeiçoa na medida em que se abre para todos o acesso à educação integral. É ela condição indispensável para a promoção humana e a verdadeira libertação das pessoas e comunidades.

Falando da educação quero referir-me a todos os seus níveis, mas, em especial, sublinho os dois que ocupam os extremos da sua seriação. Inicialmente, o setor da alfabetização e da escolaridade primária, tão vital num país das dimensões geográficas e populacionais do Brasil. O percentual de analfabetos, sobretudo na área rural, o drama da evasão escolar nos primeiros anos do ciclo primário, exigem um esforço, a qualquer custo, para serem enfrentados. Não pode este País abrir mão de sua maior riqueza, o fator humano, como elemento decisivo para o desenvolvimento. Por outro lado, o ingresso do Brasil, com competência e respeito da parte dos outros povos, no concerto das nações mais avançadas exige a contribuição indispensável do seu nível de estudos superiores. O progresso verdadeiro de um país se mede pela possibilidade de acesso dos seus jovens nos estudos universitários, com sua dupla função de formar profissionais de nível superior e de realizar e promover a pesquisa pura e aplicada.

No Brasil, cujas universidades, por motivos históricos de todos conhecidos, são relativamente jovens em relação às de outros países do continente, vejo com alegria e admiração o esforço realizado que recuperou uma defasagem de três séculos. Possui o Brasil, hoje, inclusive 16 universidades católicas, das quais cinco, pontificias. Em íntima cooperação com as universidades públicas, realizam elas um trabalho de extraordinário valor no campo da promoção da cultura nacional. Reconheço o esforço do Episcopado brasileiro, com o apoio de sacerdotes, de religiosos e de religiosas, de professores e de estudantes, para promover uma pastoral universitária séria e um diálogo consistente entre a fé e a cultura.

A este propósito, cabe-me apresentar à Universidade Católica de Salvador, seus dirigentes, professores, funcionários e

alunos, minhas efusivas congratulações por seus trinta anos de fundação e meus votos de grande progresso no futuro, no novo *campus* em construção na bela região de Pituáçu.

Saúdo com muita alegria as outras universidades e escolas superiores católicas e, de modo especial, sua entidade representativa, a Associação Brasileira de Escolas Superiores Católicas — Abesc —, cujo trabalho sei como tem sido profícuo nestes últimos anos, minhas felicitações a todas as instituições públicas e privadas de ensino superior do Brasil, a todos os institutos de formação técnica, entre os quais destaco, neste seu primeiro cinquentenário, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial — Senai —, benemérita contribuição da indústria brasileira para a capacitação profissional de tantos jovens. Quero, enfim, apresentar minha saudação amiga aos grupos, entidades e movimentos culturais aqui representados. Desejo a todos uma vitalidade cada vez maior e o reconhecimento por todas as instâncias responsáveis pela promoção da cultura neste País, de seus trabalhos e de seus méritos.

A hora que vivemos é crucial para o Brasil e para o mundo. Tem-se a impressão de que uma página decisiva da história, para toda a humanidade, está sendo virada neste final de milênio. Em especial no imenso continente que celebra o quinto centenário de sua evangelização. Peço ao Senhor, e que todos peçam comigo, que nos inspire e proteja neste caminho que devemos percorrer. Tenho firme esperança em vós, homens e mulheres que fazeis da cultura vosso trabalho. Estou certo de que sabereis escrever uma nova página, bela e fecunda, nos anais da história tão rica da evangelização da cultura de vosso povo. E como penhor da graça e proteção divinas para vosso ideal de serviço, dou-vos de coração minha bênção, e vos encomendo à proteção da Virgem Maria, a «sede da sabedoria». Muito obrigado!

*Saudação pronunciada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante encontro com intelectuais,
na Catedral de Salvador, Bahia,
no dia 20 de outubro de 1991.*

Oração do *Angelus* em Salvador, Bahia

Amadíssimos irmãos e irmãs de Salvador e de todo o Brasil,

Seguindo uma tradição criada e mantida por meus antecessores, todos os domingos, estando em Roma, recito, da janela do meu apartamento, com numerosos fiéis congregados na praça de São Pedro, no Vaticano, a saudação mariana.

Encontrando-me em Salvador, desejei rezar o *Angelus* nesta bela igreja, santuário mariano de toda a Bahia e centro da devoção dos baianos.

Essa devoção faz parte do inestimável patrimônio de fé e religião que Portugal legou ao Brasil. É sabido, com efeito, que, desde seu berço, a nação lusitana, chamada Terra de Santa Maria, primou por um amor, ao mesmo tempo forte e terno, à mãe de Jesus Cristo e mãe dos homens. Os missionários vindos do mundo português, os sacerdotes, as religiosas e leigos implantaram no país recém-descoberto os mesmos sentimentos para com a Virgem Maria.

Testemunho da devoção mariana dos brasileiros são, entre outros, as inúmeras paróquias, igrejas e capelas dedicadas à mãe de Deus. Na Bahia, o mais expressivo santuário erguido em sua honra é este templo, consagrado a Nossa Senhora da Conceição da Praia, expressão da fé católica e de um filial amor à

Virgem Maria no mistério da sua Conceição Imaculada. O significado deste templo ficou ainda mais enriquecido, quando, em 1971, meu predecessor Paulo VI deu-lhe o título de Basilica Menor e declarou Nossa Senhora, sob o título da Conceição da Praia, padroeira única e oficial não só da cidade de Salvador, mas de todo o Estado da Bahia.

Permiti, ó Mãe Imaculada, que quase ao término desta minha visita pastoral ao Brasil, vindo venerar-vos neste vosso templo, eu vos consagre mais uma vez a Bahia, pedindo para ela, seus pastores, seus governantes e seu povo, a vossa proteção materna. Eu vos consagro igualmente toda a Nação brasileira, suplicando-vos que a ajudeis a superar todas as crises e dificuldades e a retomar o caminho do progresso, na justiça, na concórdia e na paz.

Bendita entre todas as mulheres, eu Vos peço pela mulher brasileira, pela mulher baiana, para que tenha condições de assumir seu lugar de eminente dignidade na sociedade civil e na comunidade eclesial. Eu vos peço, de modo particular por aquelas que, renunciando a tudo para unir-se estreitamente à cruz do vosso Filho e à sua ressurreição, consagraram-se a Deus pelos votos e conselhos evangélicos.

Eu vos rogo também pelos membros das confrarias e irmandades deste templo, para que sejam filhos devotados e fiéis da Igreja Católica Apostólica Romana.

Que a Virgem da Conceição, toda entregue ao desígnio e vontade de Deus, do *fiat* da anunciação ao *fiat* da cruz, vale a cidade de Salvador, a arquidiocese e dioceses sufragâneas e sobre todo o Estado da Bahia.

*Oração do Angelus rezada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
na Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia,
em Salvador, Bahia,
no dia 20 de outubro de 1991.*

Homilia em Salvador, Bahia

«Nossa alma espera no Senhor» (*Sal 32/33,20*)

«Senhor, esteja sobre nós a tua graça» (*Sal 32/33,22*).

Assim reza o salmista. Assim ergue a Deus o seu grito, em nome do seu povo, do povo que o Senhor e Deus verdadeiro escolheu e envolveu com sua graça. Muitas vezes, Deus deu a conhecer a este povo a graça da sua eleição e vocação na história de toda a grande família humana. Dizia a este povo: «Eu sou o Senhor teu Deus, que te fez sair do país Egito, da condição de escravidão; não terás outros deuses diante de mim» (*Ex 20,2-3*). Assim falava Deus ao povo eleito, estabelecendo com ele uma aliança e manifestando-lhe sua vontade, por meio de Moisés, no sopé do monte Sinai.

«Senhor, esteja sobre nós a tua graça». Será só em nome do seu povo — Israel — que o salmista eleva o seu grito ao Senhor? Não estará presente no seu grito a voz de todos os povos e de todos os homens em toda a Terra? À espera do Senhor não estão as almas de todos? Não esperavam pelo Senhor, o Deus verdadeiro, as almas de todos os homens e povos, que habitavam no grande continente americano, antes mesmo que aqui desembarcassem os apóstolos chamados pelo Senhor — os apóstolos da graça e da salvação?

«Esteja sobre nós a tua graça»...

A graça, isto é, o amor da divina eleição, abraça todos os homens no verbo eterno: o Filho consubstancial ao Pai. Do Pai e do Filho procede eternamente o Espírito, sopro salvífico de amor, com o qual Deus envolve e penetra toda a criação e, de modo peculiar, as almas dos homens criados à imagem e semelhança de Deus.

Isso acontece, por obra do Filho que se fez homem, o divino Emanuel: «Cresceu como um rebento diante dele e como uma raiz em terra árida», segundo as palavras do profeta Isaías (*Is 53,2*). Cresceu na história da humanidade como o Filho da Virgem de Nazaré, Maria, a qual, em virtude do Espírito Santo, O concebeu e O deu à luz. NEle, o Deus eterno e inefável deu cumprimento às esperanças do homem: «O olhar do Senhor vela sobre quem o teme, sobre quem espera na sua graça» (*Sal 32/33,18*); em Cristo, Deus e homem se deteve em cada homem «para livrá-lo da morte e nutri-lo no tempo da fome» (*Ibid*, v.19).

Cumpriu-se tudo isso por obra da cruz, como anunciava o mesmo profeta Isaías, quando afirmava: «Aproveu ao Senhor prostrá-lo com padecimentos. Quando se oferecer, a si mesmo, em expiação (...) cumprir-se-á por meio dele a vontade do Senhor. O justo meu servo justificará a muitos, tomará sobre seu dorso suas iniquidades» (*Is 53, 10-11*).

Assim, pois, o Filho consubstancial ao Pai, Deus nascido de Deus e luz nascida da luz, como homem nascido de uma virgem, tornou-se servo: servo da santidade de Deus, servo dos desígnios eternos e salvíficos de Deus. Servo da nossa eterna salvação, de nós homens, de todos os homens.

Quando contemplamos o crucificado, cumpre-se aquilo que Isaías profetizava. Aqui, diante de nós está Cristo: «Desprezado, rejeitado pelos homens, homem das dores» (*Is 53,3*). Ei-lo diante de nós, o Cristo, servo da eterna salvação do homem, de todos os homens, povos e nações.

Deste modo, Ele se tornou, como proclama o apóstolo na carta aos hebreus, sumo sacerdote, o único sumo sacerdote de toda a história do cosmos, da história do homem no mundo, em todos os continentes.

Ao ordenar aos seus apóstolos, com persuasiva clareza, «Ide» (Mc 16,15), e ao assegurar-lhes «Eu estarei convosco» (Mt 28,20), o Messias, crucificado e morto, mas ressuscitado, os constituía, sem reserva e sem retorno, arautos, testemunhas e comunicadores da graça salvífica, outrora invocada pelo salmista, prometida pelos profetas, agora garantida por Ele, Filho do Pai eterno. Aos quatro horizontes correram os 12, portadores da salvação e impelidos no mais íntimo de si próprios pela urgência de anunciá-la como «boa notícia» e como fonte de vida.

Também, às costas da América, há quinhentos anos, às costas da terra que chamaram Vera Cruz e Santa Cruz, antes de chamá-la Brasil, foram chegando, em levadas sucessivas, os mensageiros e ministros da graça da salvação, sacerdotes do clero diocesano, franciscanos e dominicanos, carmelitas e mercedários, beneditinos e jesuítas, precederam muitos outros. Eles assumiram corajosamente estas terras imensamente vastas, como campo de sua missão. Eles deram início, sem a mínima demora, à tarefa da evangelização por eles entendida como anúncio claro e explícito de Jesus Cristo, seu nome, sua pessoa, sua boa nova salvífica, suas normas de vida. Mas também para conviver com os habitantes destas plagas, defendendo seus direitos e promovendo sua dignidade de seres humanos. A gesta destes homens teve rasgos de heroísmo, de solidariedade humana e, ao mesmo tempo, ardores de caridade sobrenatural, de fé contagiante, de zelo apostólico abrasador.

Evocando esta epopéia missionária da primeira evangelização aqui, neste solo generoso e sob o céu da Bahia, não posso deixar de pronunciar um nome que é todo um programa: o do padre José de Anchieta, merecidamente cognominado «o Apóstolo do Brasil». Eu tive a íntima satisfação de elevar às honras dos altares, beatificando-o na basílica Vaticana, poucos dias antes da minha primeira viagem ao Brasil, este filho de Tenerife, que, entrando na Companhia de Jesus e vindo pouco mais que adolescente à Terra de Santa Cruz, aqui viveu vida santa e apostolar, toda dedicada à educação humana e cristã dos índios em meio a sofrimentos e tribulações de toda ordem. Como superior da companhia, ele passou anos da sua existência nesta cidade de Salvador, antes de morrer, consumido pela fadiga mais

do que pela idade, junto ao mar de Reritiba, no Estado do Espírito Santo, que ontem visitei.

Aqui, onde teve início e primeiros desdobramentos da obra evangelizadora, mais do que questionar o passado, devemos interrogar-nos sobre o presente. Mais do que perguntar-nos como foi, que obstáculos enfrentou, que limites e condicionamentos conheceu a primeira evangelização, devemos e queremos deixar-nos interpelar pela segunda evangelização da qual somos protagonistas.

A indagação que deve provocar-nos de modo particular neste domingo de outubro, tradicionalmente consagrado às missões, é uma das que registrei na recente encíclica *Redemptoris missio*. Vós, baianos, homens e mulheres, anciãos, adultos, jovens, adolescentes e crianças, letrados ou de pouca instrução, vós, de que modo continuais a obra dos vossos pais na fé? Que é feito da missão e da evangelização, que deve apresentar-se como nova evangelização, em Salvador e na Bahia de hoje?

Aqui na Bahia oferece-se de imediato, evidente, ineludível, o «mundo» dos que se afirmam cristãos e católicos por origem familiar, pelos sacramentos que receberam, pela prática mais ou menos freqüente das normas e preceitos da Igreja. Entre eles, há os mais empenhados na comunidade eclesial, na sua vida e atividade, como também os que padecem da insuficiente formação religiosa e são, por isso, vulneráveis às superstições, ao sincretismo religioso, ao fascínio de grupos ou correntes religiosas incompatíveis com a fé católica. Este mundo religioso de grandes proporções, no qual se insere a complexa realidade da religiosidade popular, com suas várias facetas, tem urgente necessidade de perseverante e cuidadoso atendimento e clama por ele com uma resignação urgida de dramático sofrimento espiritual.

Um outro «mundo», não menos necessitado, é dos indiferentes; dos que foram católicos num passado mais ou menos recente, mas por falta da presença ativa de pastores, pela turbulência da vida, pela influência dos estudos e leituras, pela negligência, abandonaram toda prática religiosa. É muito grande o número dessas pessoas ligadas à sua fé original, somente pelo tênue vínculo de uma prática religiosa esporádica.

Há também o «mundo» dos marcados pelo ateísmo ideológico ou pelo ateísmo prático — do hedonismo e do consumismo —, pelo secularismo, pela total ausência de um referencial religioso. Fazem parte deste «mundo», predominantemente elementos das classes superiores, sobretudo jovens ou jovens adultos das universidades, engajados em atividades decisórias na sociedade. Sente-se a urgente necessidade de inserir o Evangelho neste «mundo», do qual, queiramos ou não, provêm em grande parte os grandes rumos da vida política, social, econômica e cultural de uma cidade, de um estado, de um país.

Mas o Domingo das Missões desperta na nossa consciência também o dever missionário *ad gentes*.

O senso desse dever, quando vivido com certa plenitude, produz hoje um resultado: as igrejas, mesmo pobres, dão da sua pobreza a outras mais pobres ainda. Neste sentido, o documento de Puebla traz esta afirmação de enorme alcance: nosso continente é missionário, no sentido de precisar ainda, e muito, da contribuição missionária de outros países. É missionário também porque, no interior do próprio país, missionários de uma região mais dotada de recursos e de pessoas dão a outras mais carentes; é missionário, enfim, porque já se começa a enviar missionários *ad gentes* a outros continentes.

Estou informado de que já centenas de sacerdotes, leigos e religiosos brasileiros aceitaram a missão *ad gentes* e hoje estão em terras distantes, comprometidos com a ação missionária em todas as suas dimensões. Ofereço o meu mais claro e vigoroso incentivo, de um lado, ao programa «Igrejas Irmãs», válido instrumento do mandato missionário no interior do próprio País, e, de outro lado, aos programas de «missões» *ad gentes* a partir do Brasil.

Sinto, neste ponto da homilia, o impulso interior de dirigir-me à toda a Igreja peregrina no Brasil inteiro. Peregrina nos estados e territórios que não me foi ainda possível visitar, a cujos pastores, governantes e povo envio daqui a minha bênção apostólica mais escolhida: o pequeno e querido Sergipe, geograficamente próximo da Bahia e eclesialmente unido ao Regional Nordeste III, com sua arquidiocese e dioceses sufragâneas. Acre e Rondônia, Amapá e Roraima. Peregrina em cada cida-

de, aldeia e povoação; em cada comunidade eclesial de base, paróquia e diocese. Em cada fábrica, mina, gleba ou fazenda, escola ou universidade. Em cada família acalentada pela felicidade e pela alegria, ou batida pela dor e pelo luto. Peregrina nos hospitais e nas prisões, nos estádios e nos lugares de divertimento honesto e sadio. A esta Igreja peregrina na esperança, comunhão de fé, amor, oração e serviço mútuo entre pastores e fiéis, exorto: «Sê, no meio do mundo, testemunha fiel e confiável da imensa ternura de Deus para com a humanidade!».

À Igreja que se constrói cada dia na Arquidiocese de Salvador e no Estado da Bahia, ao seu Cardeal Arcebispo, dom Lucas Moreira Neves e aos demais bispos, presbíteros e diáconos, pessoas consagradas e leigos, quero deixar, por ocasião deste segundo encontro, a expressão da minha afeição e minha bênção apostólica, especialmente para os mais pobres e carentes, os mais necessitados e esquecidos. O Filho de Deus, o Senhor do Bonfim, a cujos pés me prostrei em adoração esta manhã, abençoe Salvador e a Bahia, os responsáveis pelo bem comum e toda a população.

Encontrando-nos, pois, neste momento histórico — verdadeiro Kairos — da evangelização e da missão *ad gentes*, é preciso escutar as palavras dirigidas por Jesus Cristo aos apóstolos, e em particular aos dois filhos de Zebedeu, Tiago e João: **Podeis beber o cálice que eu bebo e receber o batismo com o qual sou batizado?** (Mc 10,38).

Podeis tomar parte da cruz salvífica da redenção? Estais dispostos a perseverar sob o poder do espírito de verdade, mesmo passando pelos trabalhos e sofrimentos, mediante o ministério da palavra e da caridade? Sob o poder do espírito que se doa aos corações humildes e fortes?

E Cristo continua: Não penseis nas honrarias deste mundo, nas grandezas terrenas. **Quem quiser ser grande no meio de vós, deve tornar-se vosso servo — servo de todos.** «O Filho do homem, com efeito, não veio para ser servido, mas para servir e dar própria vida em resgate por muitos» (Mc, 10, 43-45).

Um dia, Cristo perguntou aos apóstolos: **Podeis?** — e estes responderam: «Podemos» (Mc 10,39).

Hoje, o mesmo Cristo vos pergunta — a vós, baianos, a vós, brasileiros —, a vós que sois o povo de Deus e a Igreja do Deus vivo: «Podeis colocar-vos, para o vosso bem e o bem de vossos irmãos e irmãs, ao serviço da minha palavra e dos meus sacramentos, da minha boa nova de salvação, ao serviço da esperança que vim trazer e do amor que vim acender para que abra-se o mundo? Podeis, vós jovens, renunciar aos ídolos do ter, do poder e do prazer e dar testemunho de perfeita adesão a mim, aceitando seguir-me pelos caminhos da vida consagrada e do ministério diaconal e presbiteral? Podeis abraçar o chamado que, neste sentido vos faço: «Vem e segue-me!», como diz a cada um dos 12? Podeis entregar o melhor de vossa vida aos pobres, aos doentes, aos marginalizados, aos pecadores, aos distantes de Mim e de meu Pai?»

Seja a vossa resposta também: «Podemos, Senhor! Não por nossa capacidade, mas por vossa graça. Podemos, tudo podemos em vós que nos dais força!» (Cfr. *Fil* 4,13).

*Homilia pronunciada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante missa celebrada,
no Aterro da Boca do Rio da Armação,
em Salvador, Bahia,
no dia 20 de outubro de 1991.*

Saudação de Despedida ao Papa

Beatíssimo Padre,

Termina hoje sua segunda visita ao Brasil e é tempo de o vermos partir, tomados da certeza de que sua palavra germinará na consciência de milhões de brasileiros. Onze anos depois, a volta de Vossa Santidade teve o poder de descerrar entre nós um espaço de reflexão, para que todos, cristãos ou não, repensássemos nossas vidas e a vida da comunidade nacional.

Ao tocar em diferentes aspectos do Brasil de hoje, em temas como a desigualdade social, na cidade e no campo, ou a situação das crianças e dos indígenas, o Santo Padre destacou aquelas mesmas prioridades que dominam nosso cotidiano.

O pastor da Igreja, que segue de Roma com zelo constante o destino de nosso País, teve ocasião de ver de perto quanto temos avançado, de avaliar a extensão e a natureza dos problemas que permanecem. Terá encontrado uma sociedade diferente daquela que visitou em 1980. Alcançamos o pleno exercício da democracia, e, dentro desta, a valorização irrestrita dos direitos humanos civis e políticos. Somos um povo que amadureceu na liberdade reconquistada, embora ainda espere pela integralização da dignidade social e econômica a que todos têm direito.

Sabemos, Santo Padre, que o trabalho de reconstrução apenas começou. O legado que recebemos de nossos antepassa-

dos encerra, ao lado de vasto patrimônio de cultura e valores, também o produto de longa privação do debate livre das idéias e o pesado fardo histórico de uma economia fundada outrora no trabalho escravo.

Lembrou o Santo Padre, em suas palavras de Brasília, que embora os objetivos da Igreja e do Estado sejam distintos, «confluem num ponto de convergência: o homem e o bem da pátria». Esta sintonia entre o amor cristão ao próximo e o dever de convivência dos súditos do Estado faz ver que o homem não pode suportar o sofrimento do homem sem que se sinta obrigado à solidariedade. Ir além dos interesses de caráter parcial e de curto prazo é o que querem hoje o Governo e o povo brasileiros. A responsabilidade compartilhada a que convidou o Presidente da República, essencial no enfrentamento dos problemas que atravessa o País, só será possível como consequência do espírito de reconciliação, de reencontro.

Esta, Santidade, é a essência da mensagem que o Brasil, compreendendo os que professam a fé católica e todos os outros, guardará da visita que hoje termina.

Acima de partidos ou grupos, une-nos a certeza de que a sociedade brasileira está obrigada, e com urgência, a resgatar a dívida social — de que as presentes gerações não são culpadas, mas que já não se pode transferir no espaço ou no tempo.

A cristandade define o homem antes de tudo como pessoa, bem mais que simples elemento de um todo, seja a nação, a raça ou a classe. Ao final do século, esta idéia recobra sua força, desiludidos que fomos pelos excessos do nacionalismo, pelo conflito de classes e, mais que tudo, pelo horror do racismo em todas as suas formas. Da percepção do homem como pessoa, que detém por essa só qualidade uma série de direitos, pode nascer o fundamento para a construção de sociedades melhores, em todo o mundo, na proximidade de um novo século.

O Brasil vive em paz, quando tantas nações se dilaceram. Também em paz convive com seus vizinhos, num quadro internacional de onde o espectro da guerra e das crises regionais não foi ainda afastado.

Os mesmos vínculos que unem, em meio às distâncias enormes que Vossa Santidade acaba de percorrer, brasileiros do

Norte e do Sul, aproximam em sua humanidade cada cidadão deste mundo desigual e difícil. Ajudarão a superar as injustiças internas que ainda enfrentamos, e que não recusamos reconhecer, aqueles países mais prósperos que também buscarem — por meio do comércio desimpedido, do acesso ao conhecimento científico, de uma visão mais sensata do tema da dívida externa, de recursos para a proteção do meio ambiente — superar os descompassos que ameaçam eternizar-se. Neste plano, como no interno, há de pesar a palavra da Igreja, formadora de opinião e diretora de consciências.

Conforta-nos que esta não seja exatamente uma despedida. O Santo Padre permanece, como sempre esteve, preso de coração e espírito ao Brasil, interessado em nosso destino, preocupado com nossos problemas, feliz com nossos êxitos. Deus há de permitir que volte ainda para ver-nos mais adiantados na tarefa de construir, em definitivo, o País que desejamos e acreditamos merecer.

Quis Vossa Santidade que fosse Salvador da Bahia a última escala dessa sua peregrinação por terras brasileiras, e daqui levará, viva, a lembrança de todos os nossos contrastes. São Salvador da Bahia, sede primaz do Brasil, é, como Roma, por obra do cristianismo e dos valores humanos do seu passado, reduto de muita fé e terra de incontáveis Igrejas. Possam os campanários dessas duas cidades, há cinco séculos unidas na fé comum, renovar ao toque dos seus sinos, sobre a vastidão do oceano, o mistério de uma perene comunicação entre a alma confiante do povo brasileiro e o sucessor de Pedro, o pastor itinerante que agora se despede, depois de haver fortalecido em nós a noção do caminho, da verdade, da vida.

*Saudação pronunciada por
Sua Excelência o Senhor Francisco Rezek,
Ministro de Estado das Relações Exteriores,
à Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante sua despedida do Brasil,
no Aeroporto 2 de Julho, em Salvador, Bahia,
no dia 21 de outubro de 1991.*

Cerimônia de Despedida do Brasil

*Excelentíssimo Senhor Ministro das Relações Exteriores,
Excelentíssimos Senhores Membros do Governo Federal,
Estadual e Municipal,
Queridos amigos brasileiros,*

Devo dizer que, infelizmente para mim, chegou a hora do adeus. Desejo, porém, antes de iniciar minha viagem de retorno, agradecer à Sua Excelência o Senhor Presidente da República, aqui representado pelo seu Ministro das Relações Exteriores, ao qual estou agradecido pelas suas amáveis palavras. Agradeço também aos membros do Governo e às demais autoridades e ao Episcopado do Brasil, a acolhida que me foi dispensada desde que iniciei minha visita apostólica em solo brasileiro.

Permitam-me colocar em primeiro lugar meus irmãos no Episcopado, assim como o fiz na minha chegada em Natal. É em suas mãos que fica entregue essa imensa população católica do Brasil. Agradeço pelo empenho e trabalho, feito em espírito de alegria e sacrifício, para que, em estreita colaboração com as autoridades do País, se cumprisse plenamente o plano traçado para minha viagem. Agradeço aos senhores dirigentes da Nação, pela manifestação de fraterna amizade com que souberam ressaltar vossa estima pelo sucessor de Pedro. Devo dizer-vos que, ao longo destes dias, me foi dado comprovar o grau de

vossa dedicação, aliado a uma eficiente organização, para que tudo saísse a contento.

Meu agradecimento enfim, a esse povo brasileiro tão cordial e hospitaleiro, cuja inesquecível acolhida nas várias capitais de estados por onde passei, dificilmente se apagará da minha memória. A toda esta constelação de raças e de culturas, que fazem um só povo, irmanado por um único objetivo que é o de fazer do Brasil uma nação grande e próspera, desejo dizer a alegria que me causou seu calor humano, seu entusiasmo, seu carinho pelo Papa. Ao despedir-me de todos que puderam acompanhar-me diretamente, ou pelo menos através do rádio e da televisão, asseguro que levo no coração o brilho de seus olhares, suas palavras, seus sorrisos, e, também suas súplicas. O Papa deseja voltar para Roma com essa recordação. Ela será luz para seus caminhos e estímulo para invocar a Deus Todo-Poderoso uma proteção especial para o Brasil, uma verdadeira paz e prosperidade, ajudando os brasileiros a amar sua Pátria e reconhecer, no Deus único e verdadeiro, a fonte da verdade e da felicidade.

Por feliz coincidência, amanhã recordarei mais um aniversário do início do meu pontificado. Mais uma vez quero renovar o meu apelo, que sempre tenho feito a todos os homens de boa vontade: «Não tenhais medo de acolher a Cristo e de aceitar o seu poder». Esta foi, em síntese, a mensagem que norteou meu pensamento nesses dias no Brasil.

Aquele que se definiu com «a luz no mundo» (*Jo 8,12*) quer ser o centro e a raiz da felicidade que deve brilhar em cada coração. Neste momento quero recordar que a autêntica felicidade só se consegue junto a Deus, que permanece à vossa espera para cumular-vos com todos os seus dons, especialmente na Eucaristia. Que a santa missa que celebrei em Natal, no encerramento do XII Congresso Eucarístico Nacional, constitua para todos uma perene lembrança que inspire vossa atitude como cristãos: viver com o olhar voltado para Cristo, nosso redentor, nele encontrando o exemplo e a coragem de amar os irmãos, especialmente os mais pobres e necessitados.

Quando hoje, após nove dias de peregrinação por terras brasileiras, chegou a hora da despedida, meu coração está cheio

de gratidão, porque, ao acolherdes o sucessor de São Pedro, quisestes acolher também a mensagem que Jesus Cristo, nosso salvador veio trazer ao mundo.

Sim, queridos brasileiros! Minha palavra, minha presença, e minha oração, quiseram ser porta-voz do mesmo Cristo que veio ao mundo para «dar testemunho da verdade» (*Jo 18,37*). Procurei levar a todos os ensinamentos do Evangelho, pregando a doutrina cristã com todas as suas conseqüências, para a vida de cada um e de toda a sociedade. A fé verdadeira, a doutrina autêntica são, como efeito, condições indispensáveis e fundamentais para toda obra evangelizadora. Por isso, quis apresentar-vos a insubstituível garantia que só Cristo pode dar, e orientar-vos com uma doutrina segura que leva à autêntica liberdade dos filhos de Deus.

Nos meus diversos encontros com vários segmentos da sociedade, pude ver uma Igreja viva, na qual bispos e sacerdotes, religiosas, catequistas e movimentos de apostolado e acima de tudo, fiéis das mais diferentes condições de vida, jovens e anciãos, se comprometem na missão evangelizadora com fé e dinamismo. A todos desejo dizer que não se entreguem ao desânimo quando vossos trabalhos vierem a exigir grandes sacrifícios, para que a luz do Evangelho chegue a todos que ainda não conhecem a Cristo. Lembrai-vos da promessa do redentor: «Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos» (*Mt 28,20*).

O Papa leva no fundo do coração o desejo sincero e a esperança viva, de que a Nação brasileira trilhe sempre pela senda da valorização da dignidade do homem, saiba acolher com generosidade o dom da vida, respeite e preserve a unidade da família, resguarde e defenda os direitos do homem no seu trabalho e no convívio social. Meu olhar se dirige a todos que sonham com uma vida melhor, nas cidades ou no campo, na fábrica ou no escritório, à beira-mar, ou neste imenso interior do Brasil. Por isso, elevo minhas preces a Deus Todo-Poderoso, para que ilumine os governantes a fim de que continuem se inspirando nos princípios evangélicos que fizeram do Brasil, um país inconfundível na sua fisionomia católica. Queira Deus que nesta Terra de Santa Cruz possa reinar a paz, inspirada pela jus-

tiça e pela solidariedade humana. Para isso vim ao Brasil, para isso tive a alegria de conviver convosco estes dias inesquecíveis.

Agradeço ao senhor Ministro das Relações Exteriores, dr. José Francisco Rezek, as atenções que o Governo brasileiro quis dispensar-me. Renovo igualmente meus agradecimentos aos governadores e prefeitos que me acolheram tão carinhosamente e me hospedaram em seus estados e cidades.

Desejo dirigir um particular agradecimento a todos os que, em nível federal ou estadual, coordenaram as complexas operações exigidas durante a minha visita e as que incluíram as forças militares e de polícia. Quero apresentar, aqui, meu reconhecido apreço aos meios de comunicação e informação, por terem garantido o maior âmbito da cobertura de minha viagem apostólica.

Dirijo um particular agradecimento à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, pelo cuidado que teve ao organizar esta visita. Agradeço especialmente ao seu presidente, dom Luciano Mendes de Almeida e ao secretário dom Antonio Celso Queiroz.

A todos os irmãos no Episcopado, com os quais me sinto tão unido, aos sacerdotes, aos religiosos e religiosas, a todos os irmãos, homens e mulheres, especialmente aos que sofrem, a todos digo, do fundo do coração: Muito Obrigado!

Muito Obrigado a todos! Meus melhores votos de prosperidade! Deus lhes pague e abençoe o Brasil, sob a contínua proteção de Nossa Senhora Aparecida!

Meus queridos irmãos e filhos, o Papa vai viajar, mas leva todos no coração!

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

*Saudação pronunciada por
Sua Santidade o Papa João Paulo II,
durante sua despedida do Brasil,
no Aeroporto 2 de Julho, em Salvador, Bahia,
no dia 21 de outubro de 1991.*

ESTA OBRA FOI COMPOSTA
E IMPRESSA PELA
IMPrensa NACIONAL,
SIG, QUADRA 6, LOTE 800,
70604 BRASÍLIA, DF,
EM NOVEMBRO DE 1991, PARA
A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA,
COM UMA TIRAGEM DE
2.000 EXEMPLARES

Fotos: Sérgio Lima



«Permitam-me manifestar à sociedade brasileira minha alegria e felicitações por dois eventos. Primeiro, pela criação de um Ministério da Criança. Faço votos que este órgão possa encontrar a criatividade e a agilidade necessárias, e os indispensáveis recursos, para levar remédio a todos os problemas que afligem a criança brasileira. Alegria e felicitações, em segundo lugar, pela promulgação, ainda recente, do Estatuto da Criança e do Adolescente. Pude acompanhar, com interesse, sua elaboração. Alegro-me por saber que esse Estatuto está em vigor, aprovado pelas duas casas do Congresso Nacional e, portanto, por um certo consenso de todo o povo brasileiro».

Papa João Paulo II

